

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Mariana Alves de Aguiar

***ETIAM SPECIE INANIMUM VALIDUS (Anais, XIII, 8, 3):***  
**o papel de Agrícola e Corbulão na narrativa de Tácito**

Mariana  
2013

Mariana Alves de Aguiar

***ETIAM SPECIE INANIMUM VALIDUS (Anais, XIII, 8, 3):***  
**o papel de Agrícola e Corbulão na narrativa de Tácito**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, na área de Poder e Linguagens e na linha de pesquisa Ideias, Linguagens e Historiografia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. FÁBIO FAVERSANI

Mariana  
2013

A282e

Aguiar, Mariana Alves de.

*Etiam specie inanium validus* (Anais, XIII, 8, 3) [manuscrito]: o papel de Agrícola e Corbulão na narrativa de Tácito. / Mariana Alves de Aguiar. – 2013.

106f.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Faversoni.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

1. Gerais - Teses. 2. Tácito, Cornélio - Teses. 3. Imperadores romanos - Teses. 4. Aristocracia (Ciência política) - Teses. I. Faversoni, Fábio. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(37):321.15

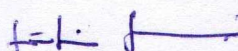
Catálogo: [sisbin@sisbin.ufop.br](mailto:sisbin@sisbin.ufop.br)

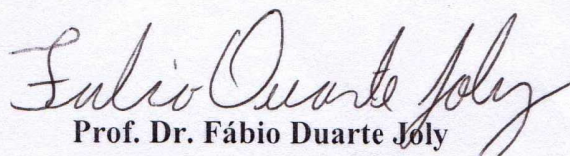


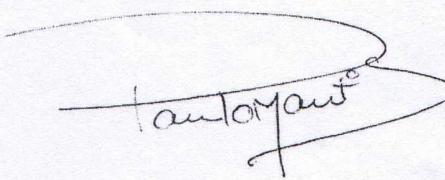
**Mariana Alves de Aguiar**

“*ETIAM SPECIE INANIMUM VALIDUS*: O Papel de Agrícola e Corbulão na narrativa de Tácito”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

  
**Prof. Dr. Fábio Faversoni**  
UFOP

  
**Prof. Dr. Fábio Duarte Joly**  
UFOP

  
**Prof. Dr. Paulo Martins**  
USP

**A meus pais, Marilene e Rui.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Universidade Federal de Ouro Preto, instituição em que passei estes últimos sete anos e que ofereceu a estrutura que me permitiu desenvolver esta pesquisa. Agradeço aos professores do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP, com particular atenção ao professor Celso Taveira pela amizade e incentivo em minha pesquisa.

Entre os pesquisadores da área de História Antiga e os que fazem parte do LEIR (Laboratório de Estudos sobre o Império Romano), agradeço àqueles que muito me incentivaram, os professores Alexandre Agnolon (UFOP), Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG), Fábio Duarte Joly (UFOP) e Norberto Luiz Guarinello (USP). Aos dois últimos sou especialmente grata pela participação na banca de qualificação – principalmente ao Fábio Duarte Joly que acompanhou todo o meu processo de escrita da dissertação e fez parte da banca de defesa. Agradeço ao professor Paulo Martins (USP) por ter aceitado o convite para compor a banca de defesa.

Agradeço também ao professor e orientador Fábio Faversani por todo o auxílio prestado durante a minha graduação e pós-graduação, pelo incentivo, por ter acompanhado constantemente a minha pesquisa, mesmo morando longe, e principalmente pela paciência.

Agradeço aos alunos do LEIR-UFOP, João Victor Lana de Freitas, Prema Hari Perroni Campos, Mamede Queiroz Dias, Daniela Barbosa da Silva e, especialmente, Willian Mancini Vieira, Sarah Fernandes Lino de Azevedo e Lucas Almeida de Souza, grandes amigos e companheiros que contribuíram não apenas com o meu crescimento acadêmico, mas também com meu crescimento espiritual, oferecendo sempre apoio em vários momentos da minha vida em Mariana-MG.

Entre as amigadas que fiz na cidade de Mariana, destaco Luisa Fantini, Thales Gayean, Lucília de Souza e Flávio Lacerda. Obrigada pela convivência e pelo companheirismo.

Registro também uma enorme gratidão à família Oliveira e Souza – Stela, Carmem e Paulo César. Na falta da minha família, conquistei outra na cidade de Mariana. Obrigada pelo apoio, carinho e amizade. Em especial, agradeço ao Francisco Emmanuel, meu companheiro e amor, por me permitir fazer parte da sua vida. Agradeço ainda ao meu cachorro Fagundes pela fofura sem limites.

Agradeço também aos meus pais Rui e Marilene pelo apoio, carinho e incentivo prestados, não apenas durante os meus anos de faculdade, mas por toda a vida.

Por fim, agradeço a uma grande amiga de toda vida, Débora Viana Guimarães, pelo apoio e amor incondicional em todos os momentos da minha vida. A nossa amizade é, definitivamente, a coisa mais bela que conquistei.

## RESUMO

A presente dissertação trata da análise do papel de dois generais presentes na narrativa de Tácito, Agrícola e Corbulão. O primeiro general encontra-se em uma biografia, *Vida de Agrícola*, e o segundo em uma narrativa histórica, os *Anais* de Tácito. Tácito nos apresenta esses generais como uma forma de exemplo de conduta aristocrática imperial. Pensamos que o intuito de Tácito, ao buscar evidenciar, em sua narrativa, as virtudes de Agrícola e Corbulão, é denunciar os vícios da aristocracia imperial romana e de seus governantes. Dessa forma, o relato sobre os dois generais contribui para pensarmos a respeito da conduta aristocrática romana e, ao mesmo tempo, como Tácito percebia a aristocracia e os imperadores romanos. Tentaremos perceber a relação da aristocracia militar romana com o imperador: no caso de Agrícola temos Domiciano como imperador, e, na análise de Corbulão, o período em que Nero fora imperador. Podemos perceber, pelo relato sobre Agrícola e Corbulão, que a aristocracia militar romana passou por algumas mudanças em relação à questão da glória militar e do triunfo com a ascensão do império. Tácito insere os dois generais como modelo de uma nova conduta que se deveria possuir para sobreviver ao novo modelo político de governo. A narrativa de Tácito nos auxilia a compreender não apenas as relações da aristocracia militar com o imperador, mas também como se estabeleciam as relações no interior da aristocracia e quais permanências e rupturas ocorreram com o evento do Principado romano.

**Palavras-chave:** Corbulão. Agrícola. Tácito. Generais. Aristocracia. Imperador.



## ABSTRACT

This dissertation deals with the analysis of the role of two generals present in the narrative of Tacitus, Agricola and Corbulo. The first general lies in a biography, *Life of Agricola*, the second in a historical narrative, Tacitus' *Annals*. Tacitus presents these generals as examples of imperial aristocratic behavior. We think that Tacitus' intention, when seeking to point in his narrative the virtues of Agricola and Corbulo, is to denounce the vices of Roman imperial aristocracy and their rulers. Thus, the account of the two generals contributes to think about the Roman aristocratic behavior, and at the same time, as Tacitus perceived the aristocracy and the Roman emperors. We will try to understand the relationship of the Roman military aristocracy with the emperor: Agricola acted under Domitian and Corbulo when Nero was emperor. We can see, from the report on Agricola and Corbulo, that the Roman military aristocracy underwent some changes due to the issue of military glory and triumph with the rise of the Empire. Tacitus inserts the two generals as a model of a new behavior that generals should have to survive in the new political model of government. The narrative of Tacitus helps us to understand not only the relationship of the military aristocracy with the emperor, but also how relationships were established within the aristocracy among themselves, as well as the continuities and ruptures that took place with the Roman Principate.

**Keywords:** Corbulo. Agricola. Tacitus. Generals. Emperor. Aristocracy.

## LISTA DE ABREVIACÕES DAS FONTES

Abreviação	Nome do autor	Título da obra (em Latim)	Título da obra (em Português) <sup>1</sup>
Tac. <i>Ag</i> <sup>2</sup> .	Públio Cornélio Tácito	<i>Agrícola</i>	Vida de Agrícola
Tac. <i>Ann</i> <sup>3</sup> .	II	<i>Annales</i>	Anais
Tac. <i>Dial</i> .	II	<i>Dialogus de oratoribus</i>	Diálogo dos oradores
Tac. <i>Ger</i> .	II	<i>Germania</i>	Germânia
Tac. <i>Hist</i> .	II	<i>Historiae</i>	Histórias

---

<sup>1</sup> Em acordo com as edições usadas por nós e que se encontram na parte destinadas às Referências.

<sup>2</sup> A tradução que utilizamos na análise de Agrícola foi a de: SILVA, Agostinho. TÁCITO. Obras Menores. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

<sup>3</sup> A tradução que utilizamos na análise dessa fonte foi a de CARVALHO, J.L. Freire de. In: Clássicos Jackson. Vol. XXV. São Paulo: Editora Brasileira LTDA, 1952.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 VIRTUDE, EXEMPLO E A CONDUTA ARISTOCRÁTICA EM TÁCITO .....	13
1.1 Características da escrita de Tácito .....	13
1.2 O exemplo na narrativa romana.....	21
2 O PAPEL DO GENERAL AGRÍCOLA NA NARRATIVA DE TÁCITO.....	38
2.1 Quando a virtude se confunde com o vício .....	44
2.2 A questão da glória militar .....	51
3 O GENERAL E O IMPERADOR.....	60
3.1 Composição da imagem do principado de Nero na narrativa dos <i>anais</i> de Tácito..	60
3.2 O papel do general Domício Corbulão na narrativa dos <i>Anais</i> .....	69
3.3 <i>Etiam specie inanium validus</i> : o problema da glória militar no principado de Nero .....	71
3.4 A política de Nero é a política do Império?.....	79
4 A ARISTOCRACIA IMPERIAL ROMANA .....	86
4.1 O papel de Agrícola e Corbulão na narrativa Táciteana .....	86
4.2 A aristocracia o imperador e a metáfora da escravidão.....	91
CONCLUSÃO.....	101
BIBLIOGRAFIA .....	104

## INTRODUÇÃO

Investigamos o papel dos generais Agrícola e Corbulão na narrativa de Tácito. Partimos da ideia de que Tácito apresentou esses generais, em sua narrativa, como *exempla* concernentes à conduta da aristocracia imperial. Dessa forma, procuraremos perceber a composição política e social dessa aristocracia dentro do regime do Principado através da narrativa de Tácito sobre esses dois generais. É importante ressaltar que tratamos de três contextos diferentes em nossa pesquisa. Primeiramente, a época dos episódios da guerra da Armênia que envolveram Corbulão, sob o governo de Nero; depois os episódios envolvendo a vida de Agrícola, especialmente seu papel como general na Britânia, sob o governo de Domiciano, e, finalmente, a análise, em que escolhemos as obras escritas por Tácito, sob o governo de Nerva e Trajano.

Procuraremos explorar as virtudes que Tácito atribui a Agrícola e Corbulão como uma forma de contrapô-los a certas condutas da aristocracia. Buscaremos compreender o cenário político desses contextos e a relação desses generais com o poder imperial. Por fim, tentaremos apreender, por meio do relato sobre Agrícola e Corbulão, as continuidades e discontinuidades do comportamento aristocrático durante os contextos em questão, tendo em vista, principalmente, a aristocracia militar. No que tange a essa aristocracia, partiremos do problema da modificação do termo *imperator* com Augusto. Sob o governo desse imperador ocorreu um monopólio dos triunfos militares por parte da casa imperial; esses triunfos que antes poderiam ser dados aos generais passaram a ser restringidos ao imperador. Pretendemos discutir como se estabeleceram essas novas relações da aristocracia militar com o poder imperial.

No primeiro capítulo, trataremos da escrita da história de Tácito, em especial das características de uma narrativa que se utiliza do *exemplum*. Na bibliografia correspondente à prática historiográfica de Tácito, trataremos dos estudos de Ronald Syme, Ellen O’Gorman, Holly Haynes, Dylan Sailor, e J. F. Ferguson. Cada um desses autores pensou na escrita da história de Tácito com ênfases distintas, porém, com base nessas diferenças, um diálogo e um debate historiográfico em torno da narrativa taciteana foram criados. Em termos gerais, Syme teve por enfoque o contexto político no qual Tácito estava inserido, Gorman pensou pela esguelha da tradição, Haynes pela perspectiva da ficção, Sailor pelo viés social e Ferguson através do estudo da retórica. Tentaremos entender como esses autores pensaram a sistematização da escrita de Tácito, assim como o papel da retórica nas obras do historiador romano, além da

questão da autoria, que se dá no modo como Tácito nos apresenta o Império Romano, em geral, e o império de Nero em particular

Abordaremos também os estudos de Fabio Duarte Joly e Juliana Bastos Marques como complemento às discussões historiográficas que propomos acima. Os dois historiadores trabalharam com a narrativa dos *Anais* e buscaram retratar o império romano que Tácito nos relatou. A ênfase de Joly recaiu mais no contexto do principado neroniano enquanto Marques enfatizou questões referentes à estrutura narrativa dos *Anais*.

No segundo e no terceiro capítulo, pretendemos fazer uma análise mais fundamentada das fontes. No caso, exploraremos como Tácito retrata as virtudes dos generais em questão. No segundo capítulo, analisaremos o general Agrícola. Nesta biografia, teremos em vista a questão da autonomia que esse general parece ter tido durante sua campanha na Britânia e o fato de ele ter vivenciado um regime imperial considerado tirânico e opressivo não apenas para Tácito, mas para muitos outros historiadores antigos. Buscaremos compreender a questão da glória e do triunfo militar da aristocracia militar romana sob o governo de Domiciano, além de analisar como se comportava a aristocracia imperial na época de Agrícola e suas relações com o imperador.

No caso de Corbulão, tentaremos perceber a contraposição que o historiador romano faz entre o general e Nero, tendo em vista as caracterizações que faz sobre os dois personagens históricos e quais eram os vícios da aristocracia em questão e a posição dessa aristocracia frente ao poder imperial. Tentaremos perceber se algumas críticas de Tácito em relação à falta de experiência militar e política de Nero são plausíveis no caso da guerra da Armênia. Tanto na análise de Corbulão quanto na de Agrícola destacaremos, em nossa discussão, a questão da moderação como uma forma de conduta elogiada por Tácito e um mecanismo de sobrevivência ao poder imperial.

No último capítulo analisaremos o contexto no qual Tácito escrevera suas obras. Tentaremos perceber se há uma continuidade em relação ao contexto de Tácito e aos contextos sobre os quais ele escreve no tocante às características da aristocracia. Por exemplo, tanto à época de Corbulão e Agrícola, quanto naquela de Tácito, assistia-se a momentos de expansão militar. Faremos um esboço do contexto militar na época de Trajano, procurando entender por que Tácito dá tanta ênfase à questão militar em sua narrativa. Tentaremos abordar as semelhanças e divergências nas condutas aristocráticas dessas épocas, assim como também indagar por que na época de Tácito esses tipos de

*exempla* que ele insere em seus relatos era pertinente e qual era a posição política da aristocracia na época de Tácito frente ao imperador.

## 1 VIRTUDE, EXEMPLO E A CONDUTA ARISTOCRÁTICA EM TÁCITO

Iniciaremos um balanço geral da discussão historiográfica em torno da escrita da história de Tácito. A partir das ideias de todos os autores trabalhados, pretendemos iniciar uma reflexão mais específica e fundamentada da escrita da história nos *Anais*, procurando evidenciar suas características e problemas. Primeiramente apresentaremos um breve resumo a respeito das obras escritas por Tácito e, por conseguinte, enfatizaremos os *Anais* como fonte principal de apoio para percebermos os métodos narrativos do historiador romano. Em seguida, adentraremos nos recursos retóricos que Tácito utilizou para compor uma imagem do governo de Nero. Dessa forma, estenderemos as discussões dos autores escolhidos junto à análise direta da nossa fonte.

É necessário atentarmos primeiramente para certas características da escrita histórica e biográfica de Tácito para tentarmos, adiante, compreender a função de Agrícola e Corbulão na narrativa taciteana. Dessa forma, dividiremos esse capítulo em duas partes: na primeira, a apresentação de Tácito, de suas obras e uma discussão historiográfica a respeito das características da sua escrita; na segunda, uma análise sobre a função dos *exempla* na narrativa de Tácito.

### 1.1 Características da escrita de Tácito

De Tácito não se sabe, ao certo, a data de nascimento e de morte, assim como sua pátria de origem. Estima-se que teria nascido entre os anos de 54 ou 55 e falecido no período inicial do principado de Adriano, entre os anos de 118 e 120. Tácito teve uma carreira política relevante em Roma, construída ao longo dos principados de Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva e Trajano.

Temos poucas informações sobre seu *cursus honorum*. Antes da morte de Vespasiano, no ano de 79, Tácito exerceu a questura. Foi pretor em 88 d.C., durante o principado de Domiciano, momento em que também se tornara membro do prestigioso *collegium Quindecimviri sacris faciundis*<sup>4</sup>. Durante o principado de Trajano, entre 97 e 98, Tácito passa a ser *consul suffectus*. É nessa mesma época que Tácito deu início à produção literária de suas obras de caráter não oratório.

---

<sup>4</sup> Cf. Informação retirada do verbete TACITUS, Cornelius de *The Oxford Classical Dictionary*. 3<sup>rd</sup>. ed Oxford: Oxford University, 1996. p. 1469.

*Agrícola* é sua primeira obra, escrita em 98. Classifica-se tanto como obra biográfica quanto como discurso fúnebre. O tema é a vida de seu sogro Júlio Agrícola, que havia sido general e governador da Bretanha por um período de sete anos.

No mesmo ano em que escreveu *Agrícola*, Tácito escreveu também sua segunda obra: *Germânia*. Está presente, na narrativa dessa obra, uma descrição da vida pública e privada de seus habitantes, ao mesmo tempo em que insere comparações entre os costumes desses bárbaros e a vida dos romanos.

A terceira obra composta por Tácito é *Dialogus de Oratoribus*. Foi escrita entre os anos de 101 e 102. Não se sabe, ao certo, se essa obra é realmente de autoria de Tácito. Ela rememora um diálogo, ocorrido muitos anos antes do momento da escrita, entre o orador Curiácio Materno e três outros oradores: M. Apro, Júlio Secundo e Vipstano Messala. O tema central é a decadência da oratória.

*Histórias* é a penúltima obra escrita por Tácito e se refere à história de um período que corresponde desde o principado de Galba até o de Domiciano. Essa obra não foi encontrada completa, temos apenas fragmentos que formam quatro livros e os primeiros capítulos do quinto livro.

Os *Anais* constituem a última obra escrita por Tácito. Ela relata a história dos principados de Tibério a Nero e compreende os anos de 14 a 68 d.C. Assim como nas *Histórias*, os *Anais* apresentam-se de forma fragmentada. Estima-se que doze dos vinte livros que integrariam os *Anais* chegaram até nós. São os livros do I ao VI e do XI ao XVI. Dessa forma, falta basicamente todo o relato sobre o período do principado de Calígula, os primeiros seis anos do principado de Cláudio e os últimos três anos do governo de Nero.

Em 1958, Ronald Syme publicou *Tacitus*, uma das obras de maior relevância nos estudos a respeito da escrita desse historiador romano e, até hoje, uma referência para os interessados nas obras desse autor. A contribuição de Syme para o estudo de Tácito se concentra na análise das obras do historiador latino em conjunto com a biografia do autor.

Syme procurou estudar Tácito considerando o fazer literário como parte de sua prática política. Para essa finalidade, Syme serviu-se do método prosopográfico – que descrevia as linhagens familiares por meio de casamentos e carreira política – para perceber as conexões sociais da elite no Império Romano e, logo, aquelas do próprio Tácito. Portanto, para o autor, a carreira política, o *cursus honorum*, do historiador romano estaria ligada às características de sua escrita. O estilo desse historiador pode



ser percebido como vinculado a uma visão senatorial do Principado. Embora haja uma ênfase na tradição literária a que Tácito se filia, o que Syme procura colocar em cena é a política e a sociedade imperial.

Segundo Syme (1967), as obras de Tácito foram escritas refletindo uma tensão entre liberdade e dominação. A liberdade da aristocracia foi limitada pelo Principado, que era uma realidade já consolidada na sociedade em que o historiador viveu. Mas o exercício da liberdade pela aristocracia seguiria tendo um papel determinante para a própria existência da aristocracia. Nesse caso, o autor considerou ambígua não apenas a narrativa de Tácito, mas também o próprio sistema de governo do Principado. A elite política sob o Principado foi inserida como chave para a visão de história de Tácito marcada por essa ambiguidade do regime, que pode ser entendida também como um instrumento retórico da narrativa para a própria sobrevivência do historiador romano. Isso fica claro na seguinte passagem de *Tacitus* de Ronald Syme:

A Revolução em Roma desenvolveu-se em dois estágios, um rápido, outro lento. A primeira ação é a destruição da República pela guerra civil, a segunda é o desgaste da liberdade e da aristocracia nos anos de paz. Salústio é filho da primeira época, e Tácito da outra. (SYME, 1967, p. 545).

Percebe-se, nessa passagem, certa distinção entre o contexto da República romana e aquele do Principado. Contudo, ainda que o autor demonstre ter havido algumas rupturas entre República e Império, para ele existe uma continuidade entre esses dois regimes de governo quando se considera que ambos eram estabelecidos pela Oligarquia. A constitucionalidade do regime é apenas uma forma, enquanto o conteúdo é dado pela Oligarquia, cuja natureza também é ambígua.

De acordo com Syme (1967), o estilo de escrita dos *Anais* tem muita influência da narrativa de Salústio. Este escritor viveu entre os anos de 86 e 35 a.C. Era membro de uma família senatorial e deixou a vida política para se dedicar ao trabalho de historiador. Sua narrativa é caracterizada por uma visão cética a respeito da política. Esse aspecto de composição é apropriado por Tácito em sua narrativa histórica.

A vida política, na obra de Tácito, está marcada pela tensão entre liberdade e dominação e, como já mencionamos, a liberdade na narrativa é limitada pela sociedade em que o historiador viveu. Assim como Salústio, Tácito foi senador, por isso a escrita da história por Tácito e Salústio estava ligada ao pensamento desse setor social. Nessa acepção, podemos conceber a escrita da história como um reflexo da atividade política.

A história senatorial é formada por seu conhecimento adequado, conhecimento adquirido através da prática no governo. Syme descreve Tácito nessa tradição:

No começo a história era escrita pelos senadores (Fábio e Catão foram os primeiros a usar a língua latina), e isso permaneceu por um longo tempo como monopólio da ordem dos governantes, e manteve esse traço de suas origens mesmo depois. O senador tomou essa tarefa na idade madura, com um conhecimento apropriado do homem e do governo, uma aguçada e impiedosa percepção. Dedicando-se à escrita, lutou novamente as antigas batalhas do fórum e dacúria. Exacerbado pelo fracasso ou não apaziguado pelo sucesso mundano, afirmou uma exigência pessoal de glória e sobrevivência. (SYME, 1970, p. 1-2)

Syme, na passagem supracitada, escreve uma história da historiografia situando a escrita de Tácito em uma tradição que se inicia com Fábio e Catão. O que está em destaque nessa passagem é a tradição da prática historiográfica senatorial. Syme enfatiza a posição ocupada por Tácito dentro da sociedade romana, ou seja, ele era um senador e um homem novo. Por isso, não devemos deixar de levar em consideração o fato de sua obra ter sido escrita com as preocupações de um senador romano que conhecia muito bem os círculos mais íntimos dos imperadores (sendo que após o ano de 69 d.C. muitos deles possuíam forte caráter militar) e que usufruiu de muitas dignidades durante o seu *cursus honorum*. Além disso, Syme também destaca que Tácito é visto como um expoente dessa nova aristocracia imperial. Através dos relatos de Tácito tentaremos observar o comportamento da elite frente ao novo regime de poder que foi o Principado. Dessa forma, o estudo de Syme torna-se fundamental para este trabalho porque nos auxilia a discutir a adequação da aristocracia ao império.

Outra perspectiva de entendimento de Tácito, produzida através de um viés literário, é proposta por Ellen O’Gorman. Ela se propõe a inserir Tácito em uma tradição cética e irônica emulada de Tucídides, historiador do século V a. C, e de Salústio, do século I a.C. Ou seja, para O’Gorman, a posição da história senatorial em relação à história do Principado “é inevitavelmente cética, não apenas sobre o novo regime político, mas também sobre o lugar do senador nessa nova política.” (O’GORMAN, 1999, p. 2). O centro da história cética é, por conseguinte, a representação dos eventos como dotados de uma falsa aparência e da criação de uma ordem simbólica, deixando para o público a responsabilidade de acreditar ou não nas representações fornecidas pelo historiador. Portanto, a análise dessa autora contrapõe-se a de Syme. O historiador não exercia política em suas obras, apoiava-se em uma

tradição, como aponta Syme, mas na visão de O’Gorman, Tácito apenas estava por compor representações que seriam apreciadas pelos ouvintes.

Para entendermos melhor o regime imperial em que Tácito viveu e que foi retratado em suas obras, é necessário abordarmos alguns aspectos relativos à República romana. Isso porque houve uma ruptura entre esses dois regimes políticos, República e Império. Primeiramente, há uma mudança no interior da *nobilitas* no Principado, e o marco dessa mudança é a vitória de Otaviano nas guerras civis.

De acordo com Ellen O’Gorman (1999), a república é caracterizada como um sistema coerente, enquanto o Principado se apresenta como um regime político ambíguo. O principado é tratado como uma quebra na tradição não apenas política, mas hermeneuticamente, distinguido-se pela ambiguidade. Podemos compreender a aparência como algo pertinente para a sobrevivência do regime imperial. Ao tomarmos o Principado na perspectiva de uma ordem discursiva, como nos propôs Haynes (2003), esse regime político pode ser considerado como baseado em um sistema de crenças que as pessoas respeitam.

Ao contrário da perspectiva de Syme, segundo O’Gorman (1999), existiu uma ruptura evidente entre República e Império principalmente no que diz respeito à forma e ao conteúdo da escrita. A autora analisou a escrita de Tácito a partir da tradição irônica, influenciada pelas ideias de Hayden White. Ela parte da premissa de que a ironia em Tácito é referente ao fato de o historiador ter escrito algo diferente do que gostaria realmente de relatar. Nessa perspectiva, impõe-se a indagação de como poderemos ler algo cujo sentido é diferente do que foi dito. As características da histórica irônica elencadas por O’Gorman parte da seguinte reflexão de White, que ela cita *in uerbis*:

Qualquer um que originalmente codificar o mundo como metáfora estará propenso a decodificá-lo – isto é, explicá-lo narrativamente e analisá-lo discursivamente – como um conjunto de individualidades. Para aqueles os quais não há real semelhança no mundo, a decodificação deve tomar forma conclusiva, pela simples contiguidade das coisas – o modo da metonímia – ou o contraste que repousa escondido dentro de todas semelhanças ou unidade. (WHITE *apud* O’GORMAN, 1999, p. 12).

Nesses moldes, o Principado é interpretado pela autora como um sistema incoerente, já que a forma e o conteúdo não são coesos, como ocorria na República. Por isso, a relevância da semântica para auxiliar no entendimento da escrita da história de Tácito, interpretado pela autora como códigos que devem ser analisados e

decodificados. A disjunção do signo do sistema pode, dessa forma, ser mobilizada como metáfora, empregada ironicamente, para o regime político no qual a narrativa protesta.

Holly Haynes (2003) abarca em seus estudos uma perspectiva semelhante a de O’Gorman (1999), pois trata o Principado como uma ordem discursiva. O estilo de Tácito está, nesse aspecto, em favor de uma narrativa mais literária do passado. Desse modo, propõe uma análise mais formal da estrutura do texto. Para essas autoras, o público, interpretando as obras, é pressuposto da sua própria constituição. Nesse caso, a questão política de Tácito não é mencionada, ficando em segundo plano. Haynes demonstra ainda isso ao dizer que “ele portanto descreve uma representação da representação: a imagem da sociedade de uma relação imaginária com a realidade.” (HAYNES, 2003, p. 30). Temos o principado, tal qual lido em Tácito, como uma invenção, um sistema de crença legitimado pelas pessoas que pertenciam a ele.

Ao contrário de O’Gorman, Syme (1967) defende que a forma e o conteúdo da escrita, no principado, possuem nexos, uma vez que o conteúdo era ambíguo devido à forma da escrita, pautada na retórica, e também ao próprio contexto político do principado, também dúbio. Consequentemente, o conteúdo se apresentaria de modo confuso e duvidoso. Entendemos a ambiguidade política do principado como a forma pela qual o poder imperial procurou se expressar publicamente. O regime de governo do principado assumia feições republicanas, apesar de a república ter se extinguido. Dessa forma, a imagem da república romana foi apropriada pelo regime imperial. O fato é que o principado era “uma monarquia absoluta com roupagens republicanas.” (GUARINELLO; JOLY, 2001, p. 3). Segundo Guarinello e Joly, o principado teria criado

a imagem de uma aparente partilha do poder, resultando numa disjunção, extremamente ambígua, entre realidade e aparência, ação e palavra, entre uma ética implícita, jamais exposta, e uma outra, explícita porém dissimulada. Dos princípios republicanos esta guardaria apenas a forma, não seu conteúdo. (GUARINELLO; JOLY, 2001, p. 4).

Consideramos ambíguo o regime político do império. Por isso, podemos pensar em como a retórica foi uma linguagem útil para os historiadores desse contexto pela simples constatação de que falar diretamente de um regime que não assume seu real caráter poderia ser considerada uma grande ofensa ao imperador. Essa manipulação da escrita de Tácito, assinalada por verdades ocultadas e falsas aparências, pode ser entendida a partir de tais constatações como uma maneira de sobrevivência do próprio

Tácito como um historiador do império. A aparência é tomada, nesse sentido, como algo necessário para escrita da história.

A historiografia, nos últimos quinze anos pelo menos, sobre a escrita de Tácito, tende a estudar a obra do historiador considerando como centrais os aspectos da análise linguística. É comum notarmos pesquisas, como em O’Gorman (1999) e Haynes (2003), acerca da retórica, da caracterização dos personagens, do debate sobre a intertextualidade e do texto como artefato literário. Se a história passa a ser analisada como discurso e, logo, linguagem, inicia-se aí a constatação de que a história não pode ser compreendida como uma referência íntegra à realidade, preponderando assim representações.

Os estudos das obras antigas que enfatizam os aspectos literários, como apresentado por Haynes (2003) e O’Gorman (1999) são diretamente opostos àqueles da historiografia do século XIX, comprometida com a verdade, entendida como demonstração e prova do que aconteceu no passado. Isso porque há uma maior preocupação em procurar os elementos retóricos da escrita de uma fonte antiga do que em tomar esse tipo de narrativa como referente a eventos que ocorreram no passado. Nesse sentido, como nos demonstra Woodman (1988), a historiografia clássica seria essencialmente um gênero retórico e deveria ser classificada mais como literatura do que como história.

Concordamos com a perspectiva de Syme (1967), no sentido de que a narrativa de Tácito dos *Anais* é caracterizada pelas ambiguidades e, dessa forma, não podemos ignorar a questão do próprio regime do principado ser ambíguo. Desse modo, a característica da linguagem de Tácito é coerente com a característica do regime político do principado. Tácito surge, assim, como escritor pertencente ao mesmo regime político que retrata em suas obras, refletindo o discurso presente no império. Em nossa perspectiva, é completamente inviável deixar em segundo plano as características políticas da narrativa taciteana e analisá-lo apenas em um viés completamente literário, como nos propôs O’Gorman (1999). Para os antigos, história era um gênero literário e, portanto, efetivamente, Tácito estava fazendo história e literatura.

O fato de a escrita antiga ter sido orientada pelo emprego da retórica coloca a história antiga em um âmbito ficcional, de acordo com o pensamento da historiografia do século XIX, comprometida em salientar a verdade histórica. Entretanto, Joly (2010) argumentou uma saída para esse tipo de perspectiva ao inferir que necessitamos de enfrentar esses postulados, já que todas as obras antigas são fortemente influenciadas

pela retórica. Joly propõe uma alternativa para a tendência de considerarmos as fontes antigas apenas como uma forma de literatura e não de história, ao afirmar que

Trata-se de uma posição questionável, mas tem o mérito de apontar um problema que permeia o campo dos estudos históricos sobre a Antiguidade greco-romana e cujo enfrentamento é necessário para se escrever a história do Principado neroniano. Se todas as obras históricas antigas são fortemente influenciadas pela retórica, como julgar qual narrativa é mais digna de crédito? Refiro-me, portanto a preeminência atribuída a certas fontes historiográficas como mais confiáveis em relação a outras, uma preeminência que se funda, em última instância, no quesito da autoridade. Por essa ótica. Tácito seria um guia mais digno de crédito para a história do Principado Júlio-Claudio. (JOLY, 2010, p. 83)

Joly argumenta que, mesmo que seja legítima a interpretação da historiografia antiga como um artefato literário e não histórico, é importante enfrentarmos essa tendência para buscarmos uma história que seja possível, sendo a autoridade apontada como uma das saídas para essa expectativa. É interessante unirmos essa ideia a de Koselleck (1979), que propõe pensar a história como representação de algo que não a torna mentirosa ou meramente ficcional, mas possível.

Em contraponto com essa visão ficcional da história de Tácito, Sailor (2008) argumenta que Tácito não escreveu apenas como um autor literário, mas como alguém pertencente ao principado. No caso de Tácito, conforme defende o autor, a escrita da história e a carreira literária são inerentes à condição de aristocrata em meio a disputas políticas. O fato de o historiador romano ter vivenciado o regime imperial não o fez apenas um escritor comum, mas um agente social desse meio. A questão central do texto de Sailor (2008) é: como Tácito, por ter feito parte do regime imperial, poderia ter alguma autonomia na sua escrita. Pois, se ele se expressava com alguma autonomia, isto já indicaria um ato político em meio ao principado. Como proposto por Syme (1967) e, posteriormente, por Sailor (2008), cremos que não se pode desconsiderar esta inserção efetiva e concreta do autor em sua realidade, bem como as tensões que a obra literária impõe ao seu próprio tempo para além das relevantes preocupações com as modalidades da constituição do texto e de sua inserção em uma tradição que lhe dá um caráter menos datado, menos fechado em um contexto específico, como chamam a atenção Woodman (1988), O’Gorman (1999) e Haynes (2003).

Além disso, percebemos que o problema maior nos estudos de O’Gorman, Haynes assim como de Woodman, está no fato de estes autores apresentarem a “sociedade romana imperial” de uma maneira um tanto quanto homogênea, como se

partilhassem dos mesmos valores, e sendo completamente oposta ao regime republicano. Essa análise é bastante simplista e inviável em nosso trabalho, pois desconsidera por completo a questão das divergências de posturas dentro da aristocracia imperial romana que, de forma alguma, era homogênea. Dessa forma, concordamos com os estudos de Syme e Sailor principalmente porque não desconsideraram em suas análises as obras de Tácito como um fazer histórico e político ao mesmo tempo.

## **1.2 O exemplo na narrativa romana**

Nesta segunda parte, apresentaremos uma discussão a respeito do uso do *exemplum* pelos romanos na escrita da história, para adiante analisarmos o seu uso na narrativa de Tácito. Roller (2009), em seu artigo sobre exemplaridade na cultura romana, propõe que se considere quatro características fundamentais pertencentes a um discurso exemplar. Segundo esse autor, a combinação entre ação, audiência, valores e memória são os principais componentes do discurso que se utiliza de *exemplum*. Partiremos dessa esquematização de Roller a fim de discutirmos o uso do *exemplum* na escrita da história romana.

Primeiramente, temos a ação do indivíduo. Esta é compreendida como inerente à questão da ética e da virtude e condiz aos comportamentos julgados adequados no meio social do indivíduo: o que é adequado para o meio torna o ato virtuoso e o que se afasta desses padrões é visto como vício. No contexto militar, normalmente, a virtude de um soldado está relacionada a demonstrações de bravura. Podemos ressaltar, nesse caso, que se seguirmos o pensamento de Sêneca, nem sempre atos de bravura são considerados virtuosos. Isso porque Sêneca fundamenta-se no pensamento estoico que pressupõe a avaliação externa de um indivíduo como algo suspeito, já que a ação não é algo válido de julgamento. Na prática, "bom" e "ruim" seriam disposições mentais de um agente, ou processos intimamente associados a estas disposições. Esses termos não são devidamente aplicados a uma pessoa, às ações ou às consequências destas ações, nem a quaisquer circunstâncias materiais ou físicas da vida de uma pessoa. Dessa forma, a prática da exemplaridade de figuras históricas torna-se incerta e a moderação, o não querer se mostrar, pode vir a apresentar-se como uma virtude, um exemplo dentro desse contexto imperial. Nesse sentido, podemos perceber que nem sempre a ação em si é um requisito para exemplaridade; a falta de ação também pode sugerir virtude e, logo,

uma forma de *exemplum*. Veremos esse quadro principalmente durante o contexto do império romano.

A audiência é a segunda característica de um discurso exemplar apontado por Roller. O autor denomina de público primário uma comunidade ou grupo de indivíduos que são testemunhas oculares; para este público, a ação tem uma consequência e uma relevância. São estas que tornam o ato eticamente e socialmente significativo e o torna *res gestae*.

Em consequência da avaliação ética e da aprovação que a ação recebeu do público primário, é que temos sua comemoração. Ela tem por objetivo invocar a memória, monumentalizar a ação por meio de narrativas, estátuas, topônimos, cognomes, rituais, entre outros. Esses monumentos contribuíram para formar as testemunhas secundárias que veem a ação já constituída como tal por sentença do público primário. Já o público secundário forma seus próprios julgamentos com pleno conhecimento do que o público primário pensava. Contudo, os espectadores secundários não necessariamente virão a concordar com o julgamento do público primário.

Por fim, temos a imitação como o último recurso do discurso exemplar. Seria um esforço do indivíduo, seja ele do público primário ou secundário, repetir ou superar a ação comemorada. Portanto, a imitação fecha o ciclo do discurso exemplar, visto que os atos geram outras ações, gerando cada vez mais públicos e monumentos, em um *loop* infinito de reprodução social.

Diante dessa esquematização, nos resta indagar se o discurso exemplar abrange toda a sociedade romana, se fica restrito à aristocracia e se os autores de atos exemplares eram sempre indivíduos pertencentes à elite. Em se tratando de discurso narrativo literário, a aristocracia romana possui maior contato literário que o *populus romanus*, isso devido ao fato do latim erudito ser usado na escrita dessas narrativas e também pelo fato de parte da população romana ser analfabeta. Essas narrativas também eram passadas de forma oral entre os cidadãos romanos e, além dessa, usavam-se outras formas discursivas, entre as quais destaco as estátuas erguidas na comemoração do ato ou as moedas e relevos em monumentos comemorativos. Dessa forma, quantidade, variedade e acessibilidade de formas monumentais sugerem acesso do público de qualquer tipo de *status*. Ressaltam-se que autores de atos monumentalizados tendiam a pertencer à elite romana, como os generais vitoriosos. As estátuas honoríficas eram reservadas aos membros das elites.



Esse esquema mostrado sobre o discurso exemplar não ocorre de forma coerente e apresenta certas contradições, como nos aponta o próprio Roller. A interpretação dos espectadores sobre o monumento pode variar bastante, não sendo uniforme e invariável. O que em certo momento da história era digno de imitação pode vir a ser um exemplo ruim. O discurso exemplar pode variar sobre um mesmo momento histórico já que interpretações diversas de espectadores romanos podem surgir. A produção de um *exemplum* envolve, portanto, uma constante ação entre estabelecer ou desestabilizar uma interpretação sobre uma ação em particular ou sobre um monumento. De acordo com Roller (2009, p. 7), isso permite que cada discurso exemplar possa “ser feito novamente ou implantado em uma nova forma, para atender as necessidades de qualquer contingência”.

O discurso exemplar contribuiu para normatizar e estabelecer certos valores sociais em Roma. Plínio já nos dizia:

Precisamos de exemplos mais do que precisamos de regras. O medo é um professor confiável do que é certo. Homens aprendem melhor a partir de exemplos, que são particularmente bons, porque eles provam que o que eles ensinam pode realmente ser feito.<sup>5</sup>

Segundo Roller (2009), os romanos assumiram que ações, audiências, monumentos deveriam ser ligados a uma direção normativa da sociedade.

Teresa Morgan, em seu estudo sobre moralidade popular romana, insere os *exempla* junto a mais três gêneros, que são os provérbios, as fábulas e os *gnomai*, como as principais formas de difundir a moralidade no império romano. A autora segue o viés de que a ética é endêmica ao ser humano e, que a moralidade é algo não apenas que auxilia a organizar uma sociedade, mas também permite sua própria existência:

Pessoas não podem viver juntas até que elas tenham acordado em não se assassinar (e tenham acordado o que constitui um assassinato); elas não podem cultivar até acordarem não roubar umas das outras; não podem decidir quem pertence a um grupo corrente sem decidir quem pode procriar de forma legítima com outro. Há tanta justificativa por especular que estruturas políticas e sociais passem a existir para codificar, proteger e estabelecer estruturas éticas quanto o contrário. Deveríamos, portanto, tratar a moralidade como um aspecto da sociedade antiga por si só, a ser abordado nos seus próprios termos. Ela contribui para a existência continuada de sua sociedade, e interage com seus outros aspectos de várias maneiras, mas não depende deles, e não existe simplesmente para fortalecê-los. (MORGAN, 2007, p. 3)

---

<sup>5</sup> *Ep.* VI, 45.

A autora demonstra que podemos abranger essas moralidades nas camadas mais baixas da sociedade, apesar de geralmente provirem das camadas altas; ou seja, essa moralidade tem sido incluída para todas as camadas igualmente – o que podemos aqui pensar como um dever social. Como já mencionamos anteriormente, havia muitas possibilidades de difusão de textos literários na sociedade romana. Discursos direcionados ao público em geral, feitos por historiadores, normalmente em tom epidítico para exaltar a cidade ou honrar algum indivíduo, eram uma forma de se divulgar valores ao povo romano. Muitas formas de difusão da moralidade em meio ao *populus romanus* foram incorporadas por meio da tradição oral.

Nesse sentido, a questão dos *exempla* deve ser incluída em uma discussão de ética popular porque, mesmo quando não tinha origem popular, muitas vezes alcançava popularidade e isto interferia nas disputas aristocráticas. Por esse viés, podemos apreender que a importância do discurso exemplar como um instrumento de normatização de uma sociedade não está especificamente ligada ao fato de a ação de um indivíduo ocorrer ou não, mas sim ao que essa história, esse exemplo em torno da ação pode contribuir para a instrução das pessoas quanto aos valores éticos.

O uso de *exempla* sempre envolve um relacionamento entre dois períodos de tempo. O passado pode ser aplicado ao presente ou o presente aplicado ao passado, isso porque existe uma continuidade entre dois períodos de tempo. A exemplaridade é entendida aqui como técnica principal para se entender o passado, ela também retratava ações de indivíduos e comportamentos que não só deveriam ser imitados, mas também poderiam ser evitados pela posteridade. De acordo com Chaplin,

o passado só pode ser útil se puder ser invocado para se repetir. Esta última ideia é comum no pensamento ocidental, e está estreitamente ligada aos exemplos históricos uma vez que exemplos históricos são muitas vezes a forma encapsulada em que o passado é preservado. (CHAPLIN, 2003, p. 199)

O tempo é entendido como uma forma de autoridade moral, que permeia o passado, o presente e futuro. A tradição de usar os ditos e feitos de indivíduos famosos do passado, como exemplos a serem imitados ou evitados, remonta pelo menos à literatura grega clássica. No século V a. C., atenienses ouviram as glórias de seus antepassados recitadas em discursos fúnebres. Tito Lívio e Tácito, de certa forma, chegam a educar os seus leitores por meio de exemplos de uma ampla gama de romanos do passado.

Tácito é historiador do principado, uma época segundo Hartog (2001, p. 219), “rica em males”. Por isso, apesar de tratar dos grandes homens, esse tratamento não busca exaltar sempre as virtudes desses indivíduos, ainda que a escrita de Tácito esteja inserida em uma tradição da história *magistra vitae*, no sentido de que ele escreveu para a posteridade. Nos *Anais*, as apresentações das ações dos grandes indivíduos têm como principal finalidade evidenciar um exemplo, assim como é oferecido na história *magistra vitae*. Entretanto, esses exemplos são tratados por Tácito em sua narrativa predominantemente como modelos a não serem seguidos pela posteridade. Ainda assim, podemos perceber na narrativa de Tácito exemplos de condutas de indivíduos, tais como as de Corbulão e Agrícola. Contrastando com a predominância de exemplos que têm um caráter negativo, esses homens que são apresentados como modelos de conduta ganham ainda mais saliência.

Ferguson (1913) possui um estudo das obras de Tácito sob o ponto de vista da retórica, principalmente no que concerne ao auxílio deste recurso para a caracterização dos personagens, o que nos é útil para pensarmos como Tácito se utiliza dos *exempla* em sua narrativa. Segundo o autor, a caracterização dos personagens nas narrativas históricas da tradição na qual Tácito se insere se iniciou com os gregos, entre eles Tucídides e Xenofonte. Existem dois tipos de métodos que auxiliam no entendimento dessa caracterização: o direto e o indireto. Esta tradição de caracterização foi adotada pelos romanos com pequenas alterações. Sob a influência da retórica, a caracterização de personagens em alguns escritores converteu-se em elogio ou *laudatio funebris*. Sob o império, esse gênero substituiu a biografia e a história continuou por mais de um século como uma forma independente da literatura. Assim, em resumo, o autor insere essa tradição na escrita da história em Tácito.

Os *Anais* são tidos, por Ferguson, como exemplo de obra em que se apresentou o maior número de caracterizações indiretas, apesar de encontrarmos também o método direto de descrição dos personagens, pois “nenhuma classificação do método de caracterização utilizado por Tácito é satisfatório por causa da variedade de métodos usados por ele e suas modificações” (FERGUSON, 1913, p. 2). Um dos métodos de caracterização muito presente na narrativa de Tácito é relativo ao contraste entre os personagens. Personagens como Corbulão e Agrícola, cujas virtudes e modelos de bom comportamento são evidenciados por Tácito como exemplos, funcionam também como uma forma de contrastar a virtude desses personagens com outras pessoas da aristocracia

presentes na narrativa. Demonstrar as virtudes de alguns personagens também é uma forma de destacar os vícios de outros.

Sarah Lino Azevedo (2011) destaca, em seus estudos, o contraste que Tácito fez em sua narrativa a partir da caracterização de certos imperadores, tendo por base a imagem de Augusto como modelo a ser seguido. Segundo a autora:

Nero e todos os outros imperadores foram caracterizados por Tácito a partir de uma avaliação que teve como base o modelo protagonizado por Augusto. Ou seja, Tácito avaliou o presente estabelecendo uma comparação entre seu tempo e dois tempos passados: a concepção de Nero como um *exemplum* é feita a partir do contraste de exempla, entre Nero e todos os outros imperadores da sua dinastia e também entre estes e Trajano. A comparação estabelecida diretamente entre Nero e Augusto, é particularmente interessante. Em vários aspectos, Nero é tido como o reflexo inverso de Augusto. Ou seja, os vícios que Nero apresenta são as virtudes de Augusto de forma avessa. Desta maneira, a comparação entre estes dois imperadores faz tornar evidente as qualidades de Augusto e os vícios de Nero. (AZEVEDO, 2011, p. 47)

Essa passagem é importante para pensarmos sobre a imagem que Tácito constrói dos imperadores em sua narrativa. No caso, podemos perceber que as virtudes de Augusto servem como premissa para se julgar as virtudes e os vícios de outros príncipes na escrita da história taciteana. Pensamos que, assim como Augusto é um modelo importante de virtude para se pensar a conduta de outros imperadores, Corbulão e Agrícola também funcionam como modelos de comportamento para refletirmos a respeito das posturas da aristocracia imperial e de seus respectivos imperadores, Nero e Domiciano.

Assim, para o estudo da questão de uso de *exempla* no contexto do principado, é necessário entendermos as modificações e permanências das condutas aristocráticas para analisarmos se houve alguma mudança no trato dos *exempla* durante o império romano. Frisaremos o período do contexto Júlio-Cláudio e o período dos imperadores Domiciano e Trajano, pois foi nesses momentos que Tácito apresentou Corbulão e Agrícola como exemplos de conduta. Em seguida, trataremos especificamente da caracterização de Corbulão e Agrícola como exemplos na narrativa taciteana.

Na bibliografia atual<sup>6</sup>, o poder do Imperador como elemento de unificação e coesão da própria sociedade e do Estado tem assumido grande centralidade. Diferente do que se debatia tradicionalmente, os historiadores têm desprezado tanto aspectos econômicos quanto jurídico-legais para explicar esta unidade e coesão. Um bom

---

<sup>6</sup> Andrew Wallace-Hadrill (2006), Ronald Syme (1958), Dylan Saylor (2008), e Hebert Benario (1972).

exemplo disso é o capítulo escrito por Andrew Wallace-Hadrill, publicado na prestigiosa *Cambridge Ancient History*. O trabalho intitulado *The imperial court* defende a tese de que, sob o Império, o governante era o dirigente da casa aristocrática mais importante. Não poderia, assim, haver qualquer outro aristocrata com mais prestígio que o Imperador. O problema que se coloca é que se a perspectiva de Andrew Wallace-Hadrill for correta, como poderia qualquer aristocrata ser digno de méritos sem afrontar a posição imperial? Podemos perceber que a moderação é a virtude mais apropriada neste contexto.

A historiografia tem representado um grande avanço para um melhor entendimento da corte no início do Império<sup>7</sup>. Muitos estudos importantes têm se dedicado à liberdade pessoal, à ordem equestre e à elite senatorial. Todos demonstram geralmente uma análise condizente com o contato entre imperadores e seus súditos, o processo de tomada de decisão e a importância do patronato na distribuição de recursos e na constituição das posições hierárquicas na sociedade romana. Esses novos estudos destacam a centralidade das relações pessoais no Império como definidoras de *status* e prestígio, a par de algumas estruturas com as quais se operam.

No nosso caso, procuramos pensar qual seria a relação dos generais com o poder imperial a partir da modificação da utilidade do título *imperator* após Augusto. De acordo com o *The Oxford Classical Dictionary*, *imperator* era um título genérico para os comandantes romanos (HORNBLLOWER; SPAWFORTH, 1996, p. 750). Após a vitória do general, ele era aclamado *imperator* pelos seus soldados. Ele receberia esse título em seu nome até o final de sua magistratura ou até seu triunfo. O aumento da influência do exército nos anos finais da República fez do *imperator* o símbolo da autoridade militar. O General Sula foi saudado mais de uma vez com esse título, já César foi o primeiro a usá-lo permanentemente.

Agripa, outro general e partidário de Otaviano, em 38 a. C., recusou o título, deixando o comando superior para o futuro *princeps*. Esse ato proporcionou o estabelecimento de uma rotina em que o imperador deveria receber a saudação e o triunfo de seu legado. De agora em diante, ao que parece, Otávio usou *imperator* como primeiro nome, com o fim de enfatizar o valor pessoal e familiar do título. Portanto, com Augusto, *imperator* passa a denotar o supremo poder, e era geralmente usado neste sentido.

---

<sup>7</sup> Ronald Syme (1958), Dylan Saylor (2008), Andrew Wallace-Hadrill (2006), Hebert Benario (1972), J. H. W. G. Liebeschuetz (1966) e C. J. Classen (1982).

Sailor (2008) menciona o caso do general L. Cornelius Balbus, que, em 27 de maio de 19 a. C., recebera seu triunfo por sua vitória sobre os Garamantes no templo de Jupiter Optimus Maximus. Segundo o autor, essa vitória não tem nada de relevante, nem mesmo o triunfo, já que vários outros generais já o haviam recebido. É por uma razão completamente diferente que Sailor menciona esse triunfo, pois essa foi a última celebração fora da família do *princeps*. Cornelius Balbus foi o último triunfo registrado pela *Capitolini Fasti*. Completou, dessa forma, a sequência dos triunfos romanos, dados em quatro pilastras, que se iniciara com o triunfo de Rômulo. Ou seja, entre 38 e 19 a. C., testemunhamos uma transição completa entre um modelo de triunfo em que a competição aristocrática não só permitia, como também estimulava que os diversos comandantes buscassem a glória do triunfo até seu monopólio pela família imperial.

A excelência militar, ao longo do processo de centralização do poder nas mãos de Augusto, foi sendo progressivamente associada a esse poder. Em outras palavras, o processo de constituição da paz romana se dá a par de um longo e lento controle da competição entre os aristocratas. Neste campo militar, o controle da competição entre os aristocratas redundou no fato de que mais nenhum deles alcançaria a glória militar do triunfo pleno, que estaria reservada ao imperador e a seus familiares. Com isso, esperava-se que os comandantes militares seguissem o exemplo de Agripa e atribuíssem as glórias militares que alcançassem àquele que lhes propiciou ocupar essa posição de prestígio à frente de legiões. Sob a República, estas posições eram distribuídas pelo Senado. O mesmo Senado, no final das campanhas, poderia reconhecer o mérito extraordinário do comandante e lhe conceder o triunfo. Com a transição que se inicia com Agripa e se encerra com Cornelius Balbus, cabe ao imperador conceder os comandos e será ele quem receberá os triunfos.

Nesse novo contexto, a honra que será dada ao comandante dependerá do arbítrio do imperador. Em substituição do título *imperator* aos generais, foram dadas honras menores aos militares, denominadas *Ornamenta triumphalia*. Esta condecoração não inclui a procissão pública no Capitólio, acompanhado de despojos e cativos e tropas vitoriosas, como acontecia com o *imperator*. De acordo com Mary Beard, os *ornamenta triumphalia* podem ser considerados “uma parafernália de um triunfo”. (BEARD, 2007, p. 69). Segundo a autora, os generais utilizavam apenas a toga, a túnica, a coroa e o cetro. Contudo, a única peça direta de provas considerada por Beard era a toga em moldes de um magistrado.

O problema que se coloca com a transformação do título *imperator* é que se um general fosse assim agraciado por suas legiões, poderia ser interpretado como uma provocação ao poder do imperador, visto que *imperator* passar a significar mais que um símbolo de autoridade militar, o poder supremo de um homem. Desse modo, poderá ocorrer de generais merecedores desse reconhecimento não o receber. Tácito indica ter sido este o caso de Agrícola. Produzir este reconhecimento negado a Agrícola por Domiciano é, aliás, umas das razões que levaram Tácito a escrever sua obra. Nesse sentido, percebe-se que o monopólio dos triunfos pelos imperadores coloca no centro do debate qual a capacidade que os aristocratas teriam para fazer valer seus méritos e para imortalizá-los. Se os registros públicos dos triunfos lhes estavam inacessíveis, outros espaços de disputa seguiam abertos, como testemunha a ação literária (e política, como discutimos antes) de Tácito.

Liebeschuetz (1966), em seu artigo *The Theme of Liberty in the Agricola of Tacitus*, faz um estudo a respeito da autonomia que o general Agrícola possuía sobre o Império durante seu governo na Bretanha. O autor questiona o papel do general no império e também do próprio imperador para com o general. Isso traz uma contribuição para indagarmos até que ponto a liberdade do general deveria se estabelecer sem que desafiasse o poder do imperador.

Como assinala C. J. Classen (1982), essa liberdade exercida por Agrícola poderia ser interpretada através da *moderatio*. De acordo com o autor, o conceito de *moderatio*, tal como empregado por Tácito para descrever as atitudes de Agrícola, não encontra precedentes nos textos anteriores ao principado. Para tanto, sua proposta é analisar essa virtude como modificada pelas relações entre os súditos e o *princeps* durante o principado, deixando de ter um significado compreendido apenas como tranquilidade e moderação da alma, como é defendido por Cícero. Segundo Classen (1982), a moderação no principado era melhor circunscrita pela obediência ao imperador, sem afrontá-lo quanto às grandes ações. A moderação era preservar a vida.

O estudo de Paul Veyne sobre a questão do caráter da honra e da dignidade no meio aristocrático é bastante útil para pensarmos a respeito das estruturas de poder entre imperadores e generais durante o Império Romano. A dignidade é entendida por esse autor como um ideal aristocrático, isento de uma virtude de respeitabilidade derivada da pertença a um grupo. Segundo Veyne (1990, p. 25), “funcionários militares e governantes não se sentiam membros de um grupo cuja reputação deviam defender por espírito de solidariedade, mas parte de uma elite especializada, pois superior em tudo”.

Assim, o grande problema colocado não era o fato de Corbulão ou Agrícola serem generais, mas o tipo de general que seriam. Do mesmo modo, não bastava a Nero ou Domiciano serem imperadores, era preciso que se mostrassem dignos. Em outras palavras, esperava-se que o homem digno fosse levado à condição de Imperador, ele teria que ser visto como alguém merecedor (como uma liturgia da posição).

Essas estratégias que variavam da completa liberdade à sujeição aos imperadores são elementos que aparecem com frequência nas obras de Tácito. Exercer o ideal de honra senatorial e se mostrar como parte de uma elite autônoma, tal como afirma Veyne (1990), não era tão simples. As pessoas por bajulação ou por inveja se prendiam mais em disputas de caráter informal, conflitando umas com as outras, não permitindo, com isso, que as melhorias para a *res publica* fossem efetuadas. O motivo para Tácito é o medo.

Como exemplo, em *Anais*, Tácito relata que L. Antístio Veto e A. Paulino Pompeio, encarregados das tropas na Germânia, aproveitaram-se da quietude da província para ocupar os soldados de afazeres que seriam de grande utilidade para a *res publica*, dizendo “que não fizesse passar as suas legiões para um governo alheio, nem aparentemente mostrasse querer ganhar a boa vontade das Gálias porque daria com isso terríveis suspeitas ao imperador”<sup>8</sup>.

Esse é um bom exemplo, pois demonstra que atos que antes poderiam ser considerados virtuosos passam a afrontar o poder imperial, sendo interpretados, dessa forma, como vícios durante o principado. O príncipe precisava ter sua proeminência sempre reconhecida e inquestionada. Se outro homem alcançasse maior notoriedade, ele poderia inevitavelmente vir a aparecer como substituto do *princeps*. Assim, ninguém poderia se sobressair mais, em méritos, que o *princeps*. Mais uma vez, a moderação é inserida por Tácito como a virtude mais apropriada para conduta aristocrata durante o império.

Resta-nos indagar: por que Corbulão e Agrícola foram destacados como modelos de *exempla* na narrativa taciteana? Quais os comportamentos desses generais são dignos de exemplo? Para respondermos a essas perguntas precisamos esclarecer como se comportava a aristocracia durante o período do império romano e também o que passa a ser considerado um ato exemplar durante o principado sem que esse ato afrontasse o imperador.

---

<sup>8</sup> Tácito, *Ann.*, XIII, 53,2.



Tácito nos apresenta uma elite aristocrática heterogênea cuja conduta não se altera de imediato com o evento do principado. Existe uma competição intra-aristocrática e a conduta da aristocracia revela diferentes estratégias frente à realidade cada vez mais incontornável do poder imperial. A obra de Tácito revela que não existiu uma homogeneidade no comportamento dessa elite. De acordo com Favarsani e Joly (2013), podemos dividir tipologicamente a aristocracia imperial, que nos é apresentada por Tácito em três grupos distintos, conforme a linha de atuação dos aristocratas frente ao imperador.

O primeiro grupo se refere àqueles aristocratas que fazem oposição ao regime imperial. Essa oposição poderia ser vista por meio das conspirações contra os imperadores e outras formas de contestação do poder do Imperador. Esse foi o principal grupo a sofrer perseguição durante o principado. Tácito não pertencia a esse grupo. Herbert Benario (1972), em seu artigo *Imperium and Capaces Imperii in Tacitus*, afirma que o principado era aceito pelo historiador. Segundo ele, a principal queixa de Tácito não era com o principado, mas com os príncipes. (BENARIO, 1972, p. 15). De acordo com Favarsani e Joly, a oposição aberta a tais imperadores não era aprovada por Tácito. Ele se contrapôs aos conspiradores tanto quanto aos maus imperadores. Os conspiradores seriam ineficientes em seus propósitos e ainda desestabilizariam a república sem promover o surgimento de bons imperadores que substituíssem aqueles que fossem eventualmente derrubados.

O segundo grupo remete aos aristocratas que apoiaram o poder do tirano e, por meio de práticas de bajulação, buscaram benefícios no regime do principado. Esse grupo foi responsável muitas vezes por vigiar e denunciar os indivíduos pertencentes ao grupo que fazia oposição ao império. Dessa forma, delatavam membros envolvidos em conspirações imperiais e outros tipos de frente de oposição ao poder do Imperador. Tácito também não se enquadrava ao tipo de conduta desse grupo aristocrático. De acordo com Favarsani e Joly (2013), essa aristocracia

Sem ter méritos, alcançaram reconhecimento e produziram a perda de muitos através de delações e, em consequência de sua atuação, impediram que as pessoas mostrassem suas qualidades. Esta aristocracia que seria responsável por silenciar a elite e, portanto, por destruir a liberdade também foi vista por Tácito como nociva à república. Ainda que Tácito tenha avançado em seu *cursus honorum* sob a tirania, como ele mesmo admitiu (*Hist.*, 1, 1), não é este ainda o grupo em que ele próprio se classificaria. Ele o fez preservando sua autonomia, e não graças à adulação.

Por fim, temos o terceiro grupo, que nem fazia oposição ao regime imperial e nem se utilizava de práticas de bajulação para poderem se destacar no principado. São aristocratas que serviram o império por meio da moderação, considerada a virtude mais apropriada para o principado. Tinham méritos e se preocupavam em não fazer de suas honras e virtudes um motivo de afronta ao poder imperial. Dessa forma, os integrantes desse grupo procuraram adequar suas condutas ao novo tipo de governo. É nesse grupo que, segundo Faversoni e Joly, parece estar Tácito. Temos também indivíduos, como Agrícola e Corbulão, que buscaram servir o império por meio da moderação e que são inseridos por Tácito como exemplos de uma boa conduta aristocrática. Por evidenciar, em sua narrativa, homens como Corbulão e Agrícola como modelo de comportamento, concordamos com Faversoni e Joly (2013), ao afirmarem que Tácito pertence a esse terceiro grupo de aristocratas.

Em uma passagem da obra *Anais*, na qual Tácito fez um elogio ao governo de Nero por ele ter empregado Corbulão como general, fica clara uma crítica ao grupo dos aristocratas que apoiavam o Imperador e se utilizavam da adulação como meio de crescerem no império.

Os que governavam faziam de ordinário ações mais brilhantes pela influência dos bons conselhos do que pelo seu próprio braço e valor. E agora se poderia ver enfim se Nero empregava ou não amigos que tivessem merecimento; e se, desprezando as intrigas e ciúmes, escolhia para general um homem verdadeiramente capaz, ou algum desses ricos que, sempre benquistos no palácio tudo compram pelo favor ou pelo dinheiro.<sup>9</sup>

Essa passagem é útil para pensarmos sobre a influência dos indivíduos no império romano. Essa influência poderia ser positiva, como a indicação de Corbulão parecia mostrar que seria, no início do principado de Nero. Por outra via, poderia ser deletéria, como havia sido no principado de Cláudio. A passagem demonstra que o favor imperial se voltava usualmente para os menos dignos que compravam estas dádivas, em vez de se voltar para os que teriam méritos e deveriam receber o reconhecimento do Imperador. A indicação de Corbulão marcaria uma mudança pela qual alguns torciam: os méritos poderiam se apresentar e ser reconhecidos em um ambiente diferente do experimentado até então, marcado pela venalidade.

Ao longo do principado, portanto, há uma certa dinâmica no comportamento da aristocracia. Um elemento importante para as mudanças no comportamento aristocrático

---

<sup>9</sup> *Ann.*, XIII, 6,4.

é a postura do Imperador frente aos diversos grupos que compõem a elite. Como deixa claro a passagem citada, se o imperador busca bons auxiliares, realiza grandes ações e vê as pessoas colocando em evidência seus méritos. Mas, caso isso não aconteça, as disputas mesquinhas têm lugar entre os aristocratas e os valorosos em um ambiente dominado por ciúmes e crimes. Neste cenário, cabe aos aristocratas buscar sua preservação, afastando-se do poder imperial. cremos que podemos concluir que, na visão de Tácito, há bons aristocratas, homens de mérito, sob o governo de todos os imperadores. Mas conforme o reconhecimento dado a eles pelos imperadores é que os aristocratas vão se mostrar ou buscar se ocultar. Aqueles que se ocultam diante dos maus imperadores serão reconhecidos nos momentos em que novos imperadores permitirem que isso se dê. Nas palavras de Tácito, “quando é permitido sentir o que se quer e dizer o que se sente”<sup>10</sup>. Mais uma vez, cremos que fica evidente que a ação literária de Tácito é uma ação política.

Como podemos notar, durante o império romano, algumas questões relacionadas à virtude e à conduta aristocrática se modificaram e, portanto, isso vigora também em certos quesitos no discurso exemplar. Percebemos isso, principalmente, na questão das virtudes militares. A presença do Imperador gerou impacto em certos valores e ações da aristocracia. No período Júlio-Claudiano, a glória militar foi significativamente reduzida. Atos de coragem e de bravura que antes eram mais exaltados e serviam de exemplos para a sociedade romana passam a ser ações perigosas para os indivíduos que os praticavam, visto que as honras e glórias deveriam ser destinadas ao Imperador e, por isso, poderiam ser confundidas com os vícios. A moderação passa então a ser considerada um exemplo de virtude a ser seguida, como uma forma de sobrevivência ao império. Roller (2001, p. 102) enfatiza que “a arena apropriada para o exercício da *virtus* já não é a guerra, mas a resistência frente à má sorte”.

Isso justifica o fato de Corbulão e de Agrícola serem apresentados como exemplos a serem seguidos na narrativa taciteana. A moderação passa a ser a principal virtude de um indivíduo pertencente ao principado e é justamente essa qualidade que Tácito enfatizará nos dois generais em questão. Os dois generais apresentam mérito em suas ações, moderação para que esses méritos não ultrapassem os do imperador e, ao mesmo tempo, a obediência ao *princeps*.

---

<sup>10</sup> *ubi sentire quae velis et quae sentias dicere licet*, Hist., 1, 1.

Acreditamos que Tácito, ao descrever as virtudes tanto de Agrícola quanto de Corbulão, não teria apenas como intuito a elaboração de um elogio. Pensamos que Tácito inseriu esses generais como *exempla* também procurando contrapô-los à imagem de seus imperadores. A narrativa sobre o general Agrícola pode nos proporcionar um maior entendimento a respeito da imagem do imperador Domiciano e, no caso de Corbulão, da imagem de Nero como governante. Corbulão e Agrícola seriam bons modelos de conduta a serem seguidos, enquanto Nero e Domiciano seriam representações dos vícios e dos obstáculos colocados ao exercício da virtude por aristocratas.

Essa é, sem dúvida, uma das intenções de Tácito: criticar a supressão da glória militar pelos imperadores e a consequência dessa competição por honra para a aristocracia se afastar dos méritos e das grandes realizações. Mas esse é o objetivo secundário do trabalho. O primordial, em nossa análise, é a consideração de que a narrativa de Tácito sobre os generais advoga preceitos de conduta política para a própria aristocracia, ou seja, no contexto de uma competição intra-aristocrática. Tácito mostra que diversos comportamentos são predominantes entre a elite, mas alguns são mais adequados no Principado. De acordo com Tácito, o comportamento adequado durante o evento do principado está na moderação, característica esta pertencente ao terceiro grupo de aristocratas, na divisão proposta por Faversoni e Joly e já sumarizada neste capítulo.

Procuraremos analisar adiante o modo como Tácito evidenciou Corbulão e Agrícola como exemplos em sua narrativa, e ao mesmo tempo evidenciaremos a questão da moderação como forma de conduta desses generais. Como já mostramos anteriormente, esses generais já não podiam buscar a glória como nos tempos da república. O próprio Domício Corbulão parece ter lamentado a pouca autonomia dos comandantes militares sob o período Júlio-Claudiano durante a guerra da Armênia:

Corbulão recebeu as ordens de César quando já estava acampado no país inimigo. Mas apesar de que esta resolução não esperada lhe fizesse suscitar ao mesmo tempo diferentes pensamentos, tais como o medo do imperador, o pouco caso que dele fariam os bárbaros, e o ludíbrio a que ficava exposto da parte dos aliados, sem proferir ao recebê-la mais do que estas poucas palavras: Como não foram mais felizes os antigos comandantes romanos! Deu logo ordem para a retirada; e a fim de livrar os soldados de toda ociosidade mandou abrir um canal de vinte e três milhas de comprimento entre o Mosa e o Reno para estovar as inundações do oceano; e o príncipe lhe

concedeu depois as honras do triunfo ainda que lhe negou a glória da guerra.<sup>11</sup>

Essa passagem nos remete a quatro questões para pensarmos sobre os generais: moderação, autonomia, exemplo e triunfo. Primeiro, a moderação de Corbulão é logo demonstrada por ter obedecido a uma ordem do Imperador, ainda que não estivesse de acordo com a decisão de Nero. Mesmo cumprindo a vontade do príncipe, ele lamentou não mais ter a autonomia que os antigos comandantes romanos detinham. Segundo essa passagem, Corbulão considerou em sua decisão a glória que perderia com a retirada das tropas: o ludíbrio, ao qual ficaria exposto frente as suas tropas, e o medo que teria do Imperador. No caso, prevaleceu o temor ao imperador em sua decisão. Logo, se nos é evidenciada a moderação como uma característica do general, já podemos pensar que Tácito o colocou em sua narrativa como um exemplo a ser seguido. A questão do triunfo nos é inserida na parte em que Nero concede honras do triunfo para Corbulão, mas lhe retira a glória da guerra. Ou seja, existe uma inversão de valores, pois o triunfo durante a república era dado aos generais que conquistassem a glória de uma batalha. No caso, Corbulão recebe as honras do triunfo por ter obedecido a Nero e não ter entrado em guerra contra os partos quando considerava oportuno. O fato é que Corbulão já não poderia buscar a glória da guerra para si como antes faziam os generais da república.

Tácito procurou criar a representação de Agrícola e Corbulão como bons aristocratas, embora eles vivessem sob o governo de maus imperadores. No caso, Corbulão estava sob o governo de Nero e Agrícola sob o de Domiciano. Como são contextos diferentes, vale a pena remeter a certas características específicas de cada período.

Corbulão vivenciou parte do período Júlio-Claudiano, período quando as honras militares foram mais drasticamente reduzidas. Já o período no qual Agrícola foi general, foi considerado por Tácito como um dos períodos mais tirânicos de todo o principado. Tácito parece tentar evidenciar que seu sogro vivenciou um contexto de grande tirania e falta de liberdade, que teve fim com a subida de Nerva ao poder, representando a ascensão de uma nova ordem no principado romano. Tácito escreveu suas obras sob o governo de Nerva e Trajano, período este tido pelo historiador como um momento de maior liberdade para a aristocracia.

---

<sup>11</sup> Tac., *Ann*, XI,20.

Como vimos, Tácito escreveu os *Anais* durante o período do principado de Trajano. Nessa época, os assuntos militares tinham um peso considerável. E, por isso, tinha-se como costume associar os generais ao imperador. Durante a época de Nerva e Trajano, os imperadores costumavam também serem generais. Tácito, como historiador de sua época, poderia ter dado uma maior importância ao papel que Agrícola e Corbulão poderiam ter em suas épocas. Sob esse aspecto, Tácito poderia analisar a fase do governo de Nero e de Domiciano, destacando questões que seriam importantes para a sua época e que não propriamente pudessem ser relevantes para esses períodos, principalmente para o contexto neroniano. Outro ponto curioso é o fato de o conflito entre os romanos e os partos pela Armênia ter voltado a emergir durante o governo de Trajano. Todos esses fatores nos levam a crer que “a comparação da escrita de Tácito a respeito dos assuntos estrangeiros com a sua história é inevitável” (GOWING, 1974, p. 330).

A narrativa de Tácito sobre esses generais auxilia em nossa busca de compreensão a respeito do comportamento aristocrático durante o império e, principalmente, da crítica de Tácito ao comportamento de certos membros e grupos dessa aristocracia. O historiador romano, ao retratar Corbulão e Agrícola como uma forma de exemplo, acaba por contrapor-los a certas condutas dos imperadores em questão e da própria aristocracia que os considerava condenáveis. Portanto, esses generais seriam uma forma de antítese para evidenciar também aquelas condutas aristocráticas que não deveriam ser seguidas. Desse modo, a crítica de Tácito não se dirige apenas aos imperadores, como normalmente é muito ressaltado, mas também à aristocracia. O fato é que podemos presenciar na narrativa de Tácito a respeito desses generais uma elite dividida, podemos ver os membros da elite que se opunham ao imperador, os que bajulavam os príncipes e aqueles que tinham por principal conduta a moderação, que não se opunham nem adulavam os imperadores. Esse terceiro grupo parece ser a minoria no império, se observarmos a narrativa taciteana. Por isso, homens como Corbulão e Agrícola, pertencentes a esse grupo, têm um destaque importante nas obras de Tácito. Em suas palavras, “escrevo de uma época em que não posso dar notícia senão de desgraças internas, e do governo de um príncipe que nunca ambicionou estender seu império”<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Tac, *Ann*, IV, 32, 3.

Pensamos que o relato a respeito desses generais funcionou também como instrumento retórico na narrativa de Tácito. Pois, ao elogiá-los, Tácito procurou demonstrar os vícios de alguns membros da aristocracia romana. Ele nos demonstra claramente, na passagem acima, que não tem a relatar notícias muito boas sobre o principado. O objetivo maior da narrativa de Tácito é evidenciar exemplos de conduta aristocrática que não devem ser seguidos para posteridade. Embora ainda fosse possível para o historiador escrever narrativas sobre guerras estrangeiras, em que se destacam generais carismáticos, como Domício Corbulão ou Agrícola, a virtude que era confundida muitas vezes com o vício durante o principado ainda não tinha de todo se perdido e era possível de se enxergar durante o império. Bastava que houvesse alguém virtuoso para julgar e escrever a história destes tempos sombrios, como Tácito se propôs a fazer na expectativa de, com sua ação literária, interferir na vida política de seu tempo, como procuramos demonstrar ao longo deste capítulo.

Após esta visão mais geral sobre o problema que nos propusemos a estudar em nossa Dissertação, passaremos para uma avaliação mais detida de Agrícola.

## 2 O PAPEL DO GENERAL AGRÍCOLA NA NARRATIVA DE TÁCITO

Neste capítulo, nos dedicaremos à análise da nossa segunda fonte de estudo, *Vida de Agrícola*, uma biografia com um forte tom encomiástico. Antes de analisarmos a obra, faz-se necessário discorrer um pouco sobre a carreira política de Agrícola.

Iulius Gnaeus Agricola foi filho de L. Iulius Graecinus, um senador originário do Fórum Iulii. Seu pai foi executado por Calígula. Agrícola estudou em Messália e começou sua vida militar na Britânia sob o comando de Suetônio Paulino. Foi *tribunus laticlavius* na Britânia durante a revolta de Budica (60-61 d.C.). Casou-se com Domícia Decidiana (família dos Domícios). O próprio Corbulão pertencia a essa linhagem. Ao falar da esposa de Agrícola, Tácito elogia a linhagem Domícia: “esplendida origem”<sup>13</sup>. Durante a questura, entre os anos de 63 e 64 d.C., teve como província a Ásia e Sálvio Ticiano como pró-cônsul. Foi tribuno da plebe em 66 d. C. e pretor em 68. Filiou-se ao lado flaviano e foi para a Britânia sob o comando de Q. Petillius Cerialis nos anos de 71 a 73 d.C. Serviu como legado na Aquitânia por pelo menos três anos. Tornou-se cônsul em 76 d. C. e pontífice do legado da Britânia por sete anos (77-84 d. C).

De acordo com Tácito, entre a questura e o tribunato da plebe, Agrícola viveu retirado das matérias públicas, pois estava sob o governo de Nero, que segundo o historiador, o “ajuizado era não fazer nada”<sup>14</sup>. Aqui, Tácito começa a evidenciar a moderação do general, que ficou afastado das magistraturas em um momento no qual era a conduta certa a se ter. Temos também uma crítica ao governo de Nero, tido como um governo opressor. Agrícola foi o único senador conhecido que serviu três vezes em uma mesma província, e os sete anos que ficou na Britânia foi o mais longo mandato na região. O próprio Tácito enfatiza isso em sua biografia ao relatar um discurso do general às suas tropas, dizendo que o legado de Agrícola foi mais longo que o comum: “Tendo ultrapassado, eu os limites dos anteriores legados, vós os dos precedentes exércitos, ocupamos o extremo da Bretanha”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Tac., *Agr.*, 6.

<sup>14</sup> *Idem*, 6,3.

<sup>15</sup> *Idem*, 33.



*Agrícola* foi a primeira obra escrita por Tácito. Quanto ao objetivo da obra, deixemos que o próprio Tácito o apresente: “Este livro que tem como objetivo honrar meu sogro Agrícola ficará, pela declaração de meu respeito, louvado ou desculpado”<sup>16</sup>.

Inserida no gênero das *laudationes funebris* e marcada por um forte caráter biográfico, *Agrícola* foi escrita em 98 d. C., durante o governo de Trajano. Trata-se da vida e dos feitos do sogro de Tácito Júlio Agrícola, que havia sido general e governador da província da Bretanha por um período de sete anos.

As *laudationes funebres* se caracterizavam principalmente por serem uma forma de homenagear uma pessoa que já falecera. Poderia se apresentar por meio de comemorações em banquetes com canções, inscrições, declamações e também pela escrita. Na oração fúnebre não estão presentes apenas a carreira e a exaltação da honra do falecido, inclui também as conquistas e honras dos antepassados desse falecido. Podemos perceber isso na própria biografia de Agrícola, em que o pai e a mãe do general são elogiados.

Foi seu pai Júlio Grecino da ordem senatorial, conhecido por seu interesse pela eloquência e pela filosofia, e que mereceu, pelo seu próprio valor, as iras do Imperador Gaio: efetivamente, foi mandado acusar M.Silano, e como se recusasse, mataram-no. A mãe foi Julia Procila, de rara castidade.<sup>17</sup>

É interessante notar, nessa passagem, que o pai de Agrícola é mencionado como um homem que, por não ter aceitado delatar outro homem, foi morto por Calígula. Claramente podemos pensar que Tácito colocou o pai de Agrícola em sua obra como exemplo de resistência à tirania. Essa foi uma forma de criticar os governos tirânicos, um dos objetivos não somente da biografia de Tácito, mas também de todas suas obras.

A obra *Vida de Agrícola* é mais que uma *laudatio funebris*. Orações fúnebres costumam ser curtas, altamente retóricas e emocionais, menos preocupadas com as realizações reais que com a glória dos antepassados. O trabalho é um documento literário político da sociedade romana. Ao louvar o sogro, Tácito também fazia uma crítica política sobre a repressão flaviana e, ao mesmo tempo, um manifesto contra os imperadores Nerva e Trajano e contra uma nova aristocracia imperial que estava por emergir com esses dois imperadores. O próprio Tácito nos aponta que, para narrar a vida de Agrícola, “me é necessária uma indulgência que não pediria se fosse para acusar

---

<sup>16</sup> Tac., Agr 3,3

<sup>17</sup> *Idem*, 4,1

tempos tão duros e tão infestos de valores”<sup>18</sup>. Dessa forma, a narrativa de Tácito funciona como uma arma política, em que não se é possível falar do general, sem acusar o tempo em que ele viveu. Por isso, apesar de estar moldada no discurso fúnebre, a obra se aproxima também de uma biografia.

Sendo assim, para fazermos uma análise mais aprofundada da nossa fonte sobre o general, primeiramente, tentamos traçar uma comparação entre o gênero biográfico e o histórico. Nossa segunda fonte de estudo, a obra *Anais*, classifica-se como uma história, e tentamos demonstrar, no primeiro capítulo, certas características da história taciteana. No caso da *Vida de Agrícola*, pretendemos, primeiramente, analisar em quais aspectos a biografia que Tácito escreveu se aproxima e se distancia da escrita da história antiga.

Para o historiador grego Políbio, a biografia difere da história por ser ainda mais fortemente seletiva no que se refere aos eventos relatados. A parte central de *Agrícola* se ajusta a esse requisito. Ela não contém um relato contínuo acerca da vida de Agrícola, que é apresentada por um meio seletivo. Portanto, enquanto várias facetas da vida de Agrícola são reconhecidas e elogiadas, um aspecto sempre volta a ser mencionado: moderação e recolhimento. Assim, essa obra torna-se importante porque nos oferece questões pertinentes para pensarmos a política imperial e a função de um general a partir do relato a respeito da campanha de Agrícola na Bretanha.

De acordo com Philip Stadter (2007), em seu artigo *Biography and History*, não há uma separação completa entre o gênero biográfico e o histórico e, por isso, necessitamos ter consciência da fluidez da fronteira que separa esses dois gêneros. A biografia trata da história de homens em particular que tiveram algum vínculo com a política, enquanto a história narra eventos sociais e políticos. A biografia tenta descrever não apenas as realizações e falhas desses homens, mas também que tipo de pessoas eles eram, como viveram suas vidas, e procura evidenciar se suas ações deveriam servir como exemplo a ser imitado.

Em Roma, a biografia foi fomentada pelo costume ancestral de uma oração fúnebre pública. Escrever um discurso, elogio ou biografia sobre uma figura política, após sua morte, tornou-se popular como uma forma de arma política durante as guerras civis. Cícero fez um elogio a Catão, que morrera em 46 a. C. Temos como exemplos de biógrafos romanos Suetônio, que escreveu biografias sobre a vida de doze imperadores;

---

<sup>18</sup> Tac., *Agr.*, 1,3.

Augusto, que compôs sua autobiografia, e, no caso, Tácito, que escrevera uma biografia sobre o seu sogro Agrícola.

Philip Stadter (2007) ressalta que as biografias antigas normalmente empregam a estrutura natural da vida humana – nascimento, juventude, educação, carreira e morte. Além dessas, podemos acrescentar outros aspectos na biografia sobre o general Agrícola. O tema central de *Vida de Agrícola* é recortado pela descrição geográfica e dos habitantes da Bretanha, junto a um esboço da história da ocupação romana na ilha. Dessa forma, podemos perceber que a biografia de Tácito “absorve elementos de louvor, história e trato político sem, contudo, perder sua ênfase fundamental na vida de um homem” (STADTER, 2007, p. 532).

A biografia de Agrícola nos remete a outra característica do gênero, que diz respeito à crítica ao governo de Domiciano. Neste caso, a biografia serve também como uma arma política de denúncia a um imperador considerado tirano pelo historiador romano. Por outra via, os principados de Nerva e Trajano são inseridos no relato da biografia de uma maneira bastante positiva, ainda que breve. Aparecem apenas nos capítulos 3 (Nerva e Trajano) e 44 (apenas Trajano), ou seja, no início e no final da obra, destacados como fiadores de um novo tempo. Tácito parece tentar evidenciar que seu sogro vivenciou um contexto de grande tirania e falta de liberdade, que teve fim com a subida de Nerva ao poder, representando a ascensão de uma nova ordem no principado romano. Antes de Nerva, temos, segundo o historiador romano, períodos de grande repressão e tirania no principado. É justamente essa mudança de governo, nas palavras de Tácito, que permite escrever e publicar a *laudatio funebris*. “Agora nos volta o ânimo; e logo no início deste felicíssimo século o Imperador Nerva ligou de novo o que anteriormente era incompatível: império e liberdade”<sup>19</sup>. Houve, segundo Tácito, uma maior liberdade na escrita durante o período de Nerva e Trajano do que anteriormente, desde Augusto.

O historiador romano elaborou uma denúncia à opressão que os escritores do regime do principado sofriam de seus imperadores. O ato de se escrever sobre os governos tirânicos era perigoso. Tácito nos oferece como exemplo o caso dos escritores Aruleno Rústico e Hereno Senécio, ao mesmo tempo em que contextualiza o problema que havia em ser um escritor durante o império:

---

<sup>19</sup> Tac., *Agr.*,3,1

Lemos que, quando Peto Trasea e Prisco Helvídio foram elogiados por Aruleno Rústico e Hereno Senécio, a condenação foi a morte, e não só quanto aos próprios autores, mas até quanto a seus livros se levantou a raiva, pois que se delegaram aos triúnviros poderes de queimarem no comício e no foro as obras monumentais dos mais ilustres talentos. Provavelmente se julgava que, com aquela fogueira, se abatia a voz do Povo Romano, a liberdade do Senado e a consciência do gênero humano, expulsos ainda por cima mestres de filosofia e lançadas ao exílio todas as nobres atividades do espírito, para que a dignidade não existisse em mais nenhuma parte. Demos sem dúvida grande manifestação de paciência; e se os tempos antigos viram o que havia de extremo em liberdade, nós o tivemos quanto à escravidão, porque até o uso de falar e do ouvir, por espionarem, nos tiraram. A própria memória teríamos perdido com a palavra, se tivesse tão em nosso poder esquecer quanto calar.<sup>20</sup>

Tácito nos mostra, utilizando como Aruleno Rústico e Hereno Senécio, um período em que um escritor não podia escrever o que queria. Por meio desses exemplos, configura-se uma crítica ampla aos governantes do império, até Domiciano. De acordo com Tácito, a época de Nerva e Trajano possibilitou uma maior liberdade, “em que é lícito sentir o que se quer dizer e dizer o que se sente”<sup>21</sup>. Antes desse período, temos como caracterização do principado o silêncio e a paciência. Isso nos faz refletir a própria escrita de Tácito, inaugurada durante o período de Nerva. Podemos inferir, a partir disso, que Tácito, como escritor do império, poderia ter calado sua escrita durante o governo de Domiciano por medo da recepção do imperador ao seu trabalho. É a mudança de governo que autoriza a obra, segundo seu próprio autor. É essa mudança que dá sentido a uma *laudatio funebris* original, por ser "atrasada". De acordo com Sailor (2008, p. 111), “Agrícola não é apenas um acerto de contas entre o biógrafo e seu sogro, ou entre palavras e ações, é também a vitória de Tácito sobre Domiciano”.

A crítica de Tácito não se reduz apenas ao governo de Domiciano, mas se estende a outros imperadores considerados tirânicos pelo escritor. Há também uma forte crítica a certos membros da aristocracia imperial e podemos perceber isso logo no início da obra, em que Tácito inseriu um elogio ao regime de principado de Nerva:

todos os dias Trajano aumenta a felicidade da época e já não tem a segurança pública de ficar apenas em esperança e voto, mas para si tenha tomado a confiança e a firmeza que no voto estavam, o que é certo é que, pela natural debilidade humana, mais tardos são os remédios do que males, assim, pois, como nossos corpos crescem com lentidão e rápidos se extinguem, assim também mais facilmente se oprimem do que restabelecem o talento e o estudo; efetivamente, do próprio estar inerte vem agrado e a inação, odiada primeiro, depois se quer. Mas o que havemos de fazer se durante quinze anos, tempo grande na vida mortal, desapareceram muitos por acasos da sorte, e os

---

<sup>20</sup> Tac., *Agr.*, 2.

<sup>21</sup> Tac. *Hist.*, I, 1.

mais decididos, porém, pela crueldade do Príncipe, e só poucos, e por assim dizer, como que sobrevivendo já não aos outros mas a nós próprios, ficamos sem ter no meio da vida aqueles anos pelos quais chegamos, no silêncio, de jovens à velhice e, se já velhos, ao próprio termo do tempo a nós marcado. Também, no entanto, não me arrependerei de, embora com a palavra inculta e rude, ter composto lembrança da escravidão do passado e testemunho dos benefícios atuais.<sup>22</sup>

Podemos tirar muitas lições dessa parte do próêmio de Tácito. Primeiro é perceptível que os períodos de reinado de Nerva e Trajano são considerados pelo historiador como uma época em que era possível a liberdade. O governo desses dois imperadores é tratado por Tácito de uma maneira bastante positiva, ainda que os efeitos desta mudança não se façam sentir inteiramente ou de imediato. De acordo com Faversoni e Joly (2013), esta passagem mostra

que a mudança não era tão radical, ainda menos imediata. Para a construção do estado presente e lastimável que Nerva e Trajano vieram a interromper se passaram os quinze anos de Domiciano. Quantos anos seriam necessários então para que os remédios dessem fim aos males? Segundo a visão que Tácito nos apresenta, muito tempo seria exigido para que a aristocracia se visse livre dos vícios ainda presentes. O fato é que aristocracia ainda se mostrava dividida e em conflito, quer isto fosse estimulado por um tirano que alimentasse adutores e estimulasse conspiradores (ambos perigosos para a preservação da aristocracia) quer em um contexto novo, no qual os velhos vícios não desapareceriam de imediato.

Tácito parece tentar destacar que seu sogro vivenciou um contexto de grande tirania e falta de liberdade que teve fim com a subida de Nerva ao poder, representando a ascensão de uma nova ordem no principado romano. Concordamos com a visão de Joly e Faversoni de que essa nova ordem não seria abarcada de mudanças e de rupturas bruscas com o fim do período de Domiciano. O fato do contexto de Nerva e Trajano ter possibilitado uma maior liberdade para aristocracia que nos períodos anteriores do principado não fez contemplar uma ruptura total com o passado. Como o próprio Tácito enfatiza: “mais tardos são os remédios que os males”<sup>23</sup>. Dessa forma, podemos conceber o contexto de Nerva e Trajano como um começo de mudança no principado, que necessitaria de muito mais tempo para levar a um rompimento completo com os vícios presentes na aristocracia imperial.

Tácito nos diz, claramente, por essa passagem, que a tirania é obra não somente do tirano, como também dos aristocratas que o apoiam e legitimam esse tipo de

---

<sup>22</sup> Tac., *Agr*, 3.

<sup>23</sup> Tac. *Agr*, 3,2.

comportamento. Para se construir um bom governo é necessário um bom imperador e aristocratas virtuosos. Tácito nos aponta que o bom governante estava presente, representado por Nerva e secundado por Trajano, que havia sido adotado pelo Imperador e o sucederia. Contudo, a aristocracia ainda estava imersa nos vícios já destacados.

Ainda no próêmio, Domiciano é caracterizado como um príncipe cruel e seu governo é descrito como tirânico. Ao passo que havia uma opressão da liberdade, o silêncio seria uma forma de sobrevivência dos romanos nessa época. O passado descrito por Tácito, na obra que analisamos, remete ao período de Domiciano, enquanto o presente corresponde aos governos de Nerva (breve) e de Trajano (que apenas se iniciara em janeiro de 98). Uma época, segundo Tácito, benéfica. Essa nova época não marcava uma ruptura completa, o governo era outro, as pessoas eram as mesmas e mudavam apenas lentamente. Se o tirano fez vítimas, não as fez por si mesmo, mas precisou de colaboração. Colaboração está dada por certa parte da aristocracia que apoiava e dessa forma legitimava a tirania de Domiciano.

## **2.1 Quando a virtude se confunde com o vício**

Ainda que predominassem os vícios da aristocracia sob o governo de Domiciano, isso não excluía o fato de haver homens que fossem virtuosos durante esse período, “mesmo sob o domínio de um mau príncipe, pode haver grandes homens”<sup>24</sup>. Para Tácito, Agrícola foi um desses homens da aristocracia que não estavam contaminados pelos vícios da aristocracia imperial. Em suma, na narrativa de Tácito, Agrícola era um bom general, que, porém, estava sob o comando de um mau imperador, Domiciano. Trataremos de analisar as virtudes do general Agrícola, relatadas por Tácito, para perceber o que era considerado um comportamento virtuoso para o autor e, por meio do estudo da crítica que o historiador dirigiu a Domiciano, o que era considerado uma conduta viciosa para Tácito. Por meio da análise central de Agrícola e Domiciano, abre-se um leque de possibilidades para pensarmos sobre a conduta da aristocracia imperial.

Tácito procura criar a representação do general como um bom aristocrata, embora ele esteja sobre o governo de um mau imperador. Agrícola é retratado como um

---

<sup>24</sup> Tac., *Agr*, 42,3

general obediente ao imperador. No amplo relato de seu governo na Bretanha, Tácito procurou retratar Agrícola como um ótimo exemplo de governador e general, sendo sublinhada a moderação (*moderatio*), o autocontrole e a obediência como suas principais virtudes. Entre as várias passagens que reforçam essa leitura, destacamos a do comando do general na província da Aquitânia, dada sob Vespasiano:

Agrícola, por sua natural prudência e embora tratando com paisanos, procedia com brandura e com justiça. Além disso, dividia o tempo entre os cuidados, e as distrações: quando as assembleias e tribunais o exigiam, grave, atento, severo, mais vezes, porém misericordioso; logo que satisfazia à sua obrigação, mais nenhum sinal de poder: despia a taciturnidade, a altanaria e a dureza. Nele o que é raríssimo, nem a brandura diminuía a autoridade, nem a severidade o afeto. Falar em tão notável varão de sua integridade e de seu desprendimento seria injúria às virtudes. Não procurou fama, pela qual até os bons tem certa fraqueza, ostentando virtudes ou por habilidades. Fugindo de rivalidades com os colegas e de contendas com os procuradores, considerava inglório o vencer e vergonhoso o ser abatido.<sup>25</sup>

A moderação de Agrícola aparece como uma das principais características nessa passagem. O general era severo quando deveria ser e misericordioso quando era necessário. Percebemos características opostas de comportamento em Agrícola, pois possuía brandura e autoridade, severidade e afeto. Essas características antagônicas de Agrícola auxiliam na narrativa para demonstrar uma conduta moderada. Dessa forma, podemos ver que havia na conduta do general um meio termo no qual ele encontra sua moderação. Além disso, a passagem destaca que ele não procurou fama, nem ostentava suas qualidades. Ou seja, sob um mau governo, buscou passar despercebido não só pelo próprio imperador, mas também pelos demais aristocratas, com os quais sempre evitava rivalizar. Não buscava vencer os demais, mas não renunciou à sua posição.

Temos mais uma passagem da biografia em que o relato é construído por Tácito por meio de características opostas do general, tendo por finalidade evidenciar uma conduta justa do sogro:

Assim como era amável para os bons, assim era seco para os maus. Mas nada de escondido guardava da cólera, de modo que ninguém temia seu silêncio: mais digno lhe parecia ofender do que odiar.<sup>26</sup>

Outra característica de Agrícola que reforça esse caráter justo do general está no fato de ele não procurar a fama em suas conquistas. Agrícola é considerado por

---

<sup>25</sup> *Idem*, 9,3.

<sup>26</sup> *Idem*, 22,3

Tácito a representação maior da virtude, pois até os homens bons, de acordo com o historiador, procuram a fama, ostentam as virtudes. Discutimos, no primeiro capítulo, certas modificações que sofreu a moral romana durante o principado. Relembremos Roller (2001, p. 102) na afirmação de que “a arena apropriada para o exercício da *virtus* já não é a guerra, mas a resistência à má sorte.”. Atos de coragem e bravura que, na república eram considerados virtuosos, passaram a ser perigosos durante o império. A moderação entra nessa nova configuração como principal virtude. É justamente por esse fato que Agrícola é representado por Tácito como um homem muito virtuoso, já que não buscou a fama e, além disso, considerava inglório vencer.

Como assinala C. J. Classen (1982), o conceito de *moderatio*, tal como empregado por Tácito para descrever as atitudes de Agrícola, não encontra precedentes nos textos anteriores ao principado. Para tanto, sua proposta é analisar essa virtude como modificada pelas relações entre os súditos e o *princeps* durante o principado, deixando de ter um significado compreendido apenas como tranquilidade e moderação da alma, como é defendido por Cícero. Para Classen (1982), a moderação no principado era melhor circunscrita pela obediência ao Imperador, sem afrontá-lo quanto às grandes ações. A moderação era preservar a vida.

É nesse contexto do principado que as virtudes podem se confundir com os vícios. Tácito destacou isso ao dizer que “o gosto da glória militar, ingrata numa época em que juízos adversos não tornavam menos perigosas a boa fama do que a má”<sup>27</sup>. Atos virtuosos passaram a ser confundidos com vícios, principalmente porque poderiam causar afronta ao poder do Imperador. Como Wallace-Hadrill (2006) ratifica, o principado foi um período em que ninguém deveria se sobressair mais do que o imperador. Temos, nesse caso, uma inversão na interpretação, pois se a virtude pode ser considerada um ato de afronta imperial, logo ela parece vício. Ainda segundo Tácito, “até mesmo a glória e as virtudes acham inimigos: porque, estando ainda muito próximas, parecem a muitos só destinadas para repreender o século presente”<sup>28</sup>.

Sailor (2008) procura evidenciar os problemas que adviriam a qualquer indivíduo no império romano que obtivesse mais méritos e fama que o Imperador. No caso, ele destaca uma passagem da biografia de Agrícola, na qual Tácito menciona que o general sabia dos perigos que havia ao aceitar o pró-consulado da Britânia: “vinha já o

---

<sup>27</sup> Tac., *Agr.*, 5,4.

<sup>28</sup> *Idem*



ano em que se tirariam à sorte os pró-consulados da África e da Ásia e, com a execução de Cívica, nem faltava aviso a Agrícola, nem modelo a Domiciano”<sup>29</sup>.

Podemos constatar que ter muitas virtudes no período em que Domiciano foi imperador não era uma qualidade muito interessante. O exemplo de Julius Frontinus ressaltado por Sailor (2008), é útil para refletir sobre esse ponto. Tácito o descreve como “um grande homem até o ponto em que era permitido”<sup>30</sup>, e demonstra claramente que até mesmo a virtude deveria ser moderada durante o período de Domiciano. As virtudes são tratadas como *hostis* por Tácito, uma vez que pareciam vícios e eram intoleráveis para os homens de seu tempo. Demonstrar-se virtuoso seria um erro, já que poderia associar isso como uma afronta ao Imperador ou aos aristocratas que, não tendo virtudes, odiavam os virtuosos. Em contraposição ao governo do último imperador flaviano, estão os governos de Nerva e Trajano. Eles marcam um novo momento, no qual, segundo Tácito, seria possível aos homens romanos demonstrarem-se virtuosos sem afrontar o imperador – o que não significa que outros perigos não estivessem ainda à espreita.

De acordo com Tácito, Agrícola não conseguiu evitar a fama originada de suas conquistas e virtudes, apesar de deixar claro que o próprio general procurou evitá-la.

Jamais Agrícola exaltou, louvando-se, seus feitos; ele servindo, ao chefe, como autor, atribuía o resultado. Pela firmeza no obedecer, pela modéstia no atribuir, escapava à inveja: não porém à fama.<sup>31</sup>

Dessa forma, mesmo Agrícola tendo como principal virtude a moderação, não conseguiu evitar a fama. Paradoxalmente, foi devido à sua moderação por não buscar a fama nem se gabar de suas conquistas que, conseqüentemente, alcançou mais fama no império: “com a própria dissimulação da glória, a glória aumentou”<sup>32</sup>. Ou seja, a moderação também tem seus perigos e Agrícola é um grande exemplo disso, pois não buscou a fama em suas conquistas para não afrontar ninguém, mas, ainda assim, não conseguiu ficar livre dela, o que poderia levar a um tipo de reação imperial. A fama é tida, então, como uma espécie de vício durante o principado.

Ainda não tratamos da questão da glória militar e de seus problemas durante o império romano. Vamos nos dedicar a esse assunto, mas primeiramente é necessário

---

<sup>29</sup> Tac., *Agr.*, 42,1.

<sup>30</sup> *Idem.* 17,2.

<sup>31</sup> *Idem.* 8, 2-3.

<sup>32</sup> *Idem.* 18,4.

contextualizarmos o período no qual Agrícola foi general na Britânia. Falaremos, então, do governo de Domiciano e de sua representação na biografia de Tácito sobre Agrícola.

Domiciano foi o último imperador da dinastia flaviana, emergida após as guerras civis em 68-69 d. C. Ele era filho do imperador Vespasiano, irmão do imperador Tito e governou durante quinze anos, entre 81 e 96 d. C.

O suicídio de Nero, que enfrentou forte oposição dos exércitos e do senado romano no ano de 68, desencadeou a guerra civil e, durante um curto período, o império romano foi governado por quatro generais romanos, sucessivamente: Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano. Esses quatro generais alcançaram o governo do império romano pela força das armas, tendo a subida de Vespasiano como imperador, encerrado o conflito. É interessante percebermos quais as mudanças e permanências que o evento da guerra civil de 68-69 trouxe para a aristocracia romana. A aristocracia sob a dinastia flaviana, que se iniciou com a subida de Vespasiano ao poder, era a mesma que viveu sob a dinastia Júlio-Claudiana? Decerto que a aristocracia não mudaria bruscamente com o evento da guerra civil, mas precisamos salientar uma mudança nos meios de se alcançar o governo do império romano. Com a dinastia flaviana, a adoção não é mais a forma de se passar o poder de um imperador para outro, o critério passa a questão sanguínea.

Outro ponto importante diz respeito ao título *imperator*. Como já explicamos anteriormente, esse era um título militar até o período de Otaviano, dado aos generais em consequência de alguma conquista militar especialmente relevante. Com Augusto, esse título passa a ser restrito à casa imperial. Durante o evento da guerra civil, há um retorno à evocação de *imperator*, como um título militar dado aos generais. Isso porque Vespasiano foi um general que se tornou imperador, sendo central nesse processo a sua aclamação por seus soldados com o título de *imperator*. Mas, ainda assim, a associação entre o imperador e experiências militares seria mais evidente no governo do imperador Trajano, sobre o qual trataremos mais em detalhe no próximo capítulo da dissertação.

Tanto Vespasiano quanto Tito foram generais. Domiciano, no entanto, não tinha muita experiência militar. Muitos historiadores também consideram que Domiciano tinha diminuído a participação do senado na vida política romana drasticamente. O senado passou a ser praticamente uma instituição obsoleta. “Como imperador, Domiciano pôs pronto fim à falsa fachada de democracia republicana estabelecida pelo seu pai e estimulada durante o reinado do seu irmão” (JONES, 1992, p. 22). O poder imperial não residia mais no senado, nem mesmo simbolicamente como outros

imperadores permitiram, e sim onde o imperador e sua corte estavam. É interessante notar, que mesmo o senado não tendo mais o valor que teve durante a república romana, a partir de Domiciano podemos perceber que a participação dos senadores na política foi bastante reduzida, pois mesmo durante o principado, o senado romano teve certa relevância na política do império.

Tácito procurou criar uma imagem tirânica do governo de Domiciano. Podemos perceber que o historiador buscou comparar a imagem de Domiciano com a de Nero. Tácito, quando fala de príncipes tiranos, inseriu algumas vezes em seu relato o exemplo de Nero, o que faz com que possamos pensar nesse imperador como um modelo de comparação para analisarmos a tirania de Domiciano. Logo no início da obra, Tácito nos aponta dois escritores que foram condenados à morte, Aruleno Rústico e Hereno Senécio, escritores executados durante o governo de Nero. Adiante, Tácito expõe uma crítica à opressão da escrita, que já tratamos anteriormente, e novamente cita o período de Nero como exemplo.

Era um contexto, segundo Tácito, no qual o “ajuizado era não fazer nada”<sup>33</sup>. No final da biografia de Agrícola, Tácito compara claramente o governo de Domiciano com o de Nero ao citar as vítimas da tirania de ambos os imperadores:

Não viu Agrícola a Cúria e o Senado fechados e cercados pelas tropas e, ao mesmo tempo, tantas mortes de consulares, tantos exílios e fugas das mais nobres mulheres. Até então, só por uma vitória era Caro Mécio conhecido, só dentro da fortaleza Albana gritava Messalino suas sentenças, e Massa Bébio era ainda acusado; depois as nossas mãos levaram Helvídio ao cárcere, nós separamos Maurico e Rústico, e a nós banhou Senécio de seu inocente sangue. Nero, todavia, desviou seus olhos, ordenou os crimes, mas não os contemplou; a principal de nossas misérias, durante Domiciano, era a de ver e ser visto, quando se tomava nota de nossos suspiros, quando bastava para marcar tantos homens pálidos aquela dura expressão e o corado em que se defendia da vergonha.<sup>34</sup>

Nessa passagem, Tácito nos afirma claramente que o governo de Domiciano foi mais tirânico que o de Nero. Dessa forma, temos a impressão de que foi com o governo de Domiciano que o império romano teve seu ápice de autoritarismo e repressão. Tácito procurou demonstrar que Agrícola foi feliz por ter morrido antes de ver os anos mais autoritários e sanguinários do governo de Domiciano.

Como já explanamos, a visão de Domiciano serve como contraposição à visão que Tácito construiu sobre Nerva e Trajano, e até mesmo à imagem de Agrícola, em um

---

<sup>33</sup> Tac Agr, 6,3

<sup>34</sup> Idem, 45.

parâmetro mais universal. O imperador Domiciano pode ser interpretado na obra de Tácito como um contraponto à virtude. Logo no próêmio de Agrícola, Tácito não refere ao nome do imperador Domiciano, mas pela descrição, fica claro que se trata mesmo dele. Isso porque Domiciano governou em um período de quinze anos, 81 a 96 d. C. Acreditamos que a finalidade de Tácito não ter inserido o nome de Domiciano no prefácio, assim como também tentou evitar muitas menções, foi devido ao fato de esse imperador ter sido condenado à *damnatio memoriae* promulgada pelo senado. Dessa forma, Domiciano estava condenado a cair no esquecimento para os romanos, já que essa condenação implicava em acabar com referências a ele nos monumentos, moedas e documentos públicos. Contudo, a *damnatio memoriae* não implicaria apenas no esquecimento. No caso, também podemos pensar que serviria para evidenciar um exemplo a não ser seguido, dessa forma, seria necessário relembrar Domiciano para que o mau exemplo não fosse mais imitado. Acreditamos ser essa uma das intenções de Tácito quando ele fez referências ao nome de Domiciano em sua obra.

De acordo com Sailor (2008), a biografia de Agrícola participa do espírito da *damnatio*, pelo fato de Tácito evitar fazer menção ao nome de Domiciano em certas partes da sua obra. Para Sailor (2008, p. 61-62), o prefácio de Agrícola pode ser tratado como um “espaço público no qual o nome de Domiciano havia sido arrancado”. O governo de Domiciano é visto por Sailor como um momento de crise da representação. Isso porque o autor percebe que Tácito tentou demonstrar que depois da era domicianiana era possível apresentar as virtudes sem medo de ser censurado. No período de Domiciano, o silêncio era um fator que imperava. Como afirma Tácito: “e se os tempos antigos viram o que havia de extremo em liberdade, nós o tivemos quanto à escravidão, porque até o uso do falar e do ouvir, por espionarem, nos tiraram”<sup>35</sup>. Dessa forma, havia uma ambiguidade muito forte no regime, pois vivenciava-se um tempo em que não se podia mostrar as virtudes. A partir disso, consideramos que um dos objetivos de Tácito estava em expressar, por meio da biografia de Agrícola, os anos de memória que não tinha sido suprimidos durante o governo desse imperador. Como já citamos, Tácito deixa claro que o silêncio imposto pelo governo tirânico não implica em esquecimento. Calar não significa esquecer.

De acordo com Jones (1992), Domiciano foi o primeiro imperador, desde Tibério, a passar longos períodos de tempo fora da capital romana. As campanhas

---

<sup>35</sup> Tac.,Agr.2,3

militares do governo de Domiciano não visavam ao expansionismo do império e sim à defesa. Talvez por apresentar essa característica em sua política militar, foi duramente criticado como um péssimo estrategista. Ainda em relação aos assuntos militares, é sublinhada por Tácito a simulação de triunfos do imperador que parecia utilizar-se destes triunfos como manobras propagandistas de uma glória que o imperador mesmo não teria alcançado em suas campanhas. Na vitória de Agrícola sobre os Bretões, Tácito nos salientou:

Todos estes acontecimentos, e embora Agrícola em suas cartas não tivesse usado exagero algum, nem de palavras jactanciosas, os recebeu Domiciano conforme era de seu costume, de rosto alegre e coração apertado. Tinha ele consciência de seu falso triunfo da Germânia havia dado em troca, tendo-se até mercado escravos cujos vestuários e cabeleiras lhes desse o aspecto de cativos; e agora se celebrava com grande fama uma verdadeira e notável vitória, com milhares de mortos no inimigo.<sup>36</sup>

Por meio desse relato, podemos claramente ver que Tácito fez uma crítica ao triunfo de Domiciano na Germânia. O historiador nos aponta que o próprio Domiciano tinha consciência de que esse triunfo que comemorou sobre a Germânia era falso, e que Agrícola lhe daria agora um triunfo de verdade. Agrícola, como general, não poderia mais comemorar um triunfo como nos anos da república. De fato, toda a glória de suas conquistas deveriam ser transferidas para Domiciano como aconteceu também com os generais Corbulão e Nero. Contudo, Corbulão recebeu uma comemoração de seu triunfo através dos *ornamenta triumphalia* e, no caso de Agrícola, foi-lhe negado até mesmo isso.

## 2.2 A questão da glória militar

Sailor (2008) nos aponta outra função da biografia de Tácito, que é relativa à questão da glória militar. Com a modificação do conceito do título de *imperator* (a partir de Augusto ocorreu um monopólio dos triunfos militares por parte da casa imperial), os triunfos, que antes poderiam ser dados aos generais, passaram a ser restritos apenas aos membros da casa do imperador. Sailor (2008) menciona o caso do general L. Cornelius Balbus que, em 27 de maio de 19 a. C., recebeu seu triunfo, no templo de Jupiter Optimus Maximus, por sua vitória sobre os Garamantes. Segundo o autor, essa vitória em si não teve nada de relevante, nem mesmo o triunfo, já que vários

---

<sup>36</sup> Tac., *Agr*, 39

outros generais já receberam a mesma honraria. É por uma razão completamente diferente que Sailor menciona esse triunfo: essa foi a última celebração fora da família do *princeps*.

Um dos problemas que esse monopólio dos triunfos militares implica é que se outro homem alcançasse maior notoriedade, especialmente em um empreendimento em que o *princeps* supostamente deveria se sobressair, ele inevitavelmente viria a parecer um potencial substituto do *princeps*. Há, portanto, um perigo em sobressair frente a um imperador, pois nenhum homem poderia ter mais méritos e fama que o *princeps*. Algumas das consequências de se ter mais méritos que o imperador são exemplificadas por Sailor:

Os *principes* individualmente poderiam matar, banir ou mesmo solapar o sucesso de generais particulares ou poderiam exagerar ou mesmo fabricar suas próprias realizações. Como veremos essas possibilidades são um interesse recorrente em Agrícola. As limitações institucionais e os perigos dos sucessos incorridos tinham tangíveis efeitos sobre as atividades dos administradores do império: portanto, Julius Frontinus, predecessor de Agrícola como governante da Britânia, era um ótimo homem... até o ponto em que era permitido, portanto o próprio, Agrícola aprende do destino de Cívica que seu curso mais seguro é não aceitar o pró-consulado. (SAILOR, 2008, p. 52)

De acordo com Liebeschuetz (1966, p. 127), “um general possuir tamanhas qualidades poderia estar sujeito a dois tipos de consequências, uma positiva e outra negativa.”. No primeiro caso, o general seria agraciado pelas legiões e pelo próprio imperador com honras a seus próprios méritos. No segundo caso, tais atributos poderiam ser a causa de sua decadência e ruína, enquanto a fama em demasia o levaria ao julgamento e à inveja de outros, e poderiam ser interpretados como uma ofensa ao imperador, como já mencionamos anteriormente. No caso, é negado a Agrícola qualquer reconhecimento mais significativo pelas suas conquistas militares na Britânia, como a vitória sobre a Calcedônia:

Quanto ao vencimento que se costumava oferecer a um pró-consular e que ele próprio tinha concedido a outros, não o deu ele a Agrícola, ou ofendido por não lhe pedir, ou para que não tivesse ares de compor o que já proibira. É próprio da natureza humana odiar a quem se prejudica; o caráter de Domiciano, inclinado à cólera, quanto mais escondida mais inexorável, se abrandava, no entanto, diante da moderação e da prudência de Agrícola, que não provocava, por contumácia ou vã jactância de ser independente, a fama e seu destino. Sabiam os que têm por hábito admirar o ilegal que, mesmo sob o governo de mau príncipe, pode haver grandes homens e que a condescendência e a moderação, contanto que se lhes juntem atividade e força, excedem no que tange à glória e à fama que muitos, arrostando

asperezas, mas sem qualquer benefício para a república, conseguiram com sua morte espetacular.<sup>37</sup>

Essa passagem nos faz questionar se Domiciano considerava Agrícola uma ameaça ou mesmo se a negação do triunfo a Agrícola seria por um sentimento imbuído de inveja pelo fato de o general passar a imagem de um homem virtuoso. Outra questão que podemos perceber nesse relato é que Tácito novamente buscou, em sua narrativa, contrapor a imagem de Agrícola à imagem de Domiciano. Temos, de um lado, um general virtuoso e, do outro, um imperador cruel e hostil às virtudes. Tácito nos demonstra que Domiciano temia Agrícola por causa de seus sucessos militares:

Tinha ele consciência de seu falso triunfo da Germânia havia dado em troca, tendo-se até mercado escravos cujos vestuários e cabeleiras lhes desse o aspecto de cativos; e agora se celebrava com grande fama uma verdadeira e notável vitória, com milhares de mortos no inimigo. Isto o considerava ele sobremodo temível que o nome de um particular sobrepujasse o do príncipe; em vão teria jogado no silêncio as ocupações do foro e o brilhantismo das artes civis, se agora outro lhe roubava a glória militar; do resto poderia ele, facilmente, não fazer caso, mas o valor de um bom general deveria caber ao Imperador. Preocupado com tais pensamentos, e, o que era indicio de algum cruel plano, satisfeito com sua solidão, resolveu que, por ali, o melhor seria reservar seu ódio até que diminuíssem o ímpeto da fama e o favor do exército; por então, quem realmente mandava na Bretanha era Agrícola.<sup>38</sup>

Essa passagem é imprescindível para pensarmos a relação da glória militar entre um general e um imperador. Tácito não somente nos demonstra o medo que Domiciano tinha da fama que Agrícola conquistou em suas vitórias, mas também nos salienta o fato de que, no império romano, o valor de um bom general deveria caber ao imperador. Com a modificação do título *imperator*, já tão discutido neste trabalho, de fato quem deveria ser agraciado com esse título agora era o imperador. Cabia a ele também atribuir ou negar a comemoração de uma conquista de um general. No caso, pelo relato de Tácito, já podemos deduzir que a inveja que Domiciano tinha da fama de Agrícola não faria o imperador reconhecer publicamente o valor de seu general.

Tácito elaborou uma crítica à insígnia triunfal que Domiciano atribuía a Agrícola:

Ordenou, portanto, que se lhe conferisse no Senado os ornamentos triunfais, a honra de uma estátua coroada e tudo que se dá em substituição do triunfo, acrescentando muitos elogios verbais e fazendo correr ao mesmo tempo que

---

<sup>37</sup> Tac.,Agr. 42.4

<sup>38</sup> Idem, 39,1.

destinava a Agrícola a província da Síria, vaga então pela morte do consular Atílio Rufo e reservada a gente de importância.<sup>39</sup>

Tácito, dessa forma, deprecia as honras concedidas a Agrícola ao enfatizar que deram ao general tudo o que se dá em substituição a um triunfo. É certo que, para Tácito, as honras concedidas a Agrícola eram inadequadas à glória do general, o historiador procurou demonstrar, mediante a biografia de seu sogro, que Agrícola merecia mais que honras em revelia e um retorno para casa vergonhoso:

E, para que a sua entrada se não tornasse notória pelo interesse e número dos que lhe viessem ao encontro, evitou as atenções dos amigos e de noite veio à Cidade, de noite ao Palácio, segundo as instruções que recebera; acolhido com um breve ósculo e sem palavra alguma, misturando à turba dos cortesãos. Como, porém, temperasse a glória militar, arriscada entre quem nada faz, com outras qualidades, entregou-se ao sossego e ao lazer, modesto no viver, fácil de trato, acompanhado de um ou outro amigo, de maneira que muitos que têm por hábito julgar os grandes homens pelos ares, perguntavam-se, ao ver e considerar Agrícola, do motivo de sua fama e poucos entendiam.<sup>40</sup>

Tácito nos relatou, nessa passagem, a chegada de Agrícola a Roma, uma chegada um tanto frustrante para um general vitorioso em guerra. Percebemos que o general tentou tomar todo o cuidado para evitar que sua chegada fosse notória em Roma. Podemos interpretar essa conduta de Agrícola como uma forma de temor do general de aparecer mais que o imperador e logo atrair a inveja do príncipe. Agrícola vai receber suas honras no Palácio do Imperador em vez de ser em uma procissão até o Capitólio, como era costume dos generais vitoriosos fazerem. Quando chega ao Palatino, o general se mistura com a multidão e, ainda segundo Tácito, Agrícola agiu dessa forma, seguindo as instruções que recebeu. Todas essas evidências inseridas por Tácito nos fazem acreditar que o historiador buscou evidenciar o quanto Domiciano procurou ofuscar a glória de Agrícola.

Outro aspecto importante dessa passagem está no julgamento da imagem de Agrícola pelas pessoas romanas. Devido à moderação do general e sua forma simples de viver a vida, muitos não entendiam o motivo de sua fama. Isso porque as qualidades de Agrícola, tão enfatizadas por Tácito, acabam por não serem as qualidades que se espera de um general que venceu uma guerra ou de um grande aristocrata vivendo na cidade. Um grande homem no âmbito militar era julgado normalmente pela sua bravura. No

---

<sup>39</sup> *Idem*, 40,1.

<sup>40</sup> *Idem*, 42,3.



entanto, Agrícola, quando voltou para Roma, optou pelo resguardo e pela moderação. Outra situação que contribuiu para que a imagem do general ficasse um tanto apagada foi a forma como ele retornou a Roma e como ele recebeu as honras do império.

É interessante notar, ainda nesse relato, que Tácito enfatiza a vida de Agrícola em seu retorno a Roma como *otium*. O general está, portanto, na inatividade. Essa é uma característica contraditória, pois o historiador apresenta como qualidade uma conduta que, segundo Sailor (2008, p. 97), é “característica daqueles que não haviam se distinguido no império”. Concordamos com a interpretação de Sailor de que a inatividade de Agrícola poderia ser uma forma encontrada pelo general para conseguir moderar a sua reputação diante de um príncipe que se perturbava com a glória de um soldado.

Sailor (2008) considera que, em certo sentido, a biografia de Agrícola é apresentada como testemunho do esforço bem sucedido de Domiciano de sufocar a glória de Agrícola. Podemos tentar interpretar a biografia de Tácito como um esforço do historiador de compensar o triunfo que é negado a Agrícola por meio da memória evocada em sua narrativa. Temos também, na biografia, uma representação do problema da glória militar durante o principado. Agrícola pode ser considerado aqui como uma metáfora da injustiça com relação à glória militar no império. O historiador demonstra claramente como se opera a questão da glória no império e como ele acha que deveria proceder.

No caso, a glória de Agrícola foi responsável por sua decadência, se entendermos aqui que foi negado ao general um triunfo e que sua fama ocasionou a inveja e a ira do imperador. Tácito nos comprova que Agrícola não teve culpa da sua fama quando diz que “assim Agrícola, ao mesmo tempo por seu valor e pelos defeitos dos outros, era impelido, precipitado sobre a própria glória”<sup>41</sup>.

É interessante notar o alvoroço que as conquistas militares de Agrícola causaram no império. De acordo com o relato de Tácito:

Frequentes vezes foi naquele tempo, e mesmo ausente, acusado ante Domiciano e, mesmo ausente absolvido. A causa do perigo não foi crime nenhum, nem queixa de alguém prejudicado, mas um príncipe infenso às virtudes, à glória do varão e à pior espécie de inimigos, a dos que louvam. A isto se seguiram circunstâncias da república que não permitiam que Agrícola passasse em silêncio, tantos foram os exércitos perdidos na Mésia, na Dácia e na Germânia e na Panônia, ou pela temeridade ou pela covardia dos generais,

---

<sup>41</sup> Tac.,Agr, 9,4.

tantos os militares ilustres batidos e capturados com coortes inteiras, a tal ponto que já não se punha só em dúvida a sorte da linha fronteira do Império e da margem, mas até a dos quartéis de inverno das legiões e a do domínio. Assim, como as perdas se sucedessem às perdas e fosse ao ano inteiro assinalado de mortes e desastres, corria de boca em boca o pedido de que tomasse Agrícola o comando, comparando todo seu vigor, sua firmeza e seu ânimo experimentando nas guerras com a inércia e o temor dos outros. Bem se sabe que bastantes destes ditos foram bater aos ouvidos de Domiciano, porque os libertos, os melhores por dedicação e fidelidade, os piores por maldade e por inveja, excitavam um príncipe já inclinado à maldade.<sup>42</sup>

Temos, nessa passagem, uma crítica ao círculo mais próximo do Imperador. Os boatos sobre Agrícola correram antes de chegar ao príncipe. Contudo, Tácito enfatiza que chegavam ao príncipe pela pior espécie de inimigos, que é aquela que louva o Imperador.

Já tratamos da divisão da aristocracia proposta por Joly e Favarsani, segundo a qual Tácito faria uma crítica àquela parte da aristocracia que bajula o imperador para alcançar status no principado. A nosso ver, é justamente a essa aristocracia que Tácito faz suas críticas nesse relato. Temos também nessa passagem uma crítica a Domiciano, um imperador que, segundo Tácito, estava inclinado a maldade. No caso, a maldade do imperador não se fazia sozinha, pois parte da sociedade romana de certa forma alimentava esse caráter de Domiciano.

Podemos constatar que em toda a biografia de Tácito o governo de Domiciano é relatado como tirânico e opressivo, ao passo que o general Agrícola é um modelo de virtude a ser seguido, sendo um general obediente ao imperador. Diante desse perfil da biografia, chegamos a um paradoxo da obra: se o governo de Domiciano era tão opressivo e tirânico até o ponto desse Imperador ser considerado pior que Nero, como pode o general Agrícola manter uma autonomia considerável como seu legado na Britânia, diante de um governante com tais características?

O relato de *Agrícola* nos dá a impressão de que o general não está sob o comando de um poder maior, que é o do Imperador. Isso porque não há referência a este último durante sua campanha e, aparentemente, nenhuma comunicação entre ambos. Agrícola é representado como autônomo em relação ao poder imperial. A presença do imperador Domiciano passa a ser mais enfatizada apenas após a volta de Agrícola a Roma, quando deveria receber o reconhecimento devido por sua campanha vitoriosa.

---

<sup>42</sup> *Idem*, 41.

Talvez o relato que Tácito compôs acerca de Agrícola possa ter exagerado os feitos de seu sogro e, dessa forma, seria falsa a impressão construída na narrativa de que Agrícola tinha uma autonomia relevante no império.

Há poucas referências na narrativa *Vida de Agrícola* sobre Domiciano dando ordens e instruções ao general, o que nos dá a sensação de que o Imperador estava ausente nas decisões políticas e que Agrícola possuía uma forte autonomia no império. Se compararmos o papel de Nero na narrativa de Tácito sobre a campanha do general Corbulão na Armênia com a narrativa sobre a campanha de Agrícola na Britânia, percebemos que Nero está muito mais presente e ativo nas discussões diplomáticas da guerra da Armênia que Domiciano nas campanhas militares na Britânia.

Liebeschuetz (1966), em seu artigo *The theme of liberty in the Agricola of Tacitus*, faz um estudo a respeito da autonomia que o general Agrícola possuía no Império durante seu governo na Bretanha. Dessa forma, questiona o papel do general no império e também do próprio Imperador para com o general. Isso traz uma contribuição para indagarmos até que ponto a liberdade do general deveria se estabelecer sem que desafiasse o poder do imperador. De acordo com Classen (1982), a liberdade de Agrícola era exercida pela moderação do general. Enquanto Agrícola tinha por principal conduta a moderação, Domiciano não tinha com o que se preocupar com relação ao general, se, ao contrário, Agrícola se mostrasse muito ambicioso e exaltasse suas vitórias, talvez o imperador interviesse nas suas campanhas na Britânia. Ainda dessa forma, nos resta a indagação do porquê Domiciano não intervieria nos assuntos da Britânia, seria por puro desleixo ou por não saber lidar com as questões militares? A Bretanha foi um caso excepcional, pois a política militar de Domiciano era puramente defensiva e Agrícola acabou por consolidar a conquista de um amplo território para o império romano, conquistas que ajudaram a aumentar a fama do general. No relato de Tácito, Agrícola governava soberano sobre a Britânia, pois o imperador só iria fazer algo em relação a fama do general quando ele chegasse em Roma, pois na Britânia quem mandava realmente era Agrícola. De acordo com Sailor (2008), existe uma divisão na obra de Tácito que evidencia uma quebra na representação do general. Temos dois momentos, o período em que Agrícola está na Britânia e o período em que ele volta para Roma.

Na biografia, o governo de Agrícola é retratado de forma diferente em diferentes contextos. Nesta primeira parte dessa seção, observamos como ele lida com a recepção de suas próprias conquistas durante seu governo. No

próximo, examinamos como seu retorno a Roma deixa na mãos de Domiciano o ofício de representar suas conquistas, e como a execução desse ofício pelo tirano engloba perversidade da representação sob seu domínio. A principal dificuldade está em que enquanto Agrícola pode se representar dentro da Britânia, ele não pode fazer o mesmo na volta a Roma; na seção que se segue iremos notar que a tarefa de representar Agrícola em Roma pertence a Tácito. A representação de Agrícola na Britânia ocorre corretamente e as palavras correspondem aos fatos. A crise que conhecemos se passa no local, e está sendo gerada dele, Roma é mantida fora da província não apenas pelo apego do governador ao significado absoluto e a correta circulação de glória, mas também pela vigilância de Tácito em selar a comunicação entre província e continente. (SAILOR, 2008, p. 89)

Concordamos com essa perspectiva de Sailor. Podemos perceber, na biografia, que, enquanto o general está na Britânia, é possível falar das suas conquistas e glórias, exaltar suas virtudes e competência militar. Agrícola possui autonomia não apenas na província da Britânia, mas também, de certa forma, na maneira como Tácito nos relata o general, pois, em vários momentos da narrativa, o historiador narrou os discursos feitos por Agrícola em primeira pessoa, é o momento em que o general possui maior diálogo na narrativa. No entanto, a volta de Agrícola a Roma quebra com a representação do general ao passo que ele é relatado, agora, sem a autonomia que ele detinha quando estava na Britânia. Agrícola passa a estar exposto e subjugado aos mandos de Domiciano. De fato, Agrícola perde a voz no relato de Tácito, no sentido de que, quando volta para Roma, não há mais menções ao general em primeira pessoa. O representante do general passa realmente a ser Tácito.

Tácito procurou demonstrar no relato de Agrícola em Roma, as injustiças sofridas pelo general e, ao mesmo tempo, fazer uma homenagem ao sogro, como forma de compensar o triunfo e o verdadeiro reconhecimento que lhe fora negado. De acordo com Sailor (2008), no final da biografia do sogro, Tácito cria uma impressão de que o general havia terminado sua vida como um mártir. Essa forma de narrar o final da vida do sogro auxilia o historiador a chamar a atenção para a violência do regime de governo de Domiciano.

No final da biografia, Tácito deixa claro que Agrícola é um modelo de conduta a ser seguido pela posteridade, uma antítese do caráter do imperador que é exemplo a não ser seguido.

Temos de venerar, de preferência, pela admiração, por louvores imortais, e se a natureza nos ajudar, por te imitarmos, esta piedade dos que te são mais próximos.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Tac.,Agr,46,2.

Dessa forma, Tácito universalizou os feitos de Agrícola. Esse general passa a ser uma metáfora da virtude, e Domiciano, uma metáfora do vício.

### 3 O GENERAL E O IMPERADOR

Pretende-se tomar como enfoque deste capítulo o modo como Tácito apresentou os fatos, os indivíduos e suas ações na narrativa de *Anais*, com base na discussão historiográfica dos autores propostos. Partiremos para uma análise mais específica sobre a narrativa dos *Anais* referente ao principado de Nero, que abarca o final do livro XII e os livros XIII ao XVI. Adiante, trataremos do papel do general Corbulão, escolhido por Nero para resolver os conflitos em torno da região da Armênia.

#### 3.1 Composição da imagem do principado de Nero na narrativa dos *Anais* de Tácito

Nero assumiu o comando do império com a ajuda de sua mãe, Agripina. Essa mulher teve uma grande influência política no império, ao passo que era bisneta do imperador Augusto, irmã de Calígula e esposa do imperador Cláudio, que adotou Nero. A mando de Agripina, Cláudio foi assassinado com o objetivo de colocar seu filho como imperador. A apresentação, por Tácito, de Nero como governante se inicia durante a narrativa da morte de Cláudio, em que Nero proclamou um discurso em elogio ao Imperador. Essa alocução foi criticada por Tácito:

Mas assim que passou a elogiar Cláudio pela sua prudência e juízo ninguém pôde deixar de se rir, apesar de que o discurso, sendo obra de Sêneca, havia sido muito bem trabalhado, e era digno do gênio brilhante do autor, muito conforme com o gosto do tempo. Contudo os velhos, que pela sua ociosidade sempre costumam fazer comparações entre as coisas passadas e presentes, notavam esta singular circunstância, que de todos os que tinham sido imperadores Nero era agora o primeiro que se servia da eloquência dos outros. Porque o ditador César havia competido com os melhores oradores; e Augusto teve uma eloquência pronta e corrente, como convinha a um príncipe: Tibério conheceu muito bem a arte de ponderar as palavras, ou seja quando queria ser vigoroso em pensamentos, ou quando de propósito queria ser ininteligível: o mesmo Caio César, não obstante os furores da sua imaginação, não deixou de possuir uma eloquência nervosa: e até mesmo ao Cláudio não faltou elegância quando discorria sobre assuntos estudados. Nero desde sua primeira idade começou logo a aplicar para outros objetos o seu espírito inquieto: exercitava nas artes do buril, da pintura, da música vocal, e do manejo dos cavalos; e algumas vezes no versos que compunha mostrava que não lhe faltava princípios.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Tac., *Ann*, XIII, 3.

Essa passagem apresenta a primeira impressão que Tácito compõe a respeito de Nero como governante. Podemos perceber, primeiramente, uma dura crítica ao fato de Nero não possuir eloquência, característica que, de acordo com o historiador romano, convinha a um príncipe ter. Para criar um embasamento para sua crítica a Nero, Tácito busca comparar o príncipe ao imperador Augusto e a todos os imperadores da dinastia Júlio-Claudiana. Todos esses imperadores tinham certa eloquência, enfatizando que até mesmo Calígula e Claudio a possuíam. Isso logo nos faz ter uma impressão de que Nero era o imperador mais inapto ao governo da dinastia Júlio-Claudiana.

Os escritores antigos, como Tácito, Dião Cássio e Suetônio, ajudaram a criar uma imagem tirânica e autocrática do governo da dinastia Júlio-Claudia, principalmente com relação aos imperadores Calígula e Nero. Um dos objetivos da escrita de *Anais*, de Tácito, foi construir uma denúncia aos governos tirânicos e os evidenciar como exemplo a não ser seguido pela sociedade imperial. Analisaremos nossa fonte, levando em consideração as condições e o contexto político da época, a fim de entender quais razões levaram ao surgimento e à manutenção da imagem de Nero como um mau governante. Outra passagem importante de *Anais* para nosso estudo, surge no contexto de eclosão de um cenário de guerra envolvendo a fronteira com os partos, logo após a tomada do poder por Nero:

Assim em uma cidade tão ávida de novidades, uns e outros perguntavam “como seria possível que um príncipe, que apenas contava dezessete anos de idade, se pudesse haver com tão graves negócios, ou pudesse desviá-los de si? Que confiança podia haver em um jovem mancebo governado por uma mulher? Ou como era de se esperar que seus dois mestres dirigissem as batalhas os cercos das cidades, e todas as mais operações militares?”<sup>45</sup>

Observa-se, nessa passagem, que a imagem que Tácito apresenta da entrada de Nero como imperador é composta por opiniões e receios de terceiros. São opiniões em aparente desacordo, que produzem uma imagem complexa e preocupante. Apesar de estar escrevendo sobre esse fato, Tácito retirou – ou por que não? – camuflou sua opinião sobre o acontecimento. O que temos, nesse caso, são as impressões relatadas por Tácito das pessoas que presenciaram a tomada de decisão de Nero no governo imperial.

Esses questionamentos que Tácito insere por meio da opinião de terceiros é característica da escrita indireta. Segundo Ferguson (1913), as características da escrita

---

<sup>45</sup> *Idem*, XIII, 6,2.

indireta podem ser observadas pela apresentação, na narrativa, de certos comentários de outros, por um discurso do próprio personagem histórico a quem se refere, com uma combinação dos comentários do escritor com os personagens históricos. Podemos perceber todas essas características da escrita nessa passagem dos *Anais*.

Nota-se, ainda nessa passagem da obra, que são expostas muitas indagações a respeito da competência de Nero como governante. São questionadas a idade do imperador, a sua falta de experiência em assuntos militares, a influência de sua mãe Agripina e a necessidade de Nero ter Burro e Sêneca auxiliando-o em suas decisões políticas. Trataremos de duas das críticas apontadas que achamos mais pertinentes para esta pesquisa: a questão da experiência militar do imperador e a presença de Burro e Sêneca como conselheiros.

Introduziremos o assunto militar com uma indagação: seria tão relevante um imperador não possuir experiências militares durante o contexto da dinastia Júlio-Claudiana? É interessante notar que Tácito, ao inserir em sua narrativa uma crítica à falta de experiência do Imperador em assuntos militares, poderia estar fazendo uma transposição dos problemas referentes a sua época para a análise do período neroniano.

Até o governo de Augusto, as questões militares eram muito importantes, como foi, aliás, durante toda a história romana, até então. Com o monopólio do título de *imperator*, os triunfos militares passariam a ser atribuídos ao imperador, mesmo que ele não tivesse participado da guerra. A conduta bem sucedida de Augusto se tornou um modelo para emulação, um modelo para os seus sucessores. Augusto conseguiu pôr fim às Guerras Civis e alcançou um equilíbrio nas relações entre o Imperador e a aristocracia, combinando elementos republicanos e monárquicos. O fim das guerras civis fez com que, como consequência, e, talvez, até mesmo como uma condição para a manutenção da paz, certas esferas de competição aristocrática fossem praticamente monopolizadas pela casa governante. Esse era o caso do triunfo militar. Outras honrarias também passaram a ser exercidas apenas pelo Imperador, como a posição de *pontifex maximus*. Mas tal monopólio não deveria ser usurpado pelo Imperador, mas ser resultado de uma concessão por parte da aristocracia ao mais importante de seus membros. Tal equilíbrio era baseado em condutas pautadas pela dissimulação do Imperador e da aristocracia, ou seja, todos deveriam dissimular. Como notou Winterling:



Assim, uma situação curiosa havia surgido, que exigiu grande habilidade comunicativa de todos os participantes: os senadores tiveram de agir como se ainda possuíssem um grau de poder que já não tinham, enquanto que o imperador tinha de exercer o seu poder de tal forma a dissimular sua posse. (WINTERLING, 2011, p. 11)

Tal dissimulação partiria do comportamento do *princeps*, que deveria se mostrar um modelo para emulação. Dessa forma, se Augusto passa a ser um modelo de referência de conduta para o império romano, como julgar cada um dos seus sucessores quando eles apresentavam características novas com relação ao fundador do principado? Nero não tinha prática em assuntos militares e, por isso, necessariamente, não estaria tendo uma conduta apropriada ao que se esperava de um imperador. Mas os outros imperadores que sucederam Augusto tinham experiência militar?

No início do período Júlio-Claudiano, ainda percebemos imperadores que tiveram experiências militares, tais como Tibério, que foi general, e Calígula, que detinha certa experiência, pois, sendo filho de Germânico, cresceu em meio a acampamentos militares, e já chegara a marchar com o pai para o Oriente. Cláudio não detinha muita experiência militar, mas chegou a ir em um campo de batalha em 47 d. C na Bretanha.

A questão é que, mesmo tendo imperadores com práticas militares, durante o período Júlio-Claudiano isso não era um requisito para uma pessoa se tornar imperador. A questão da adoção familiar era mais relevante que as competências militares de um indivíduo para ocupar o posto do principado. A própria ascensão de Nero já representava esse fato relativamente novo. Se Augusto assumiu o poder pelas armas, seus sucessores construíram seu caminho para o poder no ambiente da *Pax Augusta*.

Durante as guerras civis de 68/69 e com a ascensão de Vespasiano, a questão militar volta a tomar certa relevância. Isso porque Vespasiano era um general que conseguiu virar imperador. Tácito, em uma digressão no livro III de *Anais*, ressalta que o desejo de imitar o príncipe é, para o próprio príncipe, fonte de poder inigualável. E indica que Vespasiano, por ter sido um ótimo príncipe, inspirava emulação:

Vespasiano foi sem dúvida, o primeiro que apareceu com toda simplicidade dos costumes antigos tanto na mesa como no modo de se vestir; e daqui nasceu o desejo de imitar e agradar ao príncipe, pois que um tal desejo sempre é mais poderoso do que todas as leis e do que todos os castigos.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Tac., *Ann.* III, 55, 4.

Para Tácito, nenhum dos sucessores de Augusto, pertencentes à dinastia Júlio-Claudiana, foi capaz de emular o fundador do principado e manter uma relação estável com a aristocracia, tal equilíbrio somente foi alcançado no período de Vespasiano.

Contudo, a sucessão dos imperadores, a partir de Vespasiano, não se fazia tampouco pelas competências militares de um general e sim pela *Domus Caesaris*. Dessa forma é que foi construída a sucessão da dinastia Flávia. Temos Tito como um imperador que foi general, mas, ao mesmo tempo, temos Domiciano que não tinha muita experiência militar. O governo de Domiciano foi considerado por Tácito o mais repressivo e tirânico do império romano. O assassinato de Domiciano não levou a uma nova guerra civil, como se viu com o suicídio de Nero. A nova dinastia emergiu de acordos construídos no âmbito das elites, que foram suficientes para evitar uma guerra civil.

No período de Nerva e Trajano, época em que Tácito vivenciou e escreveu suas obras, as questões militares passaram a ter uma maior relevância para o império, principalmente durante o período de Trajano. Primeiramente, o fato de Nerva ter escolhido, por meio da adoção, o seu sucessor Trajano, um general pertencente à Hispânia, quebrou, de certa forma, uma tradição do princípio dinástico, pois Trajano foi o primeiro imperador que não era de Roma e não tinha vínculos mais claros, forjados ao longo do tempo, com a casa reinante. Ainda que Trajano não tenha conquistado o poder por força das armas, como Augusto ou Vespasiano, Trajano era um importante general e sua adoção por Nerva claramente evitou a guerra civil que aconteceria caso não houvesse um consenso suficiente no interior da aristocracia em torno dessa solução para a sucessão de Nerva. Durante o seu governo, Trajano comandou as tropas e participou de guerras contra os dácios e contra os partas. Essa última guerra remonta também a época de Nero. No período neroniano houve um conflito com os partas durante quase cinco anos em uma campanha liderada pelo general Corbulão. Por essa razão, pensamos também que Tácito deu certa ênfase ao conflito da Armênia em seus escritos para criar uma comparação entre o governo de Nero e Trajano e também entre a conduta de Nero, de Trajano e a do general Corbulão.

Podemos perceber que temos Augusto, Vespasiano e Trajano como modelos de emulação para Tácito. Todos esses imperadores foram generais. Entretanto, podemos ver que, durante a dinastia Júlio-Claudiana, as questões militares não tinham tanta relevância como na época de Trajano. Portanto, achamos que a crítica que Tácito atribui a Nero em relação à prática militar é realmente uma transposição do seu contexto em

sua análise histórica. Ressalta-se ainda que Tácito buscou os parâmetros de conduta de Augusto e Trajano para analisar os imperadores da dinastia Júlio-Claudiana.

Entretanto não são apenas os exemplos de Augusto e Trajano que Tácito utiliza como parâmetros para compor uma imagem de Nero como governante. Existem muitos personagens presentes em sua narrativa que ajudam na composição da imagem do imperador. Por isso, necessitamos abordar o segundo ponto de nossa análise que é referente à presença de Sêneca e Burro como conselheiros de Nero. É interessante perceber a maneira como Tácito vai, aos poucos, tecendo uma imagem de Nero como imperador em sua narrativa. No primeiro momento, a figura de Nero como governante é apresentada acoplada à representação de seus dois conselheiros, Sêneca e Burro. Esses conselheiros eram considerados um suporte para o governo do Imperador, por serem influentes e respeitados em Roma. De acordo com Joly (2010, p. 85), “Sêneca e Burro são qualificados como *rectores imperatoriae*, responsáveis por controlar os impulsos juvenis do príncipe”. A presença deles, de certa forma, atenuou o temor e a negatividade que poderia se ter sobre a imagem do imperador frente a assuntos de Estado.

Na narrativa dos *Anais*, podemos perceber, ainda no mesmo relato sobre o principado de Nero, que a aparição de Sêneca e Burro também contribuiu para abrandar o primeiro juízo que se apresentou na narrativa sobre a figura Nero.

Outros porém raciocinavam desta forma: que as coisas assim mesmo iriam melhor do que se Cláudio incapaz pela idade e pela sua natural estupidez, e além disto governado por escravos, fosse o que tivesse ao seu cuidado esta guerra. Que Burro e Sêneca eram dois homens de experiência conhecida; e quanto a pouca idade do imperador, pouca mais também tinham Cn. Pompeu, e César Octaviano, que sustentaram as guerras civis; o primeiro, só quando apenas contava com dezoito anos, e o segundo dezenove. Os que governavam faziam de ordinário ações mais brilhantes pela influência dos bons conselhos do que pelo seu próprio braço e valor.<sup>47</sup>

Essa passagem dos *Anais* elucida como o retrato de Nero como governante é traçado por meio de outros indivíduos. No caso, temos Sêneca e Burro inseridos na narrativa como dois indivíduos cuja experiência e conhecimento sobre assuntos políticos ajudavam, de certo modo, a amenizar o receio que os romanos poderiam ter a respeito da chefia de Nero.

Se a pouca idade de Nero é apresentada num primeiro instante da narrativa, como um fator que gera desconfiança e temor para os romanos, em seguida, Tácito inverte o direcionamento de sua narrativa ao comparar Nero com Cn. Pompeu e

---

<sup>47</sup> Tac., *Ann*, XIII, 6,3.

Otaviano. Estes são apresentados como exemplos de governantes que sustentaram as guerras civis, apesar da pouca idade que tinham. Ressalta-se ainda que por trás de ambos os governantes houvesse a presença de bons conselheiros, assim como ocorreria com Nero.

Desse modo, a imagem que Tácito apresenta de Nero em sua narrativa foi elaborada por meio do recurso de verdades ocultadas e falsas aparências como nos demonstrou O’Gorman. Isso porque, ao mesmo tempo em que Tácito constrói uma ideia a respeito do Imperador, ele se utiliza de recursos que negam essa construção mais adiante. Nas duas últimas passagens de *Anais*, supracitadas, Tácito insere Nero, a princípio, como incapaz de assumir o império, segundo o relato das opiniões de terceiros. Logo após, apresenta razões para se dar crédito a Nero como governante ao compará-lo com Cn. Pompeu e Otaviano. É, portanto, evidente a presença da ambiguidade na narrativa dos *Anais* a respeito do principado neroniano.

Decerto que o relato de Tácito nos apresenta o início do principado neroniano de uma forma mais suave. A fase que Nero governou com o apoio de Sêneca e Burro nos é apresentada de modo menos negativo. A narrativa que se segue, após a saída desses dois conselheiros, descreve o governo de Nero de uma forma mais conturbada.

De acordo com Wiedemann (2008, p. 243), “o sucesso de Sêneca e Burro em persuadir contemporâneos, de que eles estavam orientando o jovem imperador ao longo do caminho da virtude, teve um efeito favorável sobre a tradição histórica”. Segundo o autor, as fontes concordam que os primeiros anos do governo de Nero foram positivos e que, somente nos últimos anos de seu governo, Nero alienou a elite e teve por consequência as conspirações contra ele.

O período positivo do principado de Nero ficou conhecido como quinquênio neroniano pela historiografia romana do império. Configurou-se uma ideia de que os cinco anos de governo de Nero foram marcados por um período mais harmônico entre o príncipe e o senado. Ainda de acordo com Wiedemann:

é improvável que a ideia do quinquênio teria sido inventada para explicar a excelência das construções durante o período do imperador ou mesmo o verdadeiro sucesso militar associado com Corbulão e outros comandantes. Foi talvez antes uma tentativa de explicar porque tantos senadores que mais tarde revelaram Nero como um monstro estavam preparados para apoiá-lo durante tantos anos. (WIEDEMANN, 2008, p. 244).

Pensamos que a ideia de Wiedemann (2008), de que o quinquênio neroniano seria uma forma de os senadores justificarem o apoio inicial que deram ao príncipe é totalmente válida. Essa seria uma forma de a imagem desses senadores não ser levada junto aos acontecimentos violentos que se sucederam durante o principado neroniano. Ressalta-se também o fato de que práticas de bajulação aos imperadores foram comuns por uma parte da aristocracia romana, como também a prática de delatar outros membros do grupo que poderiam estar traindo o Imperador. Essa parte da aristocracia tendia facilmente a mudar seus posicionamentos a fim de manter suas posições (ou mesmo apenas pela sobrevivência) na sociedade imperial. Muitos desses senadores que sobreviveram ao principado de Nero por meio da bajulação ou da acusação e, por isso, mudavam facilmente de posição. Há também uma pequena parte aristocrática que conseguiu a sobrevivência por meio da moderação.

Podemos perceber isso também na observação feita por Wiedemann (2008), de que o quinquênio foi importante para a tradição cética, em nossa fonte de estudo. O assassinato de Agripina ocorreu no quinto ano do governo de Nero, em 59 d. C. A partir desse acontecimento, podemos perceber, na narrativa taciteana, um tratamento mais hostil à personalidade e ao governo do príncipe. A partir disso, começamos a ler vários relatos sobre assassinatos, tanto de membros do senado quanto de outras pessoas de mais baixa extração.

Ao contar os eventos que se seguiram ao assassinato da mãe de Nero, Tácito dá ao leitor uma descrição de Nero sob a influência de várias emoções.

Porém o Cesar só depois de perpetrada a maldade é que viu toda a enormidade do seu crime. Passou o resto da noite ora em um estúpido silêncio, ora por mil vezes sobressaltado com terrores, e verdadeiramente louco, e esperando pelo dia como o termo fatal de sua destruição.<sup>48</sup>

É visível que o assassinato de Agripina também contribuiu para a depreciação da imagem que Tácito nos dá sobre o imperador. Segundo J.F. Ferguson (1913, p. 4), a vida de Nero é mostrada inteiramente por um método novo e, ainda, dramático. “Somos levados como se fosse a um laboratório para ver o funcionamento de um cérebro e uma alma doentia, que Tácito constrói para explicar suas ações e analisar os motivos e sentimentos”.

---

<sup>48</sup> Tac., *Ann.*, XIV, 10,1.

Não somente o assassinato de Agripina marcou um divisor de águas na narrativa taciteana sobre Nero, mas também a morte de Burro e o suicídio de Sêneca. O próprio Tácito afirma que “a morte de Burro diminuiu o valimento de Sêneca; e o partido da virtude deixou de ter a mesma autoridade, faltando-lhe já um dos seus primeiros apoios, e inclinando-se Nero cada vez mais para os homens perversos.”<sup>49</sup>.

Ainda que Tácito tenha delineado ações e personagens que ajudam a depreciar a imagem de Nero como governante na narrativa, não podemos afirmar se ele era realmente um mau imperador. Isso nos levaria a uma discussão muito complexa que envolveria não somente a narrativa dos *Anais*, como também o próprio conceito de mau ou bom governante na visão de Tácito assim como da historiografia moderna. Aproveitamos isso apenas para a comprovação de que Tácito, em várias partes da narrativa sobre o principado de Nero, traça uma concepção negativa sobre a chefia desse imperador. Essa figuração se constituiu na narrativa, segundo a exposição das ações desse imperador, assim como também sua descrição dos vínculos pessoais e políticos. Edward Champlin (2003, p. 87) ressalta que pouco se indaga sobre a “heroicização desse imperador pelas camadas populares e sobre a tradição positiva que se construiu a seu respeito no Oriente, e que fornecem um contraponto à imagem elaborada pela elite em Roma e nas províncias Ocidentais”. Iremos analisar mais adiante a política de Nero no Oriente.

Apontamos Sêneca e Burro como personagens que serviram de instrumento na narrativa dos *Anais* para se pensar no retrato de Nero. Temos outros personagens que auxiliaram de certa forma na figuração que Tácito constrói sobre esse imperador. Entre esses, destacamos o general Corbulão. Tácito nos descreve esse personagem de maneira bastante positiva. São relatadas as glórias e os méritos do general em quase toda a narrativa dos *Anais* referente ao conflito em torno da região da Armênia. Contudo, Tácito não nos apresenta, em sua história, a figuração de Nero como um imperador digno de glória e méritos. Isso implica que o próprio fato de Tácito ter remetido elogios e admiração a Corbulão acaba por ser uma forma de contrapô-lo à imagem de Nero.

Nesse sentido, cabe observar que outros antigos historiadores romanos não deram tanta ênfase aos feitos e à campanha do general. Suetônio, historiador romano do mesmo período de Tácito, não chegou a mencionar Corbulão em sua narrativa sobre o

---

<sup>49</sup> Tac., *Ann.*, XIV, 52,1.

principado de Nero<sup>50</sup>. Dessa forma, podemos perceber um método indireto de caracterização de Nero enunciado por Ferguson (1913, p. 3) como “a caracterização de contrastes entre dois personagens”, pois Tácito nos retratou um general cheio de virtudes ao mesmo tempo em que retratou um imperador cheio de vícios. Segundo Joly (2010, p. 87), “a caracterização do comandante escolhido, Domício Corbulão, é a antítese do jovem Nero, sem capacidade oratória e experiência nas lides bélicas”.

### **3.2 O papel do general Domício Corbulão na narrativa dos *Anais***

Cabe aqui apresentar certas considerações pertinentes à vida de Corbulão, aos seus laços familiares e aos vínculos políticos, em suma, à sua importância para o império, para, adiante, analisarmos como ele é descrito nos *Anais*, de Tácito. Ressalta-se que pretendemos analisar a imagem que Tácito descreve de Corbulão, com o propósito de inserir uma discussão a respeito de como era tratada a questão da glória militar na época de Nero e como a apresentação de Corbulão na narrativa dos *Anais* contribuiu para fazer uma depreciação da imagem de Nero como governante.

A mãe de Corbulão se chamava Vistília e foi casada seis vezes. Segundo Syme (1970), os frutos de suas estratégias matrimoniais adquiriram consequências políticas tanto no reinado de Calígula quanto no reinado de Cláudio. Prova disso é o fato de que a filha de Vistília, Milonia Caesonia, foi amante e logo se tornou esposa de Calígula. Destaca-se também que um dos maridos de Vistília, Suillius Rufus, foi um homem influente, cônsul no governo de Cláudio e procônsul da Ásia. Além disso, Ovídio dedicou a ele uma obra poética. Pode-se perceber que o fato de Vistília ter se casado tantas vezes contribuiu para que aumentasse o seu vínculo com outros grupos familiares.

Essas evidências apresentadas demonstram, até o momento, que certa importância de Corbulão é inerente aos vínculos que membros de suas famílias formavam, assim como o fato de sua família por si só ser importante e influente. O primeiro nome Domício pode estar ligado a uma família de origem plebeia, mas já bem estabelecida na *nobilitas*. Vale lembrar ainda que Domício era também o nome

---

<sup>50</sup> Temos como referência a obra *As vidas dos Doze césores*, escrita por Suetônio. Essa obra retrata a biografia dos doze primeiros imperadores romanos: Retrata o governo de Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano.

gentilício paterno de Nero, como Tácito lembra ao relatar o casamento que deu origem a Nero.

Finalmente Tibério mandou que celebrasse em Roma o casamento de sua neta Agripina, filha de Germânico, que ele no seu retiro havia dado por esposa a Cn. Domício. A razão desta escolha tinha sido porque, além de pertencer Domício a uma família antiquíssima, era ainda parente muito chegado dos Césares, por ser neto de Otávia, e por via dela sobrinho de Augusto.<sup>51</sup>

Fica clara, nessa passagem, não só a importância da família dos Domícios, mas também como essa importância está vinculada aos laços políticos imperiais que se formavam por meio dos matrimônios. No entanto, pode-se inferir que não basta apenas que Corbulão seja de uma família nobre e de relevante influência política. Ele já havia se mostrado digno de glória e, além de ter uma origem familiar senatorial, era um homem que conquistou uma posição de destaque por seu próprio mérito, especialmente por sua constância e modéstia. Um espaço importante do texto de Tácito é dedicado ao contexto da escolha de um general para o comando da guerra da Armênia. O general é descrito em várias passagens dos *Anais* como um homem digno de reconhecimento.

No contexto da guerra entre os partos e romanos pela posse da Armênia, percebe-se, na narrativa dos *Anais*, comentários referentes a uma conduta íntegra e exemplar que o general desempenha em seu comando das tropas e das negociações com os partos. Em relação às tropas, “Corbulão com um vestido mui ligeiro, e com a cabeça descoberta assistia a todos os exercícios e a todos os trabalhos, louvava os valentes, consolava os fracos e servia de exemplos para todos”<sup>52</sup>.

Corbulão é apresentado como um general não apenas bem visto pelos romanos, como também pelos povos de outros reinos. O próprio Vologeso, rei dos partos, em um episódio de *Anais* em que entrega reféns aos Romanos, escolhe Corbulão para recebê-los em detrimento do governador provincial da Síria, Umídio Quadrado:

Todos estes preferiram para a entrega a pessoa de Corbulão, não só pelo efeito da sua glória recente, mas por uma certa afeição que ele sabia inspirar até aos mesmos inimigos. De fato se originou uma discórdia entre os dois comandantes, queixando-se Umídio de que lhe roubava os frutos das suas negociações; e pelo contrário replicando Corbulão que o rei tão somente havia resolvido a dar este passo, quando o vira nomeado general, com que todas as suas esperanças se tinham convertido em medo.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> Tac., *Ann.* IV, 75, 1.

<sup>52</sup> *Idem*, XIII, 35,4.

<sup>53</sup> *Idem*, XIII, 9,3.



As duas passagens citadas comprovam que as características positivas que Tácito apresenta do general estão ligadas à questão das ações e da postura de Corbulão frente às situações já sumarizadas.

Todas as descrições nos levam a confiar que o general era um homem digno de glória para sua época. A dificuldade que se impõe é que essa glória de Corbulão poderia tornar-se uma afronta para o poder imperial. Isso porque, no império, as glórias deveriam ser sempre transferidas para o imperador.

### **3.3 *Etiam specie inanium validus*: o problema da glória militar no principado de Nero**

Os sucessores de Augusto trouxeram o aparelho militar do estado romano cada vez mais sob seu controle direto e pessoal, e as elites em geral encontraram uma oportunidade decrescente para ganhar glória e reforço do estatuto por meio de conquista militar. Em vez de grandes triunfos, temos “pequenos triunfos” em forma dos *ornamenta triumphalia*. De acordo com Roller (2009)<sup>54</sup>, durante o período da dinastia Júlio-Claudiana, a glória militar foi significativamente reduzida. Podemos perceber a indisponibilidade de comandos militares independentes para a aristocracia, juntamente com o desaparecimento das honras militares mais elevadas para aqueles que não pertencessem à casa imperial. Podemos observar que o próprio Corbulão lamentou a autonomia diminuída dos comandantes de sua época.

Corbulão recebeu as ordens do César quando já estava acampado no país inimigo. Mas apesar de que esta resolução não esperada lhe fizesse suscitar ao mesmo tempo diferentes pensamentos, tais como o medo do imperador, o pouco caso que dele fariam os bárbaros, e o ludíbrio a que ficava exposto da

---

<sup>54</sup> Matthew Roller aponta os postulados éticos de Sêneca para procurar identificar algumas características sociais e ideológicas do período Júlio-Claudiano. De acordo com autor, Sêneca tenta estudar uma saída ao problema da diminuição da glória militar para a aristocracia. Sêneca sugere aos seus leitores aristocráticos que eles têm a reclamar certos privilégios e poderes tradicionalmente exercidos pela aristocracia, mas recentemente monopolizados pelos *principes*. A *moderatio*, como discutimos nos dois primeiros capítulos, é a principal resolução encontrada por Sêneca para o problema da glória militar. Sêneca nos indica uma inversão de valores durante o principado: a busca por glória e demonstrações de bravura que durante a república eram considerados virtudes passam a ser interpretadas como vício durante o principado. Dessa forma, um bom general segundo a filosofia estoica de Sêneca não seria aquele que procura se gabar e demonstrar seus grandiosos feitos e sim aquele que por meio da moderação obedece ao imperador. Outro ponto importante que Roller salienta é que inúmeras queixas são atestadas, em textos que datam ou referem-se ao período de Júlio-Claudiano, que outros símbolos tradicionais de status aristocrático – envolvimento com o senado, ornamento de várias patentes senatoriais e até mesmo honras militares menores foram desvalorizadas ao serem dispensadas prodigamente aqueles que não mereciam.

parte dos aliados, sem proferir ao recebê-las mais do que estas poucas palavras: Quanto não foram mais felizes os antigos comandantes romanos! Deu logo ordem para retirada.<sup>55</sup>

Esse relato remete ao conflito da Germânia no período em que Cláudio era o imperador. É visível nessa citação que Corbulão não era a favor da decisão do Imperador em recuar com o exército. Contudo, obedeceu ao príncipe. Isso ratifica o que havíamos apontado anteriormente, que os generais já não tinham tanta independência em comandos militares. Quando Corbulão menciona que foram mais felizes os comandantes antigos, podemos observar uma referência ao período da república, época em que os comandantes tinham um maior controle sobre o julgamento de suas campanhas. De acordo com Roller (2001, p. 101), essa passagem implica “que os comandantes não podiam buscar a glória para si como antigamente”. Os generais que buscavam demasiadamente a glória para si ou aqueles que, mesmo com a conduta moderada alcançavam a fama da glória sem buscá-la, poderiam causar uma séria afronta ao imperador.

Contudo, apesar de Corbulão ter lamentado a falta de autonomia que os comandantes romanos tinham durante o principado, ele teve uma relevante autonomia durante o governo de Nero. Isso porque o imperador concedeu a Corbulão todo o comando das tropas, assim como deixou avisado para os “reis, os prefeitos, os procuradores e os pretores das províncias vizinhas para que estivessem às ordens de Corbulão”<sup>56</sup>. Segundo Tácito, o general recebeu um poder “quase igual ao que o povo romano dera a Pompeu na guerra dos piratas.”<sup>57</sup>. É importante ressaltar que tamanho poder dado a Corbulão foi por consentimento de Nero e do senado. E, por isso, pode-se inferir que, nesse instante, o imperador não concebia o general como uma ameaça a seu poder, mas sim como uma emanção de seu poder, como uma solução para o conflito com os partos. Tudo isto dentro do marco institucional tradicional. Ressalta-se também que Tácito buscou relacionar a imagem de Corbulão com a de Pompeu, que foi um grande general da república romana, como uma forma de engrandecer as virtudes do general.

Tácito demonstra que Corbulão, na guerra da Germânia, queria entrar em batalha:

---

<sup>55</sup> Tac., *Ann*, XI, 20,1.

<sup>56</sup> Tac., *Ann*, XV. 25,2.

<sup>57</sup> *Idem*, XV.25,3.

Foi quem mais atiçou a rebelião que, sendo do agrado de muitos, não era bem visto por outros. Porque motivo, diziam estes últimos, está ele excitando agora o inimigo? Todos os males que vierem a suceder recairão sobre a república; e se por fortuna sair bem dos seus projetos, será temido na paz do homem perigoso, e dará sempre ciúmes a um príncipe covarde.<sup>58</sup>

Está claro, por essa passagem, que, se Corbulão fizesse uma batalha bem sucedida, ele poderia estar criando um confronto direto com o Imperador. Portanto, a fama do general poderia fazer nascer um sentimento de ciúme e inveja por parte do Imperador.

Está presente na narrativa dos *Anais* uma dualidade referente às atitudes de Corbulão em relação às glórias que alcançava. Ora esse general aparece na narrativa como interessado em aumentar a sua glória, ora tenta amenizar a glória conquistada, transferindo-a para Nero.

Há duas passagens nos *Anais* que comprovam essa dualidade de forma mais clara. Uma delas pode ser lida no momento da batalha em que Vologeso ataca a Armênia, então sob o controle de Tigranes V; este ataque foi possível como decorrência da imprudência do general Peto, que havia avançado demais em território inimigo, animado pela aparente facilidade que encontrava em campo. Mas esse avanço era uma armadilha e Peto sofreu um perigoso contra-ataque que o colocou em grave perigo. Peto, então, solicitou a ajuda de Corbulão. Sobre isso, relatou Tácito: “Conta-se que a muito custo o resolveram então participar Corbulão o risco em que se via, o qual também nada se apressou para que, crescendo os perigos fosse mais glorioso o seu auxílio”<sup>59</sup>. Nesse caso, Corbulão não deixa de responder ao auxílio pedido por Peto, mas não se preocupa em ter pressa para resolver o conflito, visto que sua demora aumentaria ainda mais a sua glória. Nessa situação, Corbulão coloca a preocupação em alcançar glória à frente dos problemas do império, de maneira sutil, já que sua atitude não demonstra nenhuma deslealdade para com o imperador, mas sim com seu companheiro de armas que poderia ser lançado na mais profunda ignomínia em razão de seu erro, que foi habilmente ampliado em suas consequências por Corbulão.

A outra passagem refere-se a um elogio que Corbulão fez a Nero em uma assembleia geral com suas legiões em Melitene, lugar que passaria pelo Eufrates para chegar à Armênia:

---

<sup>58</sup> Tac., *Ann XI*, 19,3.

<sup>59</sup> *Idem*, *XV*,12,3.

e ali em uma assembleia geral, depois de uma solene lustração, falou ao exército a quem disse coisas magníficas do poder do imperador e das gloriosas ações que debaixo dos seus auspícios já tinha executado, fazendo recair todas as desgraças sobre a inépcia de Peto, e dando um grande peso a todas estas palavras com a sua eminente reputação que em um militar como ele valia mais que toda a sua eloquência.<sup>60</sup>

Nessa passagem, Corbulão transfere a glória conquistada para o Imperador. Outro aspecto importante é que Tácito enfatizou o general como um homem possuidor de grande autoridade. Ou seja, sua reputação militar já era o bastante para considerá-lo digno de honras e glória. Dessa forma, a conduta do general seria mais importante que o tipo de eloquência que ele poderia ter. Podemos pensar, desse modo, que um elogio vindo de Corbulão para o imperador era algo bastante digno de reconhecimento.

Podemos notar outros vários momentos presentes na narrativa em que Corbulão, ora busca glória e fama, ora transfere seus êxitos ao Imperador. Destacamos mais uma parte do relato que consideramos relevante para esta discussão. Refere-se à narrativa sobre a conferência entre os partos e os romanos para se travar a guerra pela Armênia. Vologeso I escolheu o mesmo local em que o general Cesênio Peto havia perdido a batalha. Corbulão não deixou de concordar com a escolha do local, visto que “este contraste iria realçar muito mais a sua glória”<sup>61</sup>.

Nessa citação Corbulão parece estar despreocupado em relação ao Imperador ou mesmo em relação à dignidade dos romanos. A escolha do território da batalha poderia aumentar não somente a sua glória, mas também a sua fama em decorrência da glória obtida. Podemos perceber que há certos momentos em que o general busca aumentar sua glória e há outros em que a transfere para Nero, talvez como recurso de sobrevivência no império, pois a fama vinda dos feitos desse general não poderia ultrapassar nem ameaçar a fama de seu imperador. Apesar de o general almejar a sua glória e fama, ele manteve-se obediente ao imperador. Podemos ver isso em um episódio no qual o general Cesênio Peto foi encontrar-se com Corbulão para tratar dos assuntos da guerra e propôs a ele que as legiões de ambos invadissem a Armênia, enquanto Vologeso I havia se retirado. “Replicou Corbulão que o imperador lhe não tinha dado esta ordem.”<sup>62</sup>. Essa resposta do general a Peto é extremamente útil para pensarmos sobre a lealdade de um romano para com seu imperador. Corbulão, apesar da sua preocupação em aumentar a sua glória e fama militar, como já demonstrado

---

<sup>60</sup> Tac., *Ann* XV, 26,3.

<sup>61</sup> *Ann.*, XV.28,2.

<sup>62</sup> Tac., *Ann.*, XV. 17,2.

anteriormente, não se manifesta como um general desobediente a Nero. Ao contrário disso, ele sempre buscou consultar o imperador quanto às decisões a serem tomadas em sua campanha para a Armênia. O general tem, dessa forma, uma autonomia limitada a propósito da política a ser empregada na região em questão. Pensamos que essa autonomia é limitada pelo próprio caráter de Corbulão, que manteve durante toda a sua campanha uma conduta moderada.

Vimos que Corbulão buscava a glória, mas, ao mesmo tempo, se precava das consequências negativas que essa glória poderia lhe trazer. Tácito nos apresenta um general de muita competência militar, mas que não poderia demonstrar-se eficiente demais perante o império. Tácito nos descreve Corbulão como “um homem valoroso, mesmo tendo a aparência própria de homens inanes”<sup>63</sup>. Isso implica que Corbulão não poderia se mostrar muito valoroso, pois isso poderia ser perigoso durante o principado. O fato de o general parecer mais virtuoso que o príncipe poderia tornar-se uma séria afronta ao poder imperial. Fábio Duarte Joly (2010) considera que essa descrição serve para marcar a antítese do general com o jovem imperador. Essa afirmação é certamente válida para nossos estudos.

Podemos notar que Tácito não fez, em sua narrativa, nenhum comentário a respeito das decisões do imperador acerca dos assuntos da Armênia. As ações de Corbulão são, em grande parte do relato, acompanhadas por elogios do historiador. Corbulão é tratado por Tácito como um exemplo de virtude em meio a um principado repleto de pessoas de condutas viciosas. A nomeação de Corbulão por Nero é destacada por Tácito como um ato positivo tomado pelo Imperador. Logo, a imagem de Nero é desenhada também pela escolha do general Corbulão para tomar frente às questões militares do império, como podemos perceber nesta passagem:

além das adulações de costume havia contudo um motivo verdadeiro para todos estarem satisfeitos, vendo que se tinha nomeado Domício Corbulão para o governo da Armênia; o que indicava que se ia abrindo caminho para que as virtudes pudessem brilhar.<sup>64</sup>

Tácito buscou demonstrar, em sua narrativa que, apesar de termos um governo hostil às virtudes, ainda era possível vermos membros virtuosos dessa aristocracia, e Corbulão era um deles. Diferentemente de Corbulão, as ações de Nero frente ao conflito

---

<sup>63</sup> *Idem*, XIII,8,3. A tradução dessa passagem, em particular, é de minha autoria e também de Alexandre Agnolon, professor de Estudos Clássicos do Departamento de Letras da UFOP.

<sup>64</sup> Tac., *Ann.*, XIII, 8,1.

são narradas sem nenhum tipo de elogio ao Imperador. Muito pelo contrário, podemos observar muitas considerações hostis sobre a conduta de Nero em relação ao seu governo. Entretanto, Tácito não procura evidenciar as virtudes de Corbulão apenas como uma forma de contrapô-lo à imagem de Nero, mas também à imagem de muitos membros da aristocracia pertencentes ao contexto neroniano.

Achamos pertinente destacar o general Peto como um dos aristocratas cuja conduta é criticada por Tácito. Peto foi um general chamado por Nero para participar do conflito da Armênia em um momento em que Corbulão se encontrava na Síria. A narrativa de Tácito a respeito da campanha de Cesênio Peto difere muito do modo como apresentou a de Corbulão. Peto é apresentado como um general despreparado para a guerra. Em vez de narrar grandes feitos desse general, os *Anais* mostram, em várias passagens, seus erros à frente do conflito da Armênia. Tentaremos relatar do episódio do conflito as partes mais importantes em que Tácito evidencia a conduta de Peto:

Neste mesmo tempo Peto, ignorando todo o perigo em que estava metido, tinha a quinta legião mui longe dele no reino do Ponto, e trazia as outras muito minguadas em razão das muitas licenças que inconsideradamente dava aos soldados quando chegou a notícia de que Vologeso o vinha procurar com um numeroso e formidável exército<sup>65</sup>.

A falta de astúcia de Peto em assuntos militares levou o general Corbulão a retomar sua interferência na região da Armênia, já que Vologeso havia tomado a frente no conflito e porque Peto “esqueceu todos os deveres militares, e tão somente se contentou a escrever a Corbulão a pedir-lhe que viesse a toda pressa salvar as bandeiras e as águias e os restos infelizes de um exército quase aniquilado”<sup>66</sup>.

O general Cesênio Peto foi encontrar-se com Corbulão para tratar dos assuntos da guerra e propôs a ele que as legiões de ambos invadissem a Armênia enquanto Vologeso I havia se retirado. A resposta já nos é conhecida: “Replicou Corbulão que o imperador lhe não tinha dado esta ordem.”<sup>67</sup>. Nessa citação, vemos Peto como um general que almeja a glória e está disposto a tomar as decisões do conflito sem a autorização do Imperador. Peto não possui moderação em sua conduta, ao passo que Corbulão, mesmo tendo almejado a glória como mostramos em muitas passagens de *Anais*, manteve-se obediente a Nero. Corbulão também apresentou-se como um contraponto à imagem de Peto. Temos, de um lado, um general virtuoso competente e

---

<sup>65</sup> Tac., *Ann*, XV.10,2.

<sup>66</sup> XV. 11,3.

<sup>67</sup> XV. 17,2.

leal ao imperador e, de outro, um general de conduta viciosa, sem competência militar e sem respeito às ordens de Nero. Tácito evidencia que um aristocrata que se comportasse sem a moderação exigida pelos tempos, poderia ser nocivo à república. Os ataques à integridade do império vinham não só de um eventual mau governante, mas também de uma aristocracia cuja conduta sempre deveria ser moderada. Nero já não mais existia quando Tácito escrevia, o excelente Trajano governava. Contudo, a aristocracia contava ainda com membros que não tinham qualquer moderação e mereciam críticas tanto quanto Nero, com a diferença que estavam presentes e representavam um risco imediato, à diferença do tirano que, naquele momento, seria apenas um risco potencial.

Vimos que, em alguns momentos, Corbulão gostaria de entrar em batalha com os partos, contudo obedeceu aos mandos do Imperador. O general sabia que era perigoso se mostrar muito valoroso no império. Isso justifica o fato de Corbulão ora procurar glória, ora dividir a glória conquistada com Nero.

A dualidade de Corbulão em relação a sua glória reflete um conflito em torno da figura do Imperador, que deveria ser digno de glória, por propiciar a um general de sua confiança uma vitória. Mas, ao mesmo tempo, esse general ali colocado por um Imperador também era merecedor de reconhecimento, de glória. O problema que se coloca é se a glória deveria ser retirada do outro. A questão que perpassa o texto de Tácito é: Quem é responsável pela vitória, Nero como estadista ou Corbulão como general? No caso de Agrícola, Tácito claramente toma o partido de seu sogro frente a Domiciano. Aqui, contudo, a questão é muito mais complexa, envolvendo inclusive a dúvida sobre a existência de uma vitória militar efetiva ou se esta foi substituída por um triunfo farsesco produzido por Nero.

Contudo, Tácito não nos apresenta em sua história a figuração de Nero como um imperador digno de glória e méritos. Apenas as glórias de Corbulão nos são relatadas. Isso implica que o próprio fato de Tácito ter remetido os elogios e admiração a Corbulão acaba por ser uma forma de contrapô-lo à imagem de Nero. Nesse sentido, cabe observar que outros historiadores antigos romanos não deram tanta ênfase aos feitos e à campanha do general Corbulão. Suetônio, historiador romano do mesmo período de Tácito, não chegou a mencionar Corbulão em sua narrativa sobre o principado de Nero. Pensamos que o relato de Tácito sobre Corbulão tem como propósito mais do que evidenciar o general como uma antítese ao imperador. Isso porque a guerra da Armênia também estava presente no contexto no qual Tácito escrevera suas obras, o principado de Trajano. Portanto, Tácito poderia estar buscando

também uma análise em relação à guerra da Armênia e, ao mesmo tempo, fazendo uma comparação não somente entre Corbulão e Nero, como também entre Nero e Trajano.

Não houve uma efetiva batalha durante o conflito da Armênia entre os partos e romanos. O conflito foi resolvido por meios diplomáticos entre o general Corbulão e o rei dos partos. Por isso, não podemos afirmar que houve um triunfo militar se não houve guerra. Entretanto, Nero comemorou o triunfo da vitória da campanha de Corbulão. O rei Tiridates foi a Roma em 66 d. C. para receber seu diadema das mãos do próprio Nero.

No meio se elevou um tribunal, e sobre ele a cadeira curul que sustentava a estátua de Nero; e chegando-se a ela Tiridates, depois de terem precedido os sacrifícios do costume, tirou da cabeça o diadema, e lhe depôs a seus pés.<sup>68</sup>

A celebração de um triunfo marcou bem que o responsável pela conquista da Armênia fora Nero. O triunfo, assim, pode ser considerado como um insulto à tradição militar. De acordo com Beard:

O espetáculo neroniano, nas suas representações literárias tanto era e não era um triunfo. Esse utilizava os mesmos apetrechos, repetiam alguns dos mesmos rituais (a companhia na carruagem) e comemorava a vitória do imperador; seria fácil imaginar que isso poderia ser falado como um triunfo de Nero. No entanto não há qualquer sinal de que o triunfo foi tratado em pé de igualdade com a cerimônia de costume. Não celebrava o sucesso militar que consistentemente justificava um triunfo (mesmo que de forma tênue). E divergia flagrantemente de alguns dos procedimentos padrão desse triunfo. A questão não é muito se o desfile de Nero deve ser pensado como um triunfo ou como uma paródia de um triunfo, mas de forma muito mais geral a ponto que a paródia se torna verdadeira. Para nós, em outras palavras, isso levanta a questão do quão triunfal uma cerimônia deve ser para que ela conte como triunfo. (BEARD, 2007, p. 270-271)

Podemos interpretar a comemoração do triunfo de Nero como uma preocupação do imperador em relação ao seu prestígio militar. Concordamos com Beard (2007) que a comemoração do triunfo feita por Nero não teve a mesma justificativa que levava um indivíduo romano a comemoração. Não houve uma vitória militar no conflito da Armênia, dessa forma não haveria motivo para um triunfo. Consideramos a cerimônia triunfal de Nero como um simulacro do triunfo. O imperador não deveria receber honras pelo conflito da Armênia. Tácito procurou demonstrar, durante a narrativa do triunfo de Nero, que nem sempre as honras são dadas àquele que merece. Ele procura evidenciar

---

<sup>68</sup> Tac., *Ann*, XV,29,3.



Nero como um não merecedor do triunfo. Isso nos auxilia a perceber quem seria um bom governante ou não para Tácito. Os bons imperadores seriam aqueles que haviam realizado suas vitórias próprias, como é o caso do imperador Trajano. Os maus imperadores seriam aqueles que realizavam cerimônias falsas por vitórias vazias. Corbulão não recebera nenhum reconhecimento pelo comando do conflito da Armênia. Para Tácito, Corbulão seria o grande merecedor desse triunfo, que seria efetivo se ele pudesse comandar as tropas com autonomia, e não Nero, que é responsável apenas por um triunfo verdadeiro não existir, mesmo a ocasião se apresentando para tal.

Decerto que Corbulão teve muita competência no comando de suas tropas e foi também um general respeitoso para com o Imperador. Contudo, se não houve uma guerra vencida e se as relações que resolveram o conflito foram pautadas na diplomacia e não na luta, podemos inferir que Nero também foi responsável pela conquista. Não se trata de desmerecer Corbulão como general neste trabalho. Acreditamos que ele teve uma importância muito grande para a resolução do conflito da Armênia durante o governo de Nero. Por isso, é preciso estar atento ao fato de a escrita de Tácito ser produzida por um historiador que manipula a narrativa de acordo com certos propósitos e finalidades específicas. Por isso, é importante que procuremos distinguir até que ponto Tácito utiliza Corbulão para criar uma imagem hostil do governo de Nero e em que medida podemos perceber a importância da política de Nero para o império. Isso porque os andamentos das resoluções do conflito foram feitas mediante a política adotada por Nero. A política de Nero, dessa forma, pôde ter auxiliado na resolução do conflito da Armênia, colocando em xeque a necessidade de uma guerra, como aquela levada a cabo por Trajano. Por isso, torna-se pertinente estudarmos agora essa questão.

### **3.4 A política de Nero é a política do Império?**

Pretendemos iniciar uma reflexão a respeito da discussão historiográfica atual relativa à política imperial de Roma no Oriente, especialmente sob o governo de Nero. Nosso objetivo é analisar o relato dos *Anais*, de Tácito, no que se refere à postura política de Nero na Armênia e ao papel desempenhado por Corbulão, general responsável pela aplicação dessa política, assim como pela resolução do conflito entre os partos e romanos na disputa pelo controle do trono armênio. A partir disso, procuraremos perceber se a política adotada por Nero na Armênia é coerente com a política do império representada pela historiografia.

Entre os principais estudiosos da política romana no Oriente, da qual iremos tratar, estão Alain M. Gowing, Manson Hammond e Anthony A. Barrett. Essa historiografia faz referência à política do imperador Augusto como ponto de partida para se pensar as políticas romanas empregadas, em seguida, no Oriente. Isso se justifica pelo fato de a política de Augusto ser relativa a um aspecto da dominação romana que fez uso de reis clientes e que teve continuidade com seus sucessores.

De acordo com *The Oxford Classical Dictionary*, o termo “reis clientes” é convencionalmente usado para designar os monarcas e outras autoridades, não-romanos, que estabeleciam relações, ao mesmo tempo essencialmente harmoniosas e desiguais, com Roma. Nessa definição, podemos perceber que essas relações se davam por meio da linguagem da amizade, sendo denominados *rex sociusque et amicus* (rei e aliado e amigo). (HORNBLOWER; SPAWFORTH, 1996).

Nas fronteiras, os reis clientes eram reservas importantes de poder pessoal, recursos e conhecimento local. Esses reis deveriam atender às demandas de Roma, sem, contudo, pagar taxas regulares. Em troca, os reis clientes esperavam que Roma assegurasse suas posições e seu poder local. Eles estabeleciam sua interação com Roma por meio de relações pessoais com indivíduos e famílias romanas. Durante o principado, esses laços pessoais eram continuamente multiplicados, entretanto o imperador e sua família agora eram a maior fonte de patronagem para os reis clientes. Essa política foi utilizada por sucessores de Augusto, tais como Tibério, Calígula, Cláudio e Nero.

Sobre a escolha desses reis-clientes, é importante ressaltar que havia uma prática de enviar membros das aristocracias locais a Roma, por meio de tratados de alianças ou voluntariamente, para serem educados nas casas romanas. Esses membros poderiam também se tornar reis clientes em algum reino aliado de Roma. A historiografia tende a denominar esses aristocratas como reféns ou hóspedes de Roma, mas optamos por referenciá-los como aristocratas estrangeiros que residiram em Roma.

Vejamos, então, como a historiografia estuda essas relações durante o período imperial. Para tanto, iniciaremos a análise pelo estudo de Gowing (1990). Este autor ressalta que Tácito associou, em sua narrativa, uma relação entre o rei e o imperador que poderia acontecer direta ou indiretamente. A aparição dessa relação se inicia no livro I dos *Anais*, mas não ganha o centro da história como se manifesta no livro II. Já no primeiro capítulo desse livro, Tácito fez referência a Vonones, que foi um aristocrata estrangeiro residente em Roma no período de Augusto e que foi enviado para assumir o

trono dos partos. Esta relação de clientela pode ser claramente percebida nesta passagem:

Este rei era Vonones, que Frates havia enviado como refém a Augusto; porque, apesar de ter vencido os generais e exércitos romanos, mostrara sempre por aquele imperador muita veneração e respeito; e para mais consolidar a amizade, lhe havia mandado parte dos filhos, não porque de modo algum nos temesse, mas porque se não fiava bastante na fidelidade dos vassalos.<sup>69</sup>

Gowing (1990) percebe um padrão no modo como Tácito relata a presença dos reis clientes. Todos eles são apresentados pelas seguintes peculiaridades: “eram reféns de Roma e estavam neste império ou haviam permanecido um bom tempo nele, e em seguida foram enviados para governar um reino que lhes era estrangeiro” (GOWING, 1990, p. 322). No caso, Vonones ilustra esse modelo durante o período de Augusto, contexto no qual esse tipo de política ficou conhecida. Durante o principado de Nero, temos o exemplo do aristocrata residente em Roma, Tigranes V, que, no decorrer do conflito, foi escolhido por Nero para compor o trono da Armênia.

Contudo, essa generalização feita por Gowing (1990) com relação à aparição dos reis clientes nos *Anais* descarta a relação de clientela entre Roma e um reino sem que, necessariamente, o rei fosse residente em Roma ou tivesse passado algum tempo recebendo a educação junto com membros da aristocracia romana. Um exemplo claro disso está na cerimônia de desfecho do conflito da Armênia, na qual Nero cria uma aliança com os partos por meio da coroação de Tiridates, irmão de Vologeso, como rei da Armênia. Decerto, nesse episódio foi estabelecida uma relação de clientela, ainda que resultasse de um conflito com os partos.

O príncipe parto, falando então amplamente da nobreza da sua casa, rematou em tom mais modesto, dizendo: - que iria a Roma, e daria ao César uma glória inteiramente nova, qual era o ver diante de si humilhado um Arsácia que não tinha sido vencido.<sup>70</sup>

Essa passagem ilustra bem a postura política de Nero frente ao conflito pelo controle da Armênia. A resolução encontrada para essa guerra foi fazer uma aliança com os partos, na qual Tiridates poderia assumir o trono da Armênia desde que fosse fiel ao império. Nesse sentido, o estudo de Hammond (1934) propõe questões importantes para refletirmos a respeito dessa resolução para o conflito da Armênia.

---

<sup>69</sup> Tac., *Ann*, II, 1.

<sup>70</sup> Tac., *Ann*, XV, 29, 1.

Primeiramente, Hammond (1934) faz referência à política de Augusto seguindo a ideia de Henderson da dominação romana pela nominal suserania. De acordo com Henderson (1903), existem quatro tipos possíveis de dominação que Roma poderia ter sobre a Armênia: a completa rendição, a anexação da parte central da província, a real suserania romana, na qual um romano é nomeado ao trono, e a política de nominal suserania, conforme foi adotada por Augusto e também por Nero, como vimos pelos exemplos de Vonones, de Tigranes V e de Tiridates.

Hammond (1934) compartilha da mesma ideia que Henderson, de que a Armênia permaneceu fraca no período de Augusto e de seus sucessores, sem grandes pressões vindas dos partos no sentido de colocar em risco o domínio romano. Por isso, a seu ver, os Armênios poderiam assentir com a terceira possibilidade de dominação, que era a da real suserania. Contudo, esse autor coloca essa política como uma única condição de domínio possível para o governo de Nero. Funda sua interpretação em razão de que a ascensão de Vologeso no reino Parta se deu em 51 d. C. A partir disto, crescentemente ele se tornou uma ameaça para o domínio romano da Armênia. Portanto, Hammond (1934) defende a política de nominal suserania como uma medida necessária para a proteção da Armênia, o recurso mais coerente a ser adotado por Nero como governante.

Durante o conflito com os partos, podemos perceber que Nero se utiliza das duas formas possíveis de emprego de reis clientes. Uma delas diz respeito à nomeação de um aristocrata residente em Roma ao trono da Armênia e a outra à construção de uma aliança com o reino dos partas. Essas duas alternativas são representadas primeiramente por Tigranes V e, posteriormente, por Tiridates.

É importante ressaltar que Tácito demonstra que aristocratas estrangeiros residentes em Roma, ao se tornarem reis clientes do Império, poderiam ter problemas de legitimidade para o exercício de seu poder junto a seus patrícios. Ainda que o rei fosse descendente da província que escolheram para governar, o longo tempo ausente e a educação recebida em Roma poderiam fazer com que, mesmo um nativo da região, parecesse um estranho para sua gente. Podemos perceber isso em uma passagem dos *Anais* referente ao principado de Tibério. Os partos pedem para que Roma envie Vonones para o governo da Pártia. Vonones foi mandado como refém a Roma pelo irmão Fraates IV, rei da Pártia, como uma demonstração de veneração e amizade por Augusto e, como dissemos anteriormente, quando nos referimos aos reis clientes que ficavam cativos na capital, este monarca recebeu uma educação junto às elites romanas.

Contudo, com a morte de Fraates IV, Vonones volta para governar o reino parto e, como podemos verificar, enfrentou problemas, uma vez que

Os mesmos bárbaros o receberam muito satisfeitos; o que sempre costuma acontecer no princípio de novos reinados: porém depois, já cobertos de vergonha, parecia-lhes, que os partos tinham degenerado, indo buscar um rei ao Ocidente, imbuído em todos os artifícios do inimigo; e que era o maior dos escândalos que o trono dos Arsácidas pudesse achar-se, e até conferir-se no meio das províncias romanas. De que lhes podia já valer a glória de ter morto Crasso, e afugentado Antônio, se um escravo do César, que por tantos anos havia sofrido a escravidão, vinha agora ser soberano dos partos?<sup>71</sup>

Assim, a política de colocar um aristocrata que residira em Roma no trono de um reino não foi bem sucedida. Durante Nero, o envio de Tigranes V para ocupar o trono da Armênia também fracassou. A tentativa não prosperou, primeiramente, pelo fato de ele ter entrado no exercício do poder em um momento em que o conflito que originou seu envio, entre Romanos e partos, ainda não havia cessado e, depois, pelo fato de ser um estrangeiro para os partos, que tinham interesse na região.

No entanto Vologeso rei dos partos, sabendo dos sucessos de Corbulão que em lugar de seu irmão Tiridates, expulso da Armênia, estava nomeado o estrangeiro Tigranes para ocupar este trono, desejava ir vingar esta injúria feita a majestade dos Arsácidas.<sup>72</sup>

Por outra razão, houve relutância dos partos em grande parte do conflito, no caso de Tiridates, que era alguém ligado aos partos, em aceitar como condição ir a Roma pedir o trono a Nero e se tornar um rei-cliente: “Nem Vologeso podia sofrer que seu irmão Tiridates fosse expulso de um reino que lhe havia dado, nem que o recebesse das mãos de uma potência estrangeira”<sup>73</sup>. Contudo, os Partos acabaram por ceder à aliança com Roma fazendo com que a Armênia se tornasse um reino cliente do império.

Outros reis clientes aparecem no relato dos *Anais* durante a campanha do general Corbulão na Armênia. O estudo de Barrett (1979) enfoca os reis que auxiliaram no conflito, Aristóbulo, Antioco, Agripa e Soemo. Os reinos destes reis faziam fronteira ao território da Armênia. Nesse aspecto, Barrett aplica o estudo de Henderson no qual afirma que esses reis foram recompensados pela concessão de parcelas da região da Armênia. Pode-se constatar pela narrativa dos *Anais* que houve mesmo concessões a dois desses reis, Agripa e Antioco:

---

<sup>71</sup> Tac., *Ann*, II, 2,2.

<sup>72</sup> XIII, 9,2.

<sup>73</sup> XIII, 34.

Nero mandava completar as legiões do Oriente com todas as recrutas feitas nas províncias; e dava ordem para que as mesmas legiões se postassem perto da Armênia. Fazia saber os dois antigos reis Agripa e Antíoco que tivessem os seus exércitos prontos para com eles entrarem nas fronteiras dos partos logo que a ocasião lhes parecesse favorável; e ao mesmo tempo que, para se passar o Eufrates, se formassem muitas pontes. Deu também com os títulos e as insígnias reais a Armênia menor a Aristóbulo e a província de Sofene a Soemo.<sup>74</sup>

Não resta dúvida de que esses reis clientes deram certo suporte aos romanos no conflito pelo controle da região Armênia. Contudo, resta averiguar, nesse caso, o quanto esse auxílio dos reis clientes foi importante para os romanos, já que Tácito, apesar de mencionar esse apoio, não enfatiza tanto esse fator para a análise do conflito. Barrett (1979) afirma que muitas vezes Tácito omite fatos relativos ao conflito e até mesmo alguns reis, como Soemo. Por essa razão, Barrett (1979) defende que se deve ter uma grande atenção para a questão desses reis na narrativa de Tácito. Na verdade, o aspecto de grande destaque e de relevância inserido na narrativa foi a campanha do general Domício Corbulão. Este general é colocado por Tácito como o responsável para a resolução do conflito na Armênia.

Nesse sentido, resta indagar qual foi o propósito de Tácito ao enfatizar a campanha de Corbulão em sua narrativa e, também, por qual razão ela teria dado menor atenção ao auxílio prestado pelos reis clientes no conflito. Poderia Corbulão ser um instrumento utilizado por Tácito na narrativa dos *Anais*, já que ao engrandecer o general conseqüentemente rebaixava a imagem do imperador Nero? Essa é uma hipótese de relevância para este trabalho.

Barrett (1979) percebe certas omissões de Tácito com relação a acontecimentos importantes na campanha de Corbulão junto à Armênia. E, dessa forma, coloca em dúvida se Tácito desconhecia tais acontecimentos ou se não seriam adequados ao modo pelo qual queria compor a narrativa dos *Anais*. Uma dessas omissões é a do rei-cliente Palemo, que, segundo Barrett (1979), em Tácito não merece em parte alguma a descrição de sua participação no conflito em torno da Armênia. Se considerarmos que Tácito sabia do auxílio desse rei, decerto que, ao ter omitido este acontecimento em sua narrativa, tem-se a impressão, a partir da leitura, que o mérito total do conflito da Armênia ficou consagrado a Corbulão.

---

<sup>74</sup> XIII, 7.

Contudo, não podemos esquecer que a campanha do general Corbulão ocorreu de acordo com as decisões políticas tomadas por Nero para a resolução do conflito na Armênia. Podemos perceber que as relações com os reis-clientes fizeram-se presentes durante todo o conflito, assim como para o desfecho com a coroação de Tiridates. Portanto, a política adotada por Nero no conflito da Armênia foi coerente com a política do Império no sentido da utilização de reis-clientes como forma de manter o controle territorial e político do Império. É indiscutível que essa política adotada por Nero, por meio da celebração de acordos com os diversos interessados na região, foi responsável por 50 anos de paz no Oriente. A questão da Armênia voltou a se tornar conflituosa apenas durante o período do imperador Trajano. Essa foi a época na qual Tácito escreveu a maior parte dos seus livros, entre eles, aqueles que compõem os *Anais*. Por essa razão, para se pensar na política oriental de Nero e na campanha de Corbulão na Armênia, considera-se tanto o propósito pelo qual Tácito escrevera os *Anais*, assim como também as razões pelas quais o autor deu ênfase na questão da Armênia.

Resulta, assim, que a política do Império Romano com relação a seus reis-clientes não é só o resultado das interações concretas estabelecidas entre o Imperador e esses monarcas, ou entre aristocratas de diferentes proveniências e os apoiadores que tenham conquistado ao longo de sua permanência em Roma e que poderia levá-los à condição de reis-clientes. A visão que temos desse aspecto da história imperial romana diz respeito às representações que as fontes construíram dos eventos que estudamos. Neste caso específico, pensar a política de Nero para a Armênia a partir da leitura dos *Anais* é um exercício que necessariamente implica em considerar em paralelo os cenários dos principados de Augusto, Nero e Trajano.

## 4 A ARISTOCRACIA IMPERIAL ROMANA

### 4.1 O papel de Agrícola e Corbulão na narrativa taciteana

Buscamos trabalhar, nesta pesquisa, o papel dos generais Corbulão e Agrícola com o intuito de percebermos o império romano apresentado por Tácito, principalmente no que diz respeito às relações da aristocracia imperial entre seus membros e entre eles com o imperador. Corbulão e Agrícola, como já vimos, estão em contextos diferentes. Corbulão foi general durante o período Júlio-Claudiano, especificamente no tempo dos imperadores Cláudio e Nero. Buscamos destacar a campanha de Corbulão na Armênia, sob o reinado de Nero, pelo fato de Tácito ter enfatizado mais na narrativa dos *Anais* essa guerra que os combates durante o governo de Cláudio. Agrícola foi general durante o período de Domiciano. Tanto Nero quanto Domiciano são criticados por Tácito pela forma com que dirigiram seus governos. Agrícola e Corbulão são apresentados na narrativa taciteana para fazer ver que ainda era possível ter pessoas virtuosas mesmo sob o governo de imperadores tirânicos.

Pensamos que a função central dos generais que estudamos na narrativa de Tácito contribui para a elaboração de uma crítica do historiador romano aos governos tirânicos e a uma grande parte da aristocracia que estava imersa aos vícios do principado. O estudo de Corbulão e Agrícola nos auxiliou a perceber a conduta da aristocracia imperial durante o principado romano. Tentamos apontar as permanências existentes no relato dessas duas condutas e, por outro lado, o que de fato proporcionou uma transformação nas relações aristocráticas da república para o império. Agrícola e Corbulão representam a parte da aristocracia que desempenhou funções militares. Dessa forma, nossas conclusões foram pautadas mais para um perfil determinado de aristocrata. Temos também o próprio Tácito como membro da aristocracia imperial. A análise da sua narrativa nos proporciona, dessa forma, uma percepção das insatisfações e contentamentos de Tácito em relação ao principado romano.

De acordo com uma classificação da aristocracia imperial proposta por Joly e Favarsani, que divide a aristocracia de acordo com a sua relação com o imperador, existem três grupos aristocráticos distintos. Aqueles que se opõem ao governo do príncipe, os que apoiam o poder do imperador por meio de práticas de bajulação e, por



último, os que nem apoiam nem se opõem ao governo do imperador<sup>75</sup>. Tácito parece pertencer ao último grupo, pois podemos perceber, em sua narrativa, críticas tanto ao primeiro quanto ao segundo e elogios às condutas relacionadas ao terceiro. Corbulão e Agrícola são exemplos na narrativa de Tácito porque entre as várias virtudes que tinham, possuíam a mais importante considerada por Tácito: a moderação. De acordo com Tácito, eram poucos os aristocratas romanos que detinham dessa virtude. A grande maioria da aristocracia, pelo contrário, possuía condutas viciosas. Há, em todo trabalho de Tácito, uma tensão entre os que faziam oposição ao imperador e aqueles que serviam a ele. Ambos os grupos eram criticados pelo historiador.

Por isso, a partir da narrativa de Tácito podemos perceber muitas críticas aos imperadores e a muitos membros da aristocracia e elogio a poucos indivíduos dessa aristocracia. Portanto, as obras de Tácito procuram evidenciar mais os exemplos a não serem seguidos pela posteridade, contrapondo-os aos poucos exemplos de virtudes que são possíveis de serem encontrados no império.

Por meio dos poucos membros da aristocracia que serviram de exemplos na narrativa taciteana e das críticas a certos imperadores e parte da aristocracia do principado, o historiador romano vai nos revelando qual seria o modelo adequado de comportamento da aristocracia e dos governantes do império. Qual seria o indivíduo capaz de governar para Tácito?

Não há dúvida de que a percepção de Tácito do principado de Nerva e de Trajano era positiva, até mesmo entusiasmada. Na biografia de seu sogro, ele fala do retorno de homens de espírito e elogia Nerva por ter iniciado um *beatissimum saeculum*, reconciliando o principado e a liberdade, coisas que formalmente seriam incompatíveis. Adiante, em seu texto, Tácito lamenta por Agrícola não ter sido permitido de sobreviver ao *beatissimum saeculum*:

Efetivamente, se não durou até este esplendor de um felicíssimo tempo e não viu Trajano príncipe, o que tanto lhe ouvimos desejar por augúrios e votos, teve pelo menos a grande consolação de, por morte prematura, ter escapado aqueles últimos tempos de Domiciano.<sup>76</sup>

De acordo com Herbert Benario:

---

<sup>75</sup> FAVERSANI, JOLY, 2013.

<sup>76</sup>Tac., *Agr*, 44,1.

A ascensão de Nerva seguiu calmamente pela adoção de Trajano causando em Tácito uma crença na estabilidade do governo. Em última análise ele percebeu que o senado era inferior ao imperador ainda que o imperador respeitasse o corpo do qual se elevou. Mas Tácito estava certo que existia bons imperadores para isso deveria estar agradecido e garantir uma boa sucessão é talvez a principal responsabilidade em geral de um príncipe. (BENARIO, 1972, p. 20)

De acordo com o autor, para Tácito a adoção seria a forma ideal de se passar um governo. Podemos pensar, a partir disso, que o principal mérito do governo de Nerva foi garantir um bom sucessor para o império com a adoção de Trajano. Isso nos remete aos imperadores da dinastia Júlio-Claudiana, que também escolheram seus governantes por meio da adoção, mas fizeram de forma maléfica para o principado, tanto que Tácito dirigiu uma dura crítica aos imperadores dessa dinastia. Nerva e Trajano pareciam governantes aptos para o regime de principado. Entretanto, a questão de quem é capaz de governar para Tácito vai mais além para Herbert Benario (1972). O autor procurou pensar nos membros da aristocracia romana que não chegaram a ser imperadores, mas que, segundo Tácito, seriam dignos de governar um império. A interpretação de Benario é de que os exemplos de virtudes que Tácito apresentou em sua narrativa também seriam, para o historiador romano, bons modelos de governantes.

Benario apresenta quatro generais interpretados como aptos para Tácito a governar o império, que são Corbulão, Paulino Suetônio, Frontino e Agrícola. Em nosso ponto de vista, Corbulão seria, para Tácito, o mais apto a governar. Isso porque Tácito atribui três capítulos dos *Anais* para falar da campanha desse general na Armênia e, por, ao fazer um elogio a Suetônio Paulino, compará-lo com Corbulão:

Nesta ocasião comandava na Britânia Paulino Suetônio, o qual pela ciência da guerra, e pela voz popular que sempre suscitava rivais aos grandes homens, sendo comparado com Corbulão, queria por isso mesmo igualá-lo nos seus triunfos da Armênia, sujeitando completamente os rebeldes britanos.<sup>77</sup>

Vimos que Corbulão serviu de exemplo até mesmo para Tácito fazer elogio a outros membros da aristocracia. Nessa passagem, Corbulão é tratado como um modelo para o general Suetônio Paulino. Como tratamos no primeiro capítulo, um bom exemplo deve ser lembrado, emulado pela posteridade. Dessa forma, Suetônio Paulino querer igualar-se a Corbulão é uma forma de manter o exemplo do general romano vivo no império. Parecer-se com o general Corbulão seria uma demonstração de virtude.

---

<sup>77</sup> Tac., *Ann*, XIV,24,1.

Decerto que todos os quatro generais citados por Benario serviram, na narrativa taciteana, como uma forma de contrapor as virtudes desses generais a dos imperadores em questão. Nesses termos, Corbulão seria uma antítese de Nero e Agrícola de Domiciano. Poder-se-ia pensar que esses generais seriam uma afronta ao poder do Imperador. No entanto, no caso dos *Anais*, Tácito utiliza de outros personagens, sem ser o general, para construir uma imagem de Nero como governante. Dessa forma, Corbulão não é o único que serve de exemplo para se construir um contraponto com o imperador.

Acreditamos que tanto Agrícola quanto Corbulão teriam se mostrado, por suas condutas, como homens dignos de governar o império. Não concordamos com Benario ao defender que o objetivo de Tácito, ao evidenciar as virtudes tanto de Agrícola quanto de Corbulão, era demonstrar que eles eram concorrentes do imperador. Pensamos que o objetivo central de Tácito, ao falar em sua narrativa das virtudes de Corbulão seria uma forma de evidenciar uma crítica a Nero como governante e também a uma parte da aristocracia Júlio-Claudiana. No caso de Agrícola, o objetivo da biografia é fazer um elogio ao general e, ao mesmo tempo, tentar reparar o triunfo que Domiciano negou a Agrícola. Há também, na biografia, uma crítica a Domiciano e à aristocracia do período.

Assim, não se trata apenas de uma crítica aos imperadores, mas também de uma forma de evidenciar a possibilidade da aristocracia atuar de forma virtuosa e alcançar méritos que fossem reconhecidos e imortalizados para além dos limites do governo de um príncipe (mesmo no caso dos longos governos de Nero e Domiciano).

Os modelos de bons governantes são representados em Tácito pela figura de Nerva e Trajano. De acordo com Tácito, durante o governo desses dois imperadores, o império vivenciou um período de maior liberdade para a aristocracia. Liberdade essa que proporcionou a Tácito poder escrever suas histórias:

Só agora nos volta o ânimo; e embora logo no início deste felicíssimo século tenha o Imperador Nerva ligado de novo o que anteriormente era incompatível, império e liberdade, embora todos os dias aumentem Nerva e Trajano a felicidade da época e já não tenha a segurança pública de ficar apenas em esperança e voto, mas para si tenha tomado a confiança e a firmeza que no voto estavam, o que é certo é que, pela natural debilidade humana, mais tardos são os remédios do que males, assim, pois, como nossos corpos crescem com lentidão e rápidos se extinguem, assim também mais facilmente se oprimem do que restabelecem o talento e o estudo; efetivamente, do próprio estar inerte vem agrado e à inação, odiada primeiro, depois se quer. Mas o que havemos de fazer se durante quinze anos, tempo grande em vida de mortal, desapareceram muitos por acasos da sorte, os mais decididos, porém, pela crueldade do Príncipe, e só poucos, e por assim dizer, como que sobrevivendo já não aos outros mas a nós próprios, ficamos sem ter

no meio da vida aqueles anos pelos quais chegamos, no silêncio, de jovens à velhice e, se já velhos, ao próprio termo do tempo a nós marcado. Também, no entanto, não me arrependerei de, embora com a palavra inculta e rude, ter composto lembrança da escravidão do passado e testemunho dos benefícios atuais.<sup>78</sup>

Podemos fazer muitas interpretações acerca dessa parte do proêmio de Tácito. Primeiro é perceptível que os períodos de reinado de Nerva e Trajano são considerados pelo historiador uma época em que era possível a liberdade. De acordo com Faversoni e Joly (2013), no entanto, esta passagem mostra

que a mudança não era tão radical, ainda menos imediata. Para a construção do estado presente e lastimável que Nerva e Trajano vieram a interromper se passaram os quinze anos de Domiciano. Quantos anos seriam necessários então para que os remédios dessem fim aos males? Segundo a visão que Tácito nos apresenta, muito tempo seria exigido para que a aristocracia se visse livre dos vícios ainda presentes. O fato é que a aristocracia ainda se mostrava dividida e em conflito, quer isto fosse estimulado por um tirano que alimentasse adutores e estimulasse conspiradores (ambos perigosos para a preservação da aristocracia) quer em um contexto novo, no qual os velhos vícios não desapareceriam de imediato.

Podemos perceber que existe um jogo político complexo dentro da aristocracia sob o império romano. Nesse sentido, tanto Corbulão quanto Agrícola, apesar de estarem em contextos diferentes, presenciaram uma aristocracia imperial heterogênea e dividida, que tinha que se adaptar a novos contextos. O principado, como fica claro com a transição vivida por Tácito entre os governos de Domiciano e uma nova e instável realidade propiciada pelo governo de Nerva e Trajano, não se resumia a um imperador como uma realidade política constante que se impunha frente a uma aristocracia unificada. Esse é o principal problema nas obras de A. J. Woodman, E. O’Gorman e H. Haynes. Apresenta-se uma “sociedade romana imperial” homogênea, que partilha os mesmos valores, grosso modo contraposta a uma elite republicana. Além das diferenças que se percebe nas relações entre os diversos setores da aristocracia com os diferentes imperadores (ou mesmo diferentes conjunturas sob um mesmo imperador), temos, durante o principado, certas mudanças na composição da aristocracia. Uma delas diz respeito à ascensão dos *novi homines*, cujas qualidades literárias, oratórias e militares foram relevantes para a manutenção do Império, como é destacado por Syme (1967). Ele insere a figura de Sêneca como modelo de novo homem político, que reconhece o fato da monarquia e opera por meio de favores de César. Aliás, essa ascensão de novos grupos sociais, muitas vezes oriundos das províncias do Império, é apresentada por

---

<sup>78</sup> Tac., *Agr* 3,2.

Syme (2002) como o objeto último da obra histórica de Tácito: ao mesmo tempo em que a monarquia corroeu a antiga aristocracia senatorial, abriu caminho para os homens novos das províncias.<sup>79</sup> Nesse sentido, Tácito afirmou o seguinte:

Mas tanto que a tirania dos príncipes entrou a devorar tanta gente, e uma família ilustre foi um sinal de proscricção; todos os que escapavam começaram a ser mais prudentes. Os homens de fortuna, que vindo dos municípios, das colônias, e das províncias entraram a ser frequentemente nomeados para o senado, concorreram também muito para a fragilidade doméstica: e apesar de que, por meio da fortuna ou da indústria, muitos chegaram a uma velhice opulenta, conservaram toda via toda a sua primitiva austeridade.<sup>80</sup>

A ascensão do *novi homines* contribuiu para uma certa instabilidade dentro da aristocracia tradicional. Esta poderia perder seu espaço político no senado e seu prestígio com o imperador. Isso acirrou uma maior disputa inter-aristocrática durante o império. Decerto que a ascensão do *novi homines* contribuiu ainda mais para uma maior heterogeneidade da aristocracia durante o império. O próprio Tácito é um destes *novi homines*, pois, apesar de ter vivido grande parte de sua vida em Roma, não era um romano de nascimento e não provinha de uma família de tradição senatorial. A própria condução de Nerva a Trajano, ao comando do Império e, sobretudo, a adoção de Adriano por Trajano, tem profundas relações com a importância crescente de setores de origem provincial, neste caso, em especial, os de origem hispânica (CANTO, 1991).

Contudo, não era apenas a participação dos *novi homines* que provocou uma instabilidade na aristocracia tradicional romana. Ainda no proêmio citado anteriormente, Tácito afirma que, ao escrever sobre os tempos que antecederam o governo de Nerva, estaria compondo lembranças da escravidão do passado. Existe uma metáfora relacionada à escravidão nas relações da aristocracia para com o imperador que Tácito menciona e que ainda não trabalhamos em nossa pesquisa. Pretendemos discutir quais seriam as insatisfações da aristocracia romana com a figura do imperador e quais os fatores que permitiram o uso dessa metáfora da escravidão no império romano.

## 4.2 A aristocracia o imperador e a metáfora da escravidão

---

<sup>79</sup> Devo essas ideias ao professor Fábio Favarsani.

<sup>80</sup> Tac., *Ann*, III, 55

Estudamos alguns postulados estoicos de Sêneca no primeiro capítulo da dissertação. Como vimos, a filosofia de Sêneca buscou auxiliar os aristocratas a se comportarem perante o novo regime de governo, o principado. Sêneca, por meio da filosofia estoica, procura apresentar uma resolução para a aristocracia romana frente aos problemas que estava enfrentando com o governo do principado. A ética estoica de Sêneca permite aos aristocratas manter uma reivindicação sobre a virtude romana, em um mundo em que as mais prestigiadas honras militares não estão mais acessíveis para eles. Ao mesmo tempo, a filosofia de Sêneca fornece uma maneira de desestabilizar o discurso ético em um mundo em que a expressão do juízo de valor é distorcida pela lisonja. Sêneca utiliza a metáfora da escravidão como recurso para explicar o papel da aristocracia no império romano. A escravidão é figurativa e remete a escravidão da mente ou da alma (*animus*).

Focamos nossos estudos no problema da modificação do título *imperator* para a aristocracia militar. A análise dos generais Agrícola e Corbulão contribuiu para desenvolvermos nossa discussão sobre a insatisfação da aristocracia, que tinha assumido funções militares para com o regime de governo do império romano. Necessitamos, agora, trabalhar com a insatisfação da parcela da aristocracia romana que não buscou glória pela ação militar. Afinal, Tácito nos apontou não apenas a questão militar como um dos problemas do desagrado da aristocracia com o regime. O próprio historiador tinha outras reclamações com relação à aristocracia romana e os governos dos imperadores. Trabalharemos com as relações da aristocracia, de uma forma geral, com a figura do imperador romano.

Depois de cinco séculos do regime político da república romana, o surgimento de um regime autocrático levantou dificuldades de compreensão não só para a aristocracia romana, mas para todos os membros da sociedade romana, incluindo o próprio imperador. Existiu uma dificuldade de entender uma concentração exacerbada do poder nas mãos de uma única pessoa e na articulação dos indivíduos do império romano para com o imperador. De acordo com Roller (2001), os romanos construíram uma nova relação a partir de peças conhecidas da velha ordem. Por exemplo, os romanos se utilizaram de precedentes familiares como uma tentativa de compreender o fenômeno do principado: a figura do imperador como *pater familias*.

Willian Mancini nos apresenta em sua monografia uma boa definição para o *pater familias*:

A ordem Senhorial, tem como figura central o chefe de família (ou mesmo de uma *gens*, que é composta por um conjunto de *familiae*), o *pater familias*. Nele se depositam direitos e deveres executivos, legislativos, judiciários e religiosos dentro de sua *domus*, ou seja, dos domínios tanto na cidade quanto no campo pertencentes a este senhor e às pessoas dependentes deste: mulher, filhos, escravos, libertos e clientes. Todo esse poder do *pater familias* é apoiado na tradição romana (direito costumeiro) e no próprio direito romano que confirma todos os direitos e deveres deste senhor. Através da *patria potestas*, ganhava uma série de poderes sobre seus dependentes que remontam desde a Roma arcaica dos primeiros reis. (VIEIRA, 2008, p. 23)

Dessa forma, o *pater familias*, com a função de um chefe de família, tinha total controle sobre os membros de sua família. Ainda de acordo com Willian Mancini Vieira (2008, p. 23), sem a presença do *pater familias* “era impossível a qualquer filho desenvolver uma carreira política em Roma, pois somente o pai de família detinha a prerrogativa da administração dos bens da família”. Através da *patria potestas*, uma categoria jurídica que engloba amplos poderes de tutela pessoal e gestão da propriedade, sob a categoria da tutela pessoal, o *pater familias* tinha o direito do poder de vida e morte das pessoas que estavam subordinadas a ele. Isso implica o direito de impor castigos corporais a escravos, crianças e mulheres. A partir da exemplificação da função do *pater familias* na sociedade romana, podemos trabalhar como figura do imperador como um *pater familias*. Sobre essa configuração Alfödy escreve:

O imperador detinha a *tribunicia potesta*, podia tomar a iniciativa legislativa sempre que quisesse, promulgar qualquer medida que lhe aprouvesse, para proteger o povo romano. Na qualidade de detentor do *imperium proconsulare maius*, governava as chamadas províncias senatoriais em conjunto com os magistrados nomeados pelo Senado, governava as províncias imperiais sozinho, através dos seus legados e exercia o comando supremo do exército romano. Para mais, na sua qualidade de garante dos bons mores, tinha o direito de admitir na ordem equestre as pessoas que lhe parecessem mais adequadas e de nomear 'homens novos' para o Senado, assim como excluir das respectivas ordens cavaleiros ou senadores, além de que todos os cargos superiores da burocracia ou do exército só podiam ser preenchidos com sua aprovação expressa ou tácita. Mas o imperador não só detinha um poder total garantido pelos seus direitos constitucionais como também a sua posição pessoal era da mais alta *dignitas* da sociedade romana: podia apelar para sua *auctoritas* pessoal, a qual, segundo Augusto, lhe conferia, só por si, a superioridade sobre todos os outros homens (*autoritate omnibus praestiti*, RGDA,34), pois o imperador era a encarnação ideal de todas as antigas virtudes romanas, sendo as principais a *virtus*, a *clementia*, a *iustitia* e a *pietas*. O seu prestígio inigualável exprimia-se nos títulos imperiais (imperator Caesar Augustus, com a enumeração de todos os seus poderes e cargos), traje e insígnias especiais e em todo o cerimonial que rodeava sua pessoa, além de o seu prestígio ser ainda reforçado pelo carisma religioso, que lhe assegurava honras de culto e, no Oriente de expressão grega, uma deificação direta. O imperador era, ainda, o homem mais rico do Império romano: dispunha do *patrimonium Augusti*, os bens da coroa imperial, e da sua própria *res privata*, os seus bens pessoais, quer uns quer outros

constituídos por propriedades rurais, minas e oficinas. (ALFÖDY, 1989, p. 115-117)

Como vimos na passagem acima, o imperador como um *pater familias* tinha todo o controle de todas as casas imperiais. As pessoas que compunham o senado romano poderiam todas ser retiradas dos seus cargos caso o imperador quisesse. Isso possibilitou uma certa instabilidade nas relações sócias entre os aristocratas romanos. A ascensão dos novos homens trouxe ao império uma maior heterogeneidade na aristocracia e ao mesmo tempo proporcionou uma maior competição inter-aristocrática. Com o advento do principado, era possível que homens originários das províncias romanas tivessem uma vida pública no império. Além disso, a comparação do príncipe como um pai de família proporcionou o surgimento da metáfora da escravidão no império romano. Isso porque, assim como um chefe de família poderia punir os membros de sua *domus*, o imperador poderia punir todos os membros da sociedade romana, o que inclui os membros do senado. Tal punição poderia chegar até mesmo à morte dos indivíduos romanos, especialmente nos casos em que havia acusação de traição. A aristocracia, portanto, era refém da conduta política dos imperadores.

O evento do principado causou uma instabilidade social em Roma, pois, se tudo passa a depender das vontades do imperador, a aristocracia poderia estar sujeita a qualquer tipo de tratamento. A aristocracia teria somente o poder que o imperador permitisse a ela. Houve uma certa inversão dos papéis sociais durante o principado. Por um lado, a aristocracia poderia estar sujeita a punições, o que nos relembra o papel do escravo na sociedade e, por outro, apesar de não ser comum, alguns libertos poderiam desfrutar de carreira política e de outros benefícios imperiais.

Foi evidenciada por Joly (2010) a participação de um número considerável de libertos na esfera pública romana. Alguns destes participaram de certas conspirações contra Nero, outros serviam de conselheiros do imperador e, alguns libertos, chegaram a ocupar importantes posições na administração pública. Mesmo sobre esses parâmetros, para o historiador, a posição do liberto ainda era estigmatizada pela condição da escravidão. Afinal, mantinham-se os vínculos desses libertos com seus patronos. A diferença da manumissão para a escravidão era concernente ao quesito de cidadania. O liberto poderia se tornar um cidadão romano, mas sempre deveria obrigações para aquele que fora seu senhor. A *domus* era o elemento de integração dessa relação, assim, como todas as pessoas que estavam inseridas sob o governo do imperador lhe deviam



obrigações e favores, o senhor de um escravo estaria representado nessa figuração imperial.

A relevância de status de certos libertos e escravos imperiais atormentaram a aristocracia romana. Esta passa a se preocupar mais com seu status e prestígio na nova configuração social. Roller (2001) procurou determinar as principais consequências do evento do principado para a aristocracia romana. De acordo com este autor:

Para os aristocratas estabelecidos, seus privilégios e prerrogativas foram considerados potencialmente ameaçados não somente por cima, pela degradação que os imperadores poderiam impor, mas também por baixo, pelos escravos e libertos em ascensão, principalmente aqueles no serviço imperial. Essas inquietações são muitas vezes articuladas através de uma retórica da inversão social, onde os aristocratas são retratados como escravos, e libertos são retratados como mestres desses aristocratas ou pelo menos tão aristocratas como eles mesmos. (ROLLER, 2001, p. 264)

Podemos perceber a ascensão de um liberto, em uma passagem dos *Anais* em que Nero envia um liberto para interferir em uma discussão entre o legado e o procurador:

Para tomar conhecimento do estado da Britânia foi conseguintemente enviado o liberto Policleto, em que Nero punha grandes esperanças, persuadido de que pela sua autoridade seria capaz de não só de reestabelecer a harmonia entre o procurador e o legado, porém de pacificar os ânimos rebeldes dos Bretões. Policleto depois de ter assolado a Itália e a Gália com sua numerosa comitiva, passou enfiar o mar, e não deixou também, pela pompa com que vinha, de assustar um pouco os nossos soldados. Mas foi ao mesmo tempo sua vinda um objeto de grande zombaria para os inimigos, porque respirando eles ainda todo o ar de liberdade, não podiam conceber, e até se admiravam como um general e um exército, tão famosos pela glória de terem acabado com uma guerra tão forte, se pudessem sujeitar a obedecer a escravos.<sup>81</sup>

Podemos perceber que, num primeiro momento, os soldados romanos se assustaram com tamanha pompa de Policleto, ou seja, um liberto não deveria se comportar da forma com que Policleto se comportou. Depois a crítica veio dos Bretões a Roma, por aceitar receber ordens de um escravo. Nesse sentido, a crítica não é apenas dos Bretões, mas também do próprio Tácito à atitude de Nero de enviar Policleto para resolver as pendências do império. Tácito, ao narrar a zombaria dos Bretões, procurou demonstrar que a decisão de Nero de enviar Policleto rendeu certa humilhação do império romano pelos próprios bárbaros.

---

<sup>81</sup> Tac., *Ann*, XIV, 39.

Está presente, ainda nessa passagem, uma distinção entre a liberdade jurídica e a liberdade moral do liberto. De acordo com Joly (2010), do ponto de vista jurídico, o liberto poderia ser tratado na sociedade romana até mesmo como um cidadão. Entretanto, do ponto de vista moral, ele continuava a ser tido como um homem ligado ao passado escravo. O liberto é, portanto, visto como uma continuação da escravidão, pois tinha um vínculo permanente com o senhor que lhe concedeu a liberdade, devendo prestar a ele favores e obrigações. Enquanto que, para Joly (2010), a forma de ingresso nesse tipo de relação com o patrono é compulsória, para o cliente se dava de forma voluntária.

Da mesma forma que as relações entre um liberto e seu patrono se davam como uma forma de sobrevivência, as relações entre a aristocracia e o imperador também se davam assim. Para conviver com essa nova relação da figura de um governante como um *pater familias*, a aristocracia passou a adotar alguns tipos de comportamento para sobreviver ao regime do principado romano e conseguir um maior status e prestígio no império. Em relação à busca do poder e status pelos aristocratas, Fábio Favversani (2007) nos explica como se configuravam as relações entre o imperador e os aristocratas no império romano:

Um primeiro limite a essa perspectiva é o seu caráter tautológico. O que faz haver uma hierarquia entre os amigos do Imperador é sua maior ou menor proximidade com o governante. Como o que constrói essa posição é a relação em si, temos que, segundo essa proposição, alguém tem uma posição destacada porque ocupa uma situação de proximidade com o Imperador e o fato de ele gozar dessa situação deriva de ser um amigo próximo do Imperador. Ou seja, quem é próximo ao Imperador tem poder e tem poder quem é próximo ao Imperador. Ao explicar um fator pelo outro reciprocamente, tem-se uma não-explicação. Essa tautologia aparece com a eliminação do peso das instituições e normações legais que eram geridas pelo Estado, somada à substituição completa das estruturas formais de poder, que seriam meros pesos mortos, por uma rede clientelística que ocuparia o Estado. Um último ingrediente da construção da tautologia advém da pouca importância dada às diferenciações impostas para os agentes pelo mercado. (FAVERSANI, 2007, p. 54)

Favversani (2007) procurou evidenciar que a proximidade com o imperador era uma das principais formas de um aristocrata conseguir poder e prestígio durante o regime de principado. Isso porque a instituição do senado passa a não ter tanto peso político como na república e os membros que compunham essa instituição poderiam ser mudados constantemente, de acordo com a vontade do imperador. Quais seriam as

formas buscadas pelos aristocratas para conseguir uma maior proximidade com o imperador romano?

A bajulação seria uma das condutas viciosas para Tácito em que a aristocracia buscava não apenas a sua sobrevivência no império, mas também a aproximação com o imperador e, com isso, ganhar seus favores. Tácito, no *Diálogo dos Oradores*, demonstra claramente o que pensa a respeito da prática da bajulação:

essa grande e notável eloquência se alimenta da licença, a que chamam os tolos de liberdade, é companheira das sedições, incitamento do povo desenfreado, sem respeito e sem obediência, contumaz, temerária, arrogante, e que não surge nas coletividades bem organizadas.<sup>82</sup>

Mostrar-se aliado ao príncipe, por meio da bajulação, seria uma forma dos aristocratas terem uma maior influência de poder político no império romano e, ao mesmo tempo, uma forma de não enfrentarem graves punições do imperador. De acordo com Wiedemann (2008), a aristocracia tinha um lugar na vida pública apenas por meio da vontade do imperador:

Eles tinham um lugar na vida pública somente porque e na medida em que eles tinham o favor do príncipe. Eles eram o que em latim pode ser chamado *amici*, amigos. Aquele que perdesse a relação de amizade do imperador perderia as bases para sua existência pública - e o efeito disso estava na sua vida pública e às vezes sua existência pessoal chegava a um fim, se ele era um patrício ou um homem novo ou um liberto ou mesmo um parente do próprio imperador. De Augusto em diante, como notado por Dio Cassio, as políticas haviam cessado de ser públicas. Importantes escolhas políticas não necessitavam de ser debatidas ou votadas, em público, mas somente no *consilium* privado do imperador e seus *amici*. (WIEDEMANN, 2008, p. 198)

Essa relação do favor que aristocracia tinha para com o imperador é uma relação recíproca. Os imperadores, muitas vezes, sentiam-se obrigados a retribuir com outro favor, os favores prestados a eles. Para analisarmos melhor a questão do favor imperial, é necessário abordarmos as relações de trocas de benfeitorias em Roma. De acordo com Roller (2001), o ato de presentear alguém é um instrumento forte de sociabilidade, no império, entre os indivíduos e mantém uma aproximação entre os indivíduos da aristocracia entre si e entre o imperador:

Um presente é algo que, quando concedida a uma pessoa por outra, cria ou reforça uma relação pessoal entre doador e receptor. Especificamente, ele impõe um "presente de dívidas", uma obrigação pelo receptor para retribuir,

---

<sup>82</sup> Tac., *Dial.*40,2.

dando um presente de sua autoria, em algum momento posterior, mediante o doador original. Enquanto isso, o destinatário do presente da dívida torna-o socialmente subordinado e inferior ao doador. Ele não está absolvido dessa obrigação, e sua subordinação concomitante, até ao momento em que ele retribui a um nível pelo menos equivalente àquela em que ele recebeu. Este modo de troca, por conseguinte, envolve um alto grau de sociabilidade entre os negociantes. (ROLLER, 2001, p. 132)

A questão da troca de presentes entre aristocratas era um ato comum na sociedade romana. Se um aristocrata oferecesse um presente, um banquete, por exemplo, a outro aristocrata e se este último não retribuísse, ele estaria criando uma relação hostil com a pessoa que lhe deu o presente. Se o aristocrata retribuísse o presente, mas não na mesma altura em que recebeu, ele seria considerado um servo do aristocrata que lhe dera o presente, pois fica uma dívida na relação. Essa relação de troca de benefícios auxiliou a salientar um caráter de hierarquização na configuração das relações pessoais no império romano. Aquele aristocrata que desse um presente que os outros não conseguissem retribuir à altura, seria uma espécie de mestre para o restante. Expressar gratidão pelo presente, portanto, equivaleria à própria subordinação social para um benfeitor.

Os imperadores também poderiam se sentir obrigados a retribuir um favor. De acordo com Roller (2001, p. 194), “quando eles não conseguiram fazê-lo, eles sentiram o chicote de censura aristocrática”. O imperador, ao ser, por sua própria definição, o indivíduo mais poderoso da sociedade, determinou que nessas relações de troca de benefícios ninguém poderia se igualar ou superar os benefícios que ele oferecia. Temos como exemplo o caso de Silo na narrativa dos *Anais*, general que foi acusado durante o principado de Tibério:

Começaram por Silo, porque tendo este comandado por espaço de sete anos um poderoso exército, havendo recebido as honras triunfais pelas vitórias que alcançara na Germânia, e sendo o vencedor de Sacrovir, persuadiram-se agora, que quanto maior e inesperada fosse a sua queda, muito mais ela serviria para aterrar os outros. Persuadia-se também muita gente, que a causa principal do ódio que lhe tinha Tibério nascia de sua pouca moderação em falar; porque imprudentemente se jactava de que, havendo-se revoltado todos os exércitos, só o seu havia se conservado fiel; e que decerto Tibério não estaria no trono se suas legiões tivessem tomado o mesmo partido. Com esse discurso julgava o César destruída toda a fortuna; e que já não tinha com que premiar tão extraordinários serviços: porque os benefícios se estimam só enquanto se podem pagar; mas quando excedem toda a recompensa, em lugar de agradecimento só geram inimizades.<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> Tac., *Ann*, IV, 18.

Essa passagem ilustra bem toda nossa análise a respeito da troca de favores durante o principado romano. Primeiro temos um general que não possui a moderação como conduta, e justamente por isso, Silo se gaba de suas conquistas. Como vimos, o caso de Corbulão e Agrícola, generais que possuíam a moderação como virtude e transferiam, muitas vezes, seus êxitos para seus imperadores, com o objetivo de não causar nenhum tipo de afronta ao príncipe. Silo fez justamente o contrário desses generais ao exaltar seus feitos. Mas o grande problema não foi apenas a exaltação de Silo em seu ato. O general compara o seu ato com o do imperador Tibério e, ao mesmo tempo, se coloca como o grande responsável pela ação benfeitora. Nesse sentido, Silo beneficiou o imperador, o qual ele não poderia pagar. Tibério não poderia retribuir o feito de Silo, pois o general se colocara como o responsável pela própria posição imperial de Tibério.

Tácito nos diz claramente que os benefícios são estimados no império quando se pode pagar por eles. Isso ilustra bem o que falamos acima sobre a relação da troca de presentes no império romano. Como vimos, quando os presentes excedem em muito a capacidade do destinatário de retribuir este presente, ele se torna uma dívida e, a pessoa que presenteou, uma espécie de senhor para o presenteado. Silo, ao insinuar em sua declaração que o imperador não estaria mais no poder se não fosse por ele, colocou o seu ato muito acima do que Tibério poderia retribuir. A declaração de Silo minou a posição dominante do imperador. Considerando que ninguém poderia obter méritos e honras maiores que as do imperador, a atitude de Silo afrontou essa supremacia do imperador. É como se Silo tivesse sujeitado a Tibério em uma posição social menor que a dele, como se o imperador fosse um cliente do general. Essa passagem também demonstra que os imperadores pensavam e agiam das mesmas formas que se constituíam as relações da aristocracia entre si.

Silo foi condenado por *maiestas* e cometeu suicídio. Mas essa passagem de *Anais* serviu de exemplo crucial para ilustrar a maneira como se configuravam as relações de favores entre os aristocratas e seus imperadores. Ainda em relação a essa questão da troca de favores durante o império romano, podemos destacar o caso de Agrícola e Corbulão. Os dois generais tiveram imperadores que não detinham de muita experiência militar (no caso de Nero não havia nenhuma experiência). Vimos que, se esses generais tivessem muitos êxitos em suas campanhas, isso poderia causar inveja no imperador. Decerto que isso poderia causar uma sensação de dívida dos imperadores para com esses generais. Aliás, é isso que Tácito parece querer nos mostrar em sua

narrativa a respeito de Agrícola e Corbulão. O historiador reclama a negação dos triunfos a esses dois generais em sua narrativa, principalmente no caso de seu sogro.

Para Tácito, a celebração do triunfo desses generais seria uma forma de o imperador pagar sua dívida a esses generais pela competência e êxito de suas conquistas. Ao mesmo tempo, a própria narrativa de Tácito a respeito de Agrícola e Corbulão seria uma forma encontrada, pelo historiador, de recompensar o reconhecimento e o agradecimento justos, que eles não tiveram em vida.

## CONCLUSÃO

Tácito procurou fazer uma denúncia dos imperadores tiranos que governaram o império romano. Em sua narrativa, tanto nos *Anais* quanto na *Vida de Agrícola*, podemos verificar duras críticas ao governo dos imperadores Júlio-Claudianos e ao governo de Domiciano. Percebemos três imperadores que Tácito elogiou em sua narrativa: Vespasiano, Nerva e Trajano. A partir da narrativa sobre Corbulão, vimos uma crítica ao regime de governo de Nero. Corbulão, muitas vezes, parece ser apresentado como uma antítese do imperador. De um lado, temos um general virtuoso e do outro, um imperador tirano e cheio de vícios. O mesmo acontece com Agrícola. Por meio da narrativa sobre esse general, pudemos observar várias críticas ao governo de Domiciano. No caso, este último imperador foi considerado por Tácito como o mais tirano de todo o império romano, visto que o historiador o compara com Nero, e avalia que Domiciano era pior do que Nero.

O estudo sobre a vida de Corbulão e Agrícola abriu um leque de possibilidades para pensarmos não somente a respeito dos governos de Nero e Domiciano, mas também dos governos de Nerva e Trajano. Além disso, a narrativa sobre esses generais nos proporcionou uma maior percepção do comportamento e do papel da aristocracia romana durante o regime de principado. Apesar de Agrícola e Corbulão estarem em contextos diferentes, pudemos perceber uma certa permanência nas relações aristocráticas entre si e com os imperadores. Tácito demonstra que, mesmo tendo a ascensão de dois bons governantes, Nerva e Trajano, a aristocracia ainda estava contaminada pelos vícios de outrora. Buscamos apresentar aqui algumas modificações que o regime de principado trouxe para o comportamento da aristocracia e, ao mesmo tempo, procuramos demonstrar os aparatos que essa aristocracia desenvolveu para conseguir ganhar mais poder e prestígio e também sobreviver ao regime imperial.

A bajulação e a delação de traidores ao imperador seriam maneiras da aristocracia imperial não somente buscar prestígio do imperador, mas de sobreviver ao império romano. Para Tácito, essas duas condutas eram viciosas. O principado, de acordo com Tácito, proporcionou uma decadência moral da aristocracia. Podemos perceber isso na narrativa de Tácito sobre o governo de Augusto:

Com os transtornos do governo de Roma desapareceram todas as virtudes e costumes antigos. Perdida a igualdade, já se não atendia senão as vontades do

príncipe: e apesar disso, todos viviam satisfeitos com o presente, enquanto Augusto estava vigoroso, e conservava sua autoridade, sua família, e a paz.<sup>84</sup>

Apesar de Tácito ter demonstrado que a sociedade romana estava satisfeita com o governo de Augusto, o historiador deixa claro que, com este governo, desapareceram as virtudes romanas. A conduta ideal que a aristocracia deveria ter para Tácito, durante o regime de principado, seria aquela que apresentamos nas descrições dos generais Agrícola e Corbulão. Ambos possuíam a moderação como forma de sobreviver ao império romano. Dessa forma, a moderação seria para Tácito o comportamento apropriado para se ter a sobrevivência em governos tirânicos.

Tácito foi cônsul e senador, de modo que suas obras historiográficas interagem com a sua carreira política e com suas relações pessoais durante o império romano. Dessa forma, a carreira política de Tácito nos ajuda a pensar sobre a sua carreira literária. Por Tácito ter tido uma carreira política e, ao mesmo tempo, narrado a política imperial em suas obras, ele teve um conhecimento e vivência das questões que ele narrou. De acordo com Faversoni e Joly (2013), “não se trata mais de um Tácito que é observador da história e tece lições para a posteridade, mas um senador que atua politicamente e faz de seus escritos parte desta atuação”.

Nem sempre a análise de Tácito era coerente com o contexto em que narrava. Muitas vezes o historiador transpunha assuntos que eram relativos a sua época em outros períodos. No caso de Corbulão, por exemplo, vimos que Tácito inseriu problemas que eram da sua época ao período do general, a questão militar não era tão relevante no período em que Nero governara quanto ao período em que Tácito vivenciou, sobre o governo de Trajano. Associar um general a um imperador voltou a ser recorrente no principado apenas com as guerras civis e a vitória de Vespasiano.

De acordo com Syme (1967), Tácito estava presente em um contexto no qual estava havendo uma relativa mudança na aristocracia imperial. A ascensão dos *novi homines* começou progressivamente a ser mais recorrente no império romano, culminando com a entrada de Trajano como imperador. Tácito como um novo homem, provinha de uma província romana e conseguiu obter uma carreira política importante no principado. De acordo com Faversoni e Joly (2013):

Tácito, assim, teria uma preocupação política em evidenciar esta renovação como algo positivo e uma alternativa para o aperfeiçoamento do Principado.

---

<sup>84</sup> Tac., *Ann*, I, 4,1.



O próprio Tácito era possivelmente um provincial (assim como seu sogro Agrícola), da Gália Narbonense. Não será demais destacar que também Ronald Syme era um “provincial”, vindo da Nova Zelândia, e, talvez por isto, ainda mais sensível a respeito deste aspecto.

A ascensão do *novi homines* era, portanto, vista como uma característica positiva no regime de principado. Nessa passagem, os autores chegam a comparar o próprio Syme com Tácito, no sentido de demonstrar que, assim como Tácito foi um novo homem se apegou a essa questão em seus escritos, Syme poderia ter se sensibilizado a estudar essa questão em Tácito, por também ter sido originário da Nova Zelândia, ex-colônia inglesa, e ter feito sua carreira literária na Inglaterra.

Concordamos com Faversoni e Joly no sentido de que a obra de Tácito “é claramente uma ação política inserida em uma disputa violenta por glória”. Acrescentamos a essa afirmação a disputa pelo prestígio e *status*, visto que a questão da glória romana envolve a aristocracia militar e deixa de lado o resto da aristocracia romana. Vimos, em Tácito, não somente uma disputa pela glória militar, como resumizamos com os exemplos de Corbulão e Agrícola, mas também uma competição entre a aristocracia em busca de poder e *status* sob o principado romano.

## BIBLIOGRAFIA

- ALFÖLDY, Géza. *História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
- AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. Tradução P. A. Brunt; J. M. Moore. London: Oxford University Press, 1983.
- AZEVEDO, S. F. L. de. *Consilium muliebre ac deterius (Tac. Ann., XV, 54, 4): as personagens femininas e a construção da imagem imperial no principado de Nero*. 2011. 136p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.
- BARRETT, Antony. Annals 14.26 and the Armenian Settlement of A. D. 60. *The Classical Quarterly*, v. 29, p. 465-469, 1979.
- BEARD, Mary. *The Roman Triumph*. Massachusetts: Harvard University Press, 2007.
- BENARIO, Hebert W. *Imperium and Capaces Imperii in Tacitus*. *The American Journal of Philology*, 1972, v. 93, n. 1, p. 14-26.
- CANTO, Alicia María. CIL VI 10229: El testamento de Licinio Sura? *Chiron*, 21, 1991, p. 277-324.
- CHAMPLIN, Edward. *Nero*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- CLASSEN, C. J. *Tacitus: Historian between Republic and Principate*. *Mnemosyne*, 1988, v. 41, p. 93-116.
- DIÃO CÁSSIO. *Dio's Roman History*. Tradução Earnest C. London: The Loeb Classical Library, 1961.
- FAVERSANI, Fábio. *A Sociedade em Sêneca*. 2001. Tese (Doutorado). Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte. Sobrevivendo ao Principado: um estudo sobre a *Vida de Agrícola*, de Tácito. In: RIBEIRO; Leni; SILVA, Gilvan Ventura da (orgs.). *As múltiplas faces do discurso em Roma*. Vitória: Edufes, 2013 (no prelo).
- FERGUSON, J. F. Characterization in Tacitus. *The Classical Weekly*, 1913, V. 7, n. 1, p. 2-5.
- GOWING, M. Alain. Tacitus and the Client Kings. *Transactions of the American Philological Association*, 1974, v. 120, p. 315-331.
- GRIFFIN, Miriam. *Nero: the end of a dynasty*. London: B. T. Batsford, 1984.
- GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Tradução Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993.

GUARINELLO, Norberto Luiz; JOLY, Fábio Duarte. Ética e ambiguidade no principado de Nero. In: FUNARI, Pedro Paulo de Abreu (org.). *Ética e política no Mundo Antigo*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001, p. 133-152.

HAMMOND, Manson. Corbulo and Nero's Eastern Policy. *Harvard Studies in Classical Philology*, 1934, v. 45, p. 81-104.

HARTOG, François. *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

HAYNES, Holly. *The History of Make-Believe: Tacitus on Imperial Rome*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2003.

HIND, J.G.F. Is Nero's Quinquennium an Enigma?. *Historia*, v. 24/3, 1988, p. 629-630.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony. *The Oxford Classical Dictionary*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1996.

JOLY, Fábio Duarte. História e retórica em Tácito. In: LOPES, Marco Antônio (org.). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 158-164.

JOLY, Fábio Duarte. *Libertate opus est: escravidão, manumissão e cidadania à época de Nero (54-68 d. C.)*. Curitiba: Editora Progressiva, 2010.

JOLY, Fábio Duarte. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

LIEBESCHUETZ, W. *The Theme of Liberty in the Agricola of Tacitus*. *The Classical Quarterly*, 1966, v. 16, p. 126-139.

MARINCOLA, John. *A companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2007.

MARQUES, Juliana Bastos. Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito. *Revista Aletheia*, v. 1, n. 1, 2008, p. 1-11.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC, 2004.

O'GORMAN, Ellen. *Irony and misreading in the Annals of Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

PARATORE, Ettore. Tácito. In: PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

ROLLER, Matthew. *Constructing autocracy: aristocrats and emperors in Julio Claudian Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

ROLLER, Matthew. The exemplary past in roman historiography and culture. In: FELDHERR, Andrew (Ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

RUDICH, Vasily. *Political Dissidence under Nero: The Price of Dissimulation*. London: Routledge, 1993.

SAILOR, Dylan. *Writing and empire in Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SCARRE, Chris. *Historical Atlas of Ancient Rome*. Cambridge: Penguin books, 1995.

STADTER, Philip. Biography and History. In: MARINCOLA, John. *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Malden: Blackwell Publishing, 2007, p. 528-540.

SUETÔNIO. *As Vidas dos Doze Césares*. Tradução Sady-Garibaldi. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

SYME, Ronald. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1967.

SYME, Ronald. *The Roman Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TÁCITO, C. *Anais*. Tradução J. L. Freire de Carvalho. In: Clássicos Jackson. Vol. XXV. São Paulo: Editora Brasileira LTDA, 1952.

TÁCITO. *Vida de Agrícola*. Tradução de Agostinho da Silva. In \_\_\_\_\_. *Obras Menores*. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

TACITUS. *Annales*. Translation by A. J. Woodman. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2004.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: DUBY, G; ARIÈS, P. (Orgs.). *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

WALLACE-HADRILL, A. The imperial court. In: BOWMAN, Alan K; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew. (Orgs.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 283-308.

WIEDEMANN, T. E. J. Tiberius to Nero. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward and LINTOTT, Andrew. (Orgs.). *The Cambridge Ancient History*. Vol. X. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

WINTERLING, Aloys. *Politics and society in imperial Rome*. Oxford: Wiley/Blackwell, 2009.

WOODMAN, A. J. History and Alternative Histories: Tacitus. In: \_\_\_\_\_. *Rhetoric in Classical Historiography*. London and New York: Routledge, 1988. p. 160-19